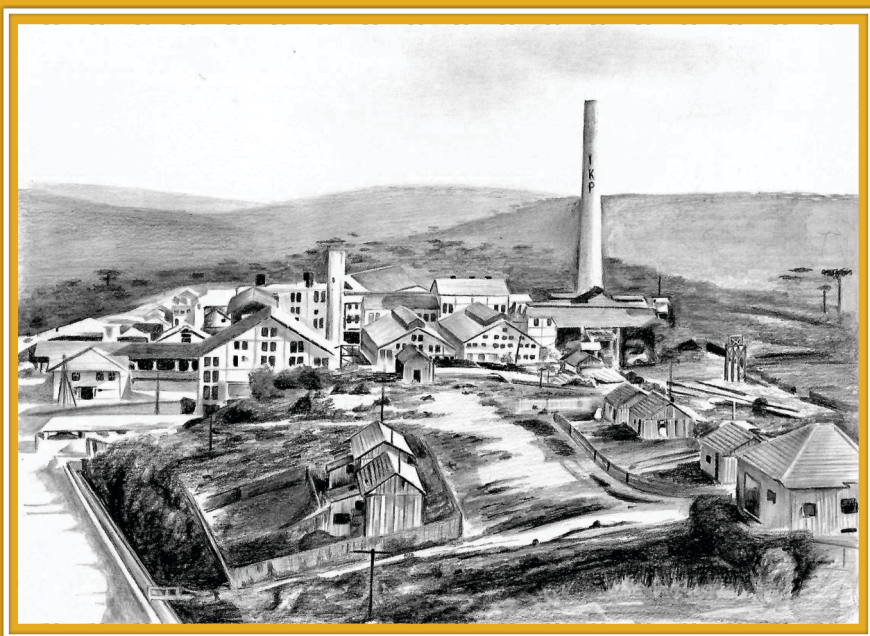


PARA ALÉM DO PAPEL

**O jornal *O Tibagi* e a construção
do discurso fundador de Telêmaco Borba - PR**



Ana Flávia Braun Vieira

CONSELHO EDITORIAL:

Presidente:

Dra. Larissa de Cássia Antunes Ribeiro (Unicentro)

Membros:

Dr. Fábio Augusto Steyer (UEPG)

Me. Anderson Pedro Laurindo (UTFPR)

Dra. Marly Catarina Soares (UEPG)

Dra. Naira de Almeida Nascimento (UTFPR)

Dra. Letícia Fraga (UEPG)

Dra. Silvana Oliveira (UEPG)

Dra. Anna Stegh Camati (UNIANDRADE)

Dr. Evanir Pavloski (UEPG)

Dra. Eunice de Moraes (UEPG)

Dra. Joice Beatriz da Costa (UFFS)

Dra. Luana Teixeira Porto (URI)

Dr. César Augusto Queirós (UFAM)

Dr. Valdir Prigol (UFFS)

Dr. Luís Augusto Fischer (UFRGS)

Dra. Clarisse Ismério (URCAMP)

Ana Flávia Braun Vieira

Para além do papel

O jornal *O Tibagi*
e o discurso fundador de
Telêmaco Borba - PR

TEXTO E CONTEXTO EDITORA

2020

@2019, Ana Flávia Braun Vieira

Coordenação Editorial: Texto e Contexto Editora

Diretora e Editora-chefe: Rosenéia Hauer

Preparação e Revisão de Texto: Thatiane Prochner

Revisão de normalização: Karla Neumann

Supervisão Editorial: Fábio Augusto Steyer

Projeto Gráfico: Rosenéia Hauer

Diagramação: Eloise Guenther

Arte de capa *Telêmaco Borba Antigamente*: André ALS

Arte final de capa: André ALS

Foto da orelha: Nicolas Salazar

V658p Vieira, Ana Flávia Braun
Para além do papel: o jornal *O Tibagi* e a construção do discurso
fundador de Telêmaco Borba - PR. [edição eletrônica] Ponta
Grossa : Texto e Contexto, 2020
225 p. ; il. Ebok PDF

ISBN 978-65-990049-2-6

1. História – Paraná. 2. Historiografia. 3. Telêmaco Borba - PR.
4. Indústrias Klabin. I. T.

CDD: 981.62

Sobre as imagens que compõem a obra: imagens das páginas 13,27,45,60,187,191 encontram-se em domínio público. As demais imagens foram produzidas pela autora sobre recortes de edições do periódico *O Tibagi*.

A linguagem de algumas citações está de acordo com as normas ortográficas vigentes na época.

Todo o conteúdo da obra é de responsabilidade da autora.

Texto e Contexto Editora

Rua Eduardo Bonjean, 375. Uvaranas

Ponta Grossa/PR

textoecontexto.editora@gmail.com

(42)988694697

No livro *Pedagogia da Autonomia*, o filósofo e educador Paulo Freire afirmou que “Ensinar não é apenas transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Partilhando dessa perspectiva, a iniciativa de publicar e disponibilizar gratuitamente o livro Para além do papel: O jornal O Tibagi e a construção do discurso fundador de Telêmaco Borba – PR em formato digital está relacionada à possibilidade de ampliação seu potencial de ensino, ao atingir maior número de pessoas, além de sua utilização como referencial teórico-metodológico para o desenvolvimento de novos conhecimentos, tanto sobre o papel do jornalismo no desenvolvimento de narrativas fundadoras quanto sobre a história do município de Telêmaco Borba.

Ana Flávia Braun Vieira
ana.braun@yahoo.com.br

Apresentação

Apresentar uma obra é uma tarefa honrosa, mas de grande responsabilidade. Precisamos expor para o leitor as principais ideias que ele irá encontrar dentro do livro que começou a folhear. E se não formos felizes em nossas palavras, talvez o leitor acabe a sua leitura mesmo antes de ela iniciar.

Por isso, meu caro leitor, quero fazer um alerta: você tem em suas mãos uma preciosidade, um livro que vale a pena saborear cada um dos capítulos. Mesmo tendo participado diretamente da sua construção, não ousaria dizer que este ou aquele é o elemento de destaque. Perdoe-me se falhei na missão de encontrar tais elementos. Mas cada parte do livro apresenta novas descobertas, seja pela presença de indígenas, de tropeiros, ou de outros indivíduos que tiveram o seu papel negligenciado na história de Telêmaco Borba. Esta obra é cheia de surpresas, de acontecimentos inesperados, de situações para as quais seriam possíveis inúmeros finais, e as fontes e a perspicácia da autora levaram para um deles.

Redundâncias à parte, para que você não fique perdido, vamos iniciar pelo começo: parece que foi ontem que entrevistei uma menina muito falante, cheia de convicções pessoais e acadêmicas. Uma estudante que não entendia o porquê da história da sua cidade ser contada de uma maneira que ela considerava tendenciosa, pois negligenciava fatos e acontecimentos significativos, os quais, na sua concepção de

historiadora, e principalmente na sua forma de ver o mundo, todos deveriam saber a verdade, no mínimo, as pessoas nascidas em Telêmaco Borba. Contudo, não era isto que as fontes tradicionais que abordavam a história de Telêmaco Borba apresentavam. Tanto a literatura sobre a cidade, quanto os materiais didáticos e portais informativos tinham como eixo central a História Positivista. Desta maneira, as narrativas privilegiavam os grandes heróis, os vitoriosos, os poderosos, dando origem ao mito da “Cidade da Klabin” - algo que pode ser facilmente percebido, não apenas pela ligação das pessoas com a empresa, mas, também, pelo nome das ruas e das principais instituições locais que mantêm uma vinculação direta com a Klabin.

Em certa medida, isso incomodava muito a nossa candidata ao mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. Ela queria recontar a história, mostrar que houve uma história antes da chegada da empresa, que ali viveram pessoas comuns que foram apagadas da história, ou melhor, foram substituídas por pessoas mais proeminentes e que hoje são consideradas as responsáveis pela criação da cidade de Telêmaco Borba.

Foi diante deste contexto que a nossa autora ampliou a discussão a partir de um cunho socioeconômico e passou a dialogar com uma vertente mais culturalista, a fim de compreender se - e como - o jornal *O Tibagi* colaborou para a construção de um imaginário coletivo que tinha nas empresas Klabin o marco fundador da cidade de Telêmaco Borba.

Perceber isso não foi uma empreitada fácil, mas prazerosa a cada nova descoberta e, agora, gratificante ao ver materializada por meio desta obra outra possibilidade de percepção sobre a história da cidade de Telêmaco Borba. Para o mundo acadêmico, a contribuição deste livro se dá nas dicas

teóricas/metodológicas que permitem pensar e tencionar os discursos estabelecidos em torno da história das cidades, principalmente aquelas de pequeno e médio porte, as quais, normalmente, substituem de sua história fatos e pessoas que não fazem parte das elites

Nesta obra, a autora demonstrou que havia um projeto editorial no jornal *O Tibagi*, o qual foi fundamental para a consolidação do mito fundador em torno da presença das Indústrias Klabin na criação de Telêmaco Borba. Para isto, o jornal utilizou de estratégias discursivas para estabelecer seu local de enunciador da realidade, ao mesmo tempo em que silenciou sobre outras possibilidades históricas.

Esta ausência de filiação ao passado contribuiu para familiarização dos leitores a outros discursos, que constantemente eram reificados. A disseminação de narrativas sobre a chegada do progresso àqueles “sertões”, entre outras estratégias argumentativas do jornal que serão demonstradas pela autora, emprestou sentido à criação de uma nova história para o lugar, que teve como data de inauguração o ano de 1941, momento de aquisição das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre pelas Indústrias Klabin. Essa é a história que vinha sendo contada de geração para geração, mas esperamos que este livro leve o leitor a perceber que outras histórias são possíveis.

Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior

Sumário

Introdução	13
As indústrias Klabin, suas relações políticas e de poder	27
A história de Telêmaco Borba nas fontes literárias	45
O jornal <i>O Tibagi</i> e a construção de um discurso fundador	79
Considerações finais	212
Referências	219

Introdução



Vista panorâmica da fábrica, década de 1940.

O que hoje se conhece como Telêmaco Borba¹ é um município situado na região centro leste do Estado do Paraná, localizado a aproximadamente 241Km da capital Curitiba. Sua extensão territorial abrange 1.382.860Km², fazendo divisa com os municípios de Curiúva, Ortigueira, Tibagi, Ventania e Imbaú. Por mais que tais dados sirvam para fixar as fronteiras do território telemacoborbense, a noção de região empregada neste trabalho extrapola uma perspectiva clássica, compreendendo que a história de um lugar não pode restringir-se aos seus limites. Assim, a história telemacoborbense não inicia quando a localidade é elevada à categoria de município, no ano de 1964, mas, é anterior, pois o que se conhece hoje por Telêmaco Borba já foi um local com uma abrangência territorial e histórica maior.

Os pressupostos teóricos para o desenvolvimento desta reflexão estão nos escritos do sociólogo francês Pierre Bourdieu

¹ Em relação às suas características essenciais, o município paranaense conhecido atualmente como Telêmaco Borba só recebeu esta denominação quando de sua emancipação da Comarca de Tibagi, no ano de 1964. Até esse período, ele era dividido em dois territórios: Fazenda Monte Alegre, de propriedade privada da família Klabin, e Cidade Nova, que compreendiam moradias do lado oposto à Indústria Klabin, em relação ao Rio Tibagi (CARVALHO, 2006).

(2012). Segundo o autor, existe uma estreita relação entre a classificação do que pertence ou não a uma região e a construção da identidade local. Por este motivo é que a capacidade de classificação é disputada nas relações de poder. De acordo com o teórico, em tais disputas, são duas as representações em jogo: as *objectais* e as *mentais*, organizadas a partir de “critérios logicamente controlados e empiricamente fundamentados da ciência, [que] faz esquecer que as classificações práticas estão sempre subordinadas a *funções práticas*” (BOURDIEU, 2012, p. 112). Isto significa que as representações objetais se interessam na manipulação simbólica das representações mentais, que consistem nos princípios práticos do cotidiano. Nas palavras do autor,

[...] são objecto de *representações mentais* actos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos, e de *representações objectais*, em coisas (emblemas, bandeiras, insígnias, etc.) ou em actos, estratégias interessadas de manipulação simbólica que têm em vista determinar a representação mental que os outros podem ter destas propriedades e dos seus portadores (BOURDIEU, 2012, p. 112).

Segundo Bourdieu (2012), as propriedades simbólicas podem ser utilizadas de modo estratégico, com o intuito de atender aos interesses materiais (e também simbólicos) de seu detentor. Assim, neste processo, o que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo, “através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo” (BOURDIEU, 2012, p. 113).

Em relação a isto, a delimitação do que pertence ou não à região e, por conseguinte, à identidade local, Bourdieu (2012) argumentou que estas não ocorrem num espaço natural, mas, a partir de imposições. Para exemplificar, apresentou a etimologia dos termos *regere fines* e *regere sacra*, a partir dos escritos de Emile Benveniste. O primeiro refere-se à delimitação de fronteiras por uma pessoa importante, encarregada do segundo, que pode ser entendido como o ato de “fixar regras que trazem à existência aquilo por elas prescrito, de falar com autoridade, de predizer no sentido de chamar ao ser, por um dizer executório, o que se diz, de fazer sobrevir o porvir enunciado” (BOURDIEU, 2012, p. 114). Assim, entende-se que a região e seus limites são vestígios da autoridade, construídos e produzidos pela imposição de um determinado detentor do poder, que decide o que faz ou não faz parte desse espaço, estabelecendo fronteiras no que é natural, incluindo ali uma representação do real. Por essa razão, a região é um espaço de conflitos, resultado de uma conquista não somente simbólica, que tem seus limites e fronteiras – e também a sua história – construídos a partir de uma relação de dominação.

Diante dessas considerações, é interessante refletir a respeito da história do município de Telêmaco Borba, uma vez que as terras que compreendem a região foram mencionadas pela primeira vez em documento oficial, em uma carta de concessão de sesmarias, em meados de 1727 (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003). Desse período – e mesmo antes – até a aquisição da Fazenda Monte Alegre pelos industriais da família Klabin, em 1941, diversos grupos passaram e exerceram seu domínio pela localidade, como indígenas, tropeiros, bandeirantes, jesuítas e exploradores em geral (FERNANDES, 1974; CORAIOLA, 2003; CUNHA, 1982). Entretanto, a

Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba (PMTB) apresenta o ano de 1941 e as ações do governo de Getúlio Vargas para a industrialização nacional como marco inicial da história local².

De acordo com o site da PMTB, o histórico do município remonta à década de 40, quando o então Presidente, Getúlio Vargas, iniciou o programa de incentivo à industrialização do Brasil, com o intuito de substituir as importações, que estavam bastante limitadas no período da Segunda Guerra Mundial. Entre produtos que foram julgados importantes para a produção em território brasileiro estava o papel, por meio da produção de celulose nacional. Assim, a fabricação desse material ficou sob a responsabilidade de industriais que, mais tarde, instituíram a Indústria Klabin do Paraná Papel e Celulose S/A (IKPC), instalada às margens dos rios Tibagi e Harmonia. Segundo a publicação, “o risco de implantação era grande visto que o projeto de construção era para o sertão do Paraná, onde não havia casas, e nenhum quilômetro de estradas de rodagem, entretanto, havia uma vantagem, a existência de grande volume de matéria-prima para a fabricação”³.

O site apresenta também informações sobre a criação de toda uma infraestrutura para o funcionamento de uma fábrica de papel, como “o primeiro núcleo operacional [...] [que] fixou local na região central da Fazenda Monte Alegre e recebeu a denominação de Lagoa”, a construção da usina hidroelétrica de Mauá, a barragem no Rio Harmonia – que garantiria o abastecimento da indústria – e o aeroporto que, na época de sua construção, era um dos maiores do Paraná”⁴.

2 Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 09/07/2014.

3 Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

4 Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

A publicação refere-se à região como um sertão, onde não havia casas nem estradas, atribuindo à indústria a habitação daquele território, a partir de “uma verdadeira expedição do interior do Paraná”⁵. Em seguida, conta sobre a chegada de Horácio Klabin (HK) à Monte Alegre, em 1947, para assumir o cargo de diretor administrativo das IKPC. De acordo com o site, HK

[...] determinou a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, construindo uma nova cidade, pois já existiam vários núcleos habitacionais na fazenda Monte Alegre e para a Indústria era muito oneroso manter todo esse pessoal dentro da fazenda que também já não atendia a demanda por mais habitações⁶.

O histórico da PMTB afirma, ainda, que começaram a surgir moradias clandestinas do lado oposto à Klabin, na outra margem do rio Tibagi. Teve início, então, o loteamento Mandaçaia, o qual, mais tarde, passou a se chamar Cidade Nova⁷. Além disso, apresenta a construção do Bonde Aéreo – um dos principais pontos turísticos da cidade – como uma iniciativa de Horácio Klabin, visando transporte facilitado aos que na fábrica trabalhavam.

O último tópico abordado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, na sistematização da história local, trata do processo de elevação da localidade a município independente da cidade de Tibagi:

5 Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

6 Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

7 Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Consultado em 15/01/2015. Como será possível perceber ao longo do trabalho, este trecho é bastante semelhante à narrativa de André Miguel Coraiola (2003).

Entre os anos de 1960 até 1964, ocorreram discussões a favor da emancipação da Cidade Nova de seu município de origem, Tibagi. Mas, somente em 21 de março de 1964 o procedimento foi sancionado pelo então governador Ney Aminthas de Barros Braga. E essa lei deu origem então ao município de Telêmaco Borba, tendo como prefeito Péricles Pacheco da Silva ⁸.

Já na conclusão do histórico, apresentado em nove parágrafos, o site apresenta uma justificativa para a escolha do nome da cidade: “uma homenagem feita ao coronel Telêmaco Enéias Augusto Morosini Borba”⁹.

Acredita-se que este vazio histórico entre as primeiras menções àquelas terras, que datam do século XVIII, e a narrativa publicada pela PMTB tenha direta relação com a capacidade de dizer o que pertence ou não ao regional, trabalhada por Bourdieu (2012), e a formação identitária local. A existência de um passado anterior àquele publicado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, no site oficial do órgão, contribui para o entendimento de que a história do município é apresentada a partir de uma organização discursiva construída para o lugar.

O demonstrativo desse processo de sistematização é a existência de uma narrativa fazendo menção ao período que compreende este vazio nos escritos do Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba, também organizado pela PMTB (2005) e publicado em 2005. Desse modo, entende-se que não se trata da ausência de conhecimento da Prefeitura em relação ao processo de conquista e colonização do Estado do Paraná, da ocupação regional e da história do município – temas abordados pelo Plano Diretor em relação

⁸ Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

⁹ Ibid². Acessado em: 23.01.2015.

ao passado local – e, sim, uma escolha, que, como todo recorte, é intencional. A partir dessas colocações, questiona-se: dado o longínquo passado local, quais foram as influências para a construção de uma história, sancionada pelo órgão máximo da cidade, com início apenas em 1941?

Acredita-se, mesmo de forma hipotética, que a principal contribuição para a construção da história de Telêmaco Borba, iniciada com chegada do empreendimento da Klabin, tenha sido as narrativas disseminadas pelo periódico local: o jornal *O Tibagi*, de propriedade de Horácio Klabin. Sabendo que as coisas têm histórias que as inauguram, resta saber como *O Tibagi* organizou tais narrativas, ou seja, quais foram as estratégias utilizadas pelo jornal na estruturação da história local.

Quando um discurso é organizado e se propõe contar a história de determinada localidade, pode, muitas vezes, carregar a conotação de discurso fundador. O que caracteriza um discurso como fundador é a sua capacidade de criar uma nova tradição, (re)significando o passado, instituindo em seu lugar uma outra memória, sustentando, assim, uma nova tradição de sentidos. Outra característica dos discursos fundadores é o sentimento de filiação: ao criar uma nova tradição, os sentidos se projetam para diferentes tempos históricos (no presente projetam-se para o futuro e para o passado), trazendo esse novo discurso para o efeito permanente. Ao adquirir esse caráter familiar, o discurso se torna a própria história, carregando a conotação de algo evidente do que foi, e só pode ser dessa maneira. Sobre a filiação, Orlandi escreveu:

Nessa passagem do sem-sentido para o sentido não estamos pensando a história dos fatos, e sim o processo simbólico, no qual, em grande medida, nem sempre é a razão que conta: inconsciente

e ideologia aí significam. Não é a cultura ou a história factuais, mas a das lendas, dos mitos, da relação com a linguagem e com os sentidos. É a memória histórica que não se faz pelo recurso à reflexão e às interações, mas pela “filiação” (não aprendizagem). Aquela na qual, ao significar, nos significamos. Assim, nessa perspectiva, são outros os sentidos do histórico, do cultural, do social. Mas que assim mesmo nos constroem um imaginário social que nos permite fazer parte de um país, de um Estado, de uma história e de uma formação social determinada (ORLANDI, 2003, p. 13).

As “realidades históricas” de um discurso fundador são produzidas a partir da interação entre a representação do real, construído por meio da ideologia e do imaginário. Na constituição destas realidades, o sentido não está nele mesmo, “mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2012, p. 42-43). É dessa forma que o processo de construção de sentidos se relaciona com a ideologia da classe que detém o poder simbólico, que influencia no que deve e no que não deve ser dito sobre o passado de dado local na constituição de sua memória oficial.

Para a linguística, a ideologia é usada como um mecanismo de apagamento da interpretação: “nesse movimento da interpretação, o sentido aparece-nos como evidência, como se ele já estivesse sempre lá. Interpreta-se e, ao mesmo tempo, nega-se a interpretação, colocando-a no grau zero. Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico” (ORLANDI, 2012, p. 45 - 46). É dessa maneira que a ideologia influencia o que é dito e o que é não-dito em

um discurso. O dizer tem relação direta com o não-dizer, que está implícito. São complementares. Afinal, existe uma gama de não-ditos que também significam. Existe um não-dizer que é fundamental, sendo o silêncio um “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido” (ORLANDI, 2012, p. 83). E são as relações de poder que produzem esses silêncios: o que não está sendo dito (inconsciente) e o que não pode ser dito (consciente).

Os discursos fundadores funcionam como enunciados, “que vão nos inventando um passado inequívoco e empurrando um futuro pela frente, e nos dão a sensação de estarmos dentro de uma história de um mundo conhecido” (ORLANDI, 2003, p. 12). Esses enunciados reverberam efeitos no dia a dia, mesmo que não sejam exatamente os mesmos encontrados dos documentos históricos, pois o que importa não é necessariamente o que foi dito, mas a versão que ficou do que fora dito (ORLANDI, 2003). Em geral, os enunciados dos discursos fundadores repercutem e influenciam na história cotidiana, na organização de uma memória oficial e, conseqüentemente, na identidade histórica, especialmente pelo caráter de veracidade que apresentam.

Esta questão é bastante perceptível no caso de Telêmaco Borba. Mesmo aqueles alheios à história do município e que por lá realizassem um breve passeio, poderiam facilmente atribuir às Indústrias Klabin importância fundamental para o desenvolvimento local, pois, no município, que recebe a alcunha de Cidade Papel¹⁰, diversas ruas, praças e instituições recebem nomes como Avenida Horácio Klabin, Praça Horácio Klabin, Colégio Estadual Wolff Klabin, Praça Luba Klabin e Avenida Samuel Klabin, entre outros. Até mesmo no processo

¹⁰ No jornal *O Tibagi*, a referência ao local como “cidade papel” é bastante frequente, especialmente, nos textos escritos por Hellê Vellozo Fernandes.

de emancipação da cidade, a influência da família de industriais e seu empreendimento foi pauta de discussão: “Wolfflândia” fora cogitada como denominação para a cidade que surgia, em homenagem ao Wolff Klabin (CORAIOLA, 2003, p. 94). Além destas, ainda existem outras alusões que contribuem para a relação entre a existência e o desenvolvimento local à indústria, como as publicações literárias relacionadas à cidade.

Acredita-se que tais referências têm vínculo direto com o estabelecimento dessa nova história, a partir da organização de um discurso fundador favorável à indústria, disseminado pelo periódico de Horácio Klabin. Assim, esta obra tem como objetivo a análise de conteúdo do jornal *O Tibagi*, a fim de verificar sua influência na formação do discurso fundador de Telêmaco Borba. Trata-se, portanto, de um estudo sobre a construção da história local, a partir da perspectiva do periódico local¹¹.

Este livro configura-se como uma pesquisa histórica pautada em fontes jornalísticas. A escolha de *O Tibagi* como fonte se deu em razão deste ter sido, durante longo período, o único jornal produzido na localidade e que tratava com especificidade de temas locais, permitindo, assim, inferir a respeito da influência do periódico na constituição do discurso fundador de Telêmaco Borba.

A opção pelo recorte temporal, que compreende os anos de 1948 e 1964, tem relação com a data de publicação do primeiro exemplar do jornal, em 23 de novembro de 1948, e a emancipação da localidade como município de Telêmaco Borba, em 21 de março de 1964.

11 É importante deixar claro que existiam outras narrativas sobre o local, até mesmo contraditórias ao jornal, circulando em Monte Alegre e Cidade Nova. Entretanto, este livro é dedicado ao estudo da história de Telêmaco Borba, a partir da perspectiva da imprensa local.

Os exemplares do semanário estão disponíveis para consulta por pesquisadores na Casa da Cultura, em Telêmaco Borba. Com edições praticamente completas, os jornais estão encadernados ano a ano, desde sua primeira edição até 1996¹², quando do encerramento de suas atividades. Com pressupostos em Pierre Nora (1993)¹³, quando o historiador tratou da necessidade de criar datas e aniversários, foram escolhidas para esta pesquisa – além do exemplar número 01 do periódico – as edições anuais de aniversário, que eram seis; sete vezes maiores do que as edições semanais. Ademais, esta escolha também permite visualizar um projeto ideológico e seu desenvolvimento ao longo dos anos.

12 Entre as edições do jornal *O Tibagi* correspondentes ao recorte temporal da pesquisa, o volume encadernado com as publicações referentes ao ano de 1955 foi extraviado do acervo da Biblioteca da Casa da Cultura.

13 Tendo como referencial os estudos de Pierre Nora (1993) e o conceito de *lugar de memória*, entende-se o jornal também como um lugar de memória, pois possui a capacidade de criar memórias a partir do conteúdo selecionado e publicado, ao mesmo tempo em que pode contribuir para o esquecimento, quando deixa de noticiar dado acontecimento.

As Indústrias Klabin, suas relações políticas e de poder



Visita de Getúlio Vargas à Monte Alegre.

O Governo de Getúlio Vargas

No início do século XX, foram diversas as mudanças políticas e econômicas no Brasil. A partir da década 30, o país passou a experimentar uma nova forma de governo, que teve suas ações personificadas na figura popular do então Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas.

Quando do ingresso de Getúlio Vargas ao poder, muitas foram as medidas tomadas, pautadas no ideal de uma nova democracia, que “negava a ideia de uma sociedade fundada no dissenso, postulando a tendência à unidade em todos os aspectos, fossem econômicos, políticos, sociais ou morais” (GOMES, 1998, p. 516). Nesse período, de acordo com Gomes, “a identificação entre Estado e nação, bem como a concentração da autoridade do Estado na figura do presidente, nessa proposta, eliminava a necessidade de ‘corpos intermediários’ entre o povo e o governante” (GOMES, 1998, p. 516).

Na construção do mito Vargas, o autoritarismo foi um facilitador da divulgação de mensagens oficiais. Ao mesmo tempo, sua popularidade foi também construída pela promoção de políticas sociais. Entre elas, destaca-se a “Consolidação das

Leis do Trabalho”, que regulamentou as relações individuais e coletivas de trabalho. Para Mourelle (2012, p. 109), esse tipo de legislação visava “vincular a memória social do trabalhador às realizações do Presidente da República à época”, proporcionando a criação de um vínculo emocional entre os trabalhadores e o “pai que beneficia os filhos e, por isso, merece reconhecimento”. Dessa maneira, Vargas passou a ser concebido como um líder paternal, que se voltava direta e emocionalmente para “seu” povo (GOMES, 1998).

A respeito do governo Vargas, Willer escreveu:

Os anos 30 presenciaram as tentativas de “invenção” de um novo Brasil pela afirmação de um orgulho de brasilidade. No campo da cultura este sentimento já se estabelecera desde os anos 20, principalmente a partir do movimento Modernista. Com a Revolução de 30, esse sentimento passa a abranger também a economia e, conseqüentemente, a organização do trabalho. O Estado Novo, autoritário e centralizador, promove a mística do governante como homem que não se atém aos interesses das classes dominantes, mas que também atende aos trabalhadores. Ele organiza o próprio movimento operário e garante as conquistas sociais e trabalhistas, se opondo às agitações sindicais dos anos 10-20. Surge o discurso sobre o “bom trabalhador”, sobre o indivíduo disciplinado, a família higienizada e o trabalho organizado (WILLER, 1997, p. 06).

Outro discurso presente na retórica de Vargas estava relacionado ao progresso e à industrialização do Brasil. Para Mourelle, citando Benjamin, o uso da noção de progresso,

[...] [que] faz lançar o olhar dos homens para o futuro, seria uma tática das classes dominantes

de atribuir à classe operária “o papel de salvar gerações futuras”, o que diminuiu também o “ódio” em relação ao passado de opressão vivido pelos seus antepassados (BENJAMIN, 1994, p. 228–229, apud, MOURELLE, 2012, p. 109).

Esse imaginário a respeito do avanço da nação, disseminado por meio da propaganda do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e pelos discursos do próprio Presidente Vargas, contribuiu para que o trabalhador aceitasse “sua condição de reprodutor da realidade vigente e se entregou ao labor do dia a dia de modo quase mecânico” (MOURELLE, 2012, p. 111). Acredita-se que essas narrativas em relação ao progresso e à modernidade brasileira se instalaram com facilidade porque traziam como argumento a superação das crises políticas, sociais e econômicas do Brasil (DAMASCENA JR., 2007).

O discurso a respeito do progresso - que nesse contexto também tinha como sinônimo modernidade¹⁴ - alimentava o imaginário da população diante do objetivo de que o Brasil “alcançasse o desenvolvimento adequado ao século em que se encontrava” (DAMASCENA JR., 2013, p. 97-98). Para tanto, faziam-se necessárias a industrialização, a urbanização, a modernização, a europeização, a americanização e a civilização do Brasil (DAMASCENA JR., 2013).

14 O uso da palavra modernidade é semanticamente confuso, pois, quando do surgimento dessa expressão, ela era utilizada para designar o que hoje é conhecido como “atual”. Somente no século XVII que seu sentido passou a ser empregado como algo novo e positivo, passando a ser utilizado na Europa “para adjetivar a forma de pensar e viver do Ocidente; a forma ‘correta’, ‘racional’” (OLIVEIRA, 2013, p. 89). Para Oliveira, neste ideal de modernidade, as pessoas são envolvidas em um sem fim de acontecimentos que não conseguem compreender nem controlar. Produz-se um imaginário a respeito de algo que não se sabe muito bem o que é, mas que, pelo seu discurso de divulgação, passa a ser associado com algo bom.

Um fator que contribuiu para esse processo foi a depressão americana dos anos de 1930. Com os Estados Unidos em crise e sendo ele o maior comprador do café brasileiro, principal fonte de negociações internacionais, o Brasil precisou dar início ao seu processo de industrialização, pois, até então, sua economia era basicamente agrária. Tal incentivo à industrialização foi também entendido como um agente da modernização (DAMASCENA JR., 2013).

Os investimentos explícitos para a modernização nacional tiveram início a partir da tentativa de instalação da primeira siderúrgica no Brasil, em 1935. Segundo Damascena JR.,

[...] a partir de então, o processo de industrialização e modernização do país tornou-se cada vez mais intenso. Esse momento foi marcado também pela proposta da marcha para o Oeste apresentada por Getúlio Vargas por volta de 1939. Proposta que, nos textos jornalísticos, se apresenta diretamente relacionada com a ideia de progresso para o país (DAMASCENA Jr., 2013, p. 98-99).

O projeto denominado “Marcha para o Oeste” tinha como foco a ocupação e o desenvolvimento do interior do Brasil, visto que, naquele período, a maioria da população brasileira encontrava-se na região litorânea, enquanto regiões como o Norte e o Centro-Oeste eram pouco povoadas.

Entre as medidas tomadas para a concretização da “Marcha para o Oeste” destaca-se a construção de estradas, que, entre outros motivos, foram um atrativo para empresas colonizadoras, bem como um incentivo à instalação de indústrias de base pelo interior brasileiro. Entre essas, é possível destacar a fábrica que hoje é conhecida como Indústrias Klabin de Papel e Celulose S/A. Esta construção foi responsável pela fabricação de celulose nacional – produto até

então importado – e pelo desenvolvimento urbano de parte do interior do Paraná.

A problematização a seguir tem pressupostos no trabalho do historiador Marcelo Willer, que, em *Harmonia: uma utopia urbana para o trabalho*, discorreu sobre o relacionamento entre o governo federal e os membros da família Klabin. Além disso, em seus escritos também ponderou a respeito dos ideais presentes no Estado Novo e como estes se fizeram presentes nas práticas no interior da Fazenda Monte Alegre.

Segundo Willer (1997, p. 07), a implementação da indústria no interior do Paraná só foi possível devido aos “importantes incentivos econômicos e fiscais que, aliados à grande disponibilidade de matéria-prima na região, ajudaram a viabilizar um projeto tão ambicioso para a época” (WILLER, 1997, p. 07). Ademais, a implantação de um projeto industrial de tamanha grandeza só foi possível por estar estreitamente ligada aos projetos do Estado Novo, seu principal financiador e investidor (WILLER, 1997, p. 61)¹⁵.

15 O interesse de Vargas na construção da fábrica de papel e celulose no interior do Paraná pode ser mensurado pelas vezes que esteve Monte Alegre: duas foram as visitas para verificar o andamento do empreendimento. Willer (1997, p. 66-67) apresentou a justificativa para tal interesse: “como iniciativa exemplar de industrialização para o vasto interior do país, inserido na preocupação da “marcha para o oeste” de civilização dos sertões desabitados, também convinha a Vargas que a sociedade a se constituir em torno de um empreendimento tão emblemático também se constituísse em exemplo de organização para as populações que se aglomeravam em torno dos centros industriais emergentes nas grandes cidades do país”.



Vista aérea de Harmonia, s/d.

O local escolhido para a instalação da indústria foi a Fazenda Monte Alegre, na região central do estado do Paraná, afastada dos grandes centros consumidores. Por essa razão, “trata-se de um projeto industrial que pensa tanto a instalação fabril em si quanto a infraestrutura secundária que sustente a indústria, abrangendo desde moradia para o corpo técnico até o alojamento para o conjunto de trabalhadores que vão operar a fábrica” (WILLER, 1997, p. 07). Para o pleno funcionamento da indústria na região foi desenvolvida uma infraestrutura urbana que contemplou as principais necessidades de seus trabalhadores: foram oferecidas moradias, escolas, hospitais, clubes, mercadinhos. A promoção desses serviços trouxe benefícios aos trabalhadores ao mesmo tempo em que serviu para assegurar a mão de obra. A este respeito, Willer escreveu:

Do ponto de vista da empresa, ele se pauta por um modelo empresarial germânico em suas conotações paternalistas. Do ponto de vista governamental, ele assegura a implementação do corpo sadio, algo tão enfatizado pelo discurso do Estado Novo. A ideia de nação forte está indissociavelmente presa à do trabalhador igualmente forte, respaldado pelas garantias de ensino, da assistência médica, do atendimento religioso, do exercício físico e, sobretudo, da família (WILLER, 1997, p. 09 - 10).

A oferta de tais garantias possibilitou que grande número de operários se fixasse próximo à fábrica, garantindo, assim, o contingente necessário à produção industrial, ao mesmo tempo em que atuou sobre estes trabalhadores, “de forma a constituir uma comunidade de indivíduos sadios e disciplinados, enfim, para o trabalho industrial” (WILLER, 1997, p. 48)¹⁶.

Além da implantação de diversos acampamentos e de dois núcleos urbanos – Harmonia e Lagoa –, pelo território da Fazenda Monte Alegre, foi necessária, também, a implementação de uma estrutura de apoio, com a construção de um sistema de rodovias, duas barragens, uma usina hidroelétrica.

O local para a construção da fábrica foi Mortandade, denominação oriunda do assassinato em massa de indígenas caingangues na localidade, promovido pelo coronel José Felix da Silva, no final do século XVIII. Assim que os industriais decidiram pela construção da fábrica neste local, alteraram seu nome para Harmonia. A escolha do nome Harmonia foi emblemática: “a nova denominação nos remete à proposta de cooperação de classes representada pelo corporativismo do Estado Novo” (WILLER, 1997, p. 65).

¹⁶ É oportuno ressaltar que tais ações são inspiradas no projeto de governo nacional, mas que por isso os trabalhadores deixaram de exercer sua autonomia, mesmo que de modo velado, dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre.

O exercício do poder simbólico pela Klabin na região

A família Klabin, que já era consagrada na produção de papel, especialmente em São Paulo, adquiriu as terras que correspondem à Monte Alegre em um leilão do Banco do Estado do Paraná (BEP). Entre os sócios e familiares responsáveis pelos investimentos, dois nomes receberam maior destaque, principalmente no processo de aquisição das terras da Fazenda: Wolff Klabin e Horácio Lafer. Ambos entendiam as relações políticas como essenciais para o desenvolvimento do grupo¹⁷. Destacam-se, entre estas relações, a amizade com Manoel Ribas, interventor do Estado do Paraná por indicação de Getúlio Vargas.

Com a construção da fábrica de papel e celulose, os interesses de todos seriam atendidos: Manoel Ribas visava o desenvolvimento econômico do Estado e, por isso, intermediou o processo de compra das terras de Monte Alegre

17 Segundo Margalho (2008), a segunda geração da família Klabin [atuante durante o processo de negociação e início do empreendimento], representada pelas figuras de Horácio Lafer e Wolff Klabin, foi fundamental para o desenvolvimento do projeto no interior do Paraná. Eles entendiam que relações amistosas com representantes influentes da sociedade política eram primordiais para a defesa dos interesses econômicos da família e do grupo econômico mais amplo. Nesse sentido, “o investimento na construção das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose no primeiro Governo Vargas apenas foi possível porque a KIC [Klabin, Irmão & Cia – como, na época, era chamada a empresa da família] acumulou um sólido capital político” (MARGALHO, 2008, p. 23). Esta argumentação está fundamentada nas atividades políticas exercidas por esses membros da família. Horácio Lafer teve uma intensa e extensa participação política: foi deputado e Ministro da Fazenda do segundo governo Vargas. Seu primo Wolff Klabin também teve participações importantes na sociedade civil: “A atuação dele como representante de sua família no interior de entidades de classe foi importante porque significava a consagração nos espaços institucionais da sociedade civil, abrindo, por conseguinte, as perspectivas de acumulação de capital político” (MARGALHO, 2008, p. 30).

para a instalação de uma indústria papelreira pelos Klabin. Estes, por sua vez, galgariam mais um degrau na ascensão política, econômica e social iniciada após a vinda do patriarca da família para o Brasil; também, Getúlio Vargas, entendendo – entre outros motivos mais estritamente industrializantes – a importância da publicidade de seu governo através da imprensa, incentivava a produção de papel nacional.

Além do apoio recebido pelos governos Federal e Estadual, que contribuiu para a detenção do poder simbólico (político, econômico) pela Klabin na região, acredita-se que a manutenção e legitimação deste poder se deu, a partir de 1948, através da organização da história local por meio do jornal *O Tibagi*.

O exercício do poder está em toda a parte: na rua, na família, na sociedade. Este poder, presente em todos os locais e relações sociais, possui um efeito invisível, pois passou por um processo de naturalização através da imposição dissimulada¹⁸, que ocorre a partir da relação entre senso e consenso.

O poder estruturante pode ser exercido pelo mito, língua, arte, ciência, comunicação etc., atuando como “instrumentos de conhecimento e construção do mundo dos objetos como ‘formas simbólicas’” (BOURDIEU, 2012, p. 08). Esse poder, que está situado no âmbito social, é exercido por um grupo particular e socialmente determinado. Isso significa dizer que todas as pessoas eram/são capazes de organizar narrativas e histórias sobre Monte Alegre, Cidade Nova e Telêmaco Borba, mas que apenas o jornal *O Tibagi* era o disseminador socialmente aceito para narrar sobre o local e o regional porque conquistou tal posição por meio de estratégias para a

¹⁸ A existência de ruas e praças em Telêmaco Borba que fazem referência à Klabin contribui para este processo de naturalização.



Primeiro exemplar de *O Tibagi*, publicado em 23 de novembro de 1948.

construção de sua imagem.

Segundo Bourdieu (2012, p. 09), os sistemas simbólicos – enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação – “só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados”. Ou seja, o poder simbólico só é exercido por aqueles que, pelos mais diversos mecanismos, conquistaram o “direito” de enunciar o mundo. Assim, o poder simbólico, como estrutura, é construtor da realidade que busca o estabelecimento da organização do mundo social, resultando em uma mundivisão homogênea (sobre tempo, espaço, número, causa), o que faz com que seja possível a concordância entre diversas inteligências. Esta capacidade de modulação se dá com maior facilidade quando a enunciação da realidade estabelecida pelo grupo dominante é hegemônica, como no caso de *O Tibagi*, que na região de Monte Alegre era o periódico de maior circulação, uma vez que a Fazenda localizava-se distante fisicamente de outros centros populacionais.

No exercício do poder simbólico, existe um tipo de relação conhecida como solidariedade social, que implica a participação de diversos indivíduos no processo de construção simbólica. Isso significa dizer que, durante o processo de organização da realidade por quem exerce o poder pode haver a participação das demais classes, desde que em conformidade com os anseios da dominante. Para exemplificar, é possível citar o próprio jornal *O Tibagi*, que durante o processo de construção de tais simbolismos para a população regional, publicou participações dos leitores, possivelmente selecionadas conforme os interesses da narrativa que se pretendia disseminar. Este tipo de estratégia torna possível o consenso sobre o sentido da sociedade e que “contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração ‘lógica’ é a condição

da integração da ‘moral’” (BOURDIEU, 2012, p. 10).

Essas produções simbólicas servem como instrumentos de dominação. Segundo o autor, os discursos produzidos pela classe dominante, que são ideológicos, soam como algo coletivo, mas que, na verdade, servem apenas aos interesses de particulares no exercício do poder. É justamente este caráter universal conotado às produções simbólicas que contribuem para o exercício da dominação. Sendo a cultura dominante praticada por um grande número de pessoas, há, então, a legitimação de sua própria classe no poder. Desse modo, é possível afirmar que a cultura que “une” é também a que separa¹⁹, ou seja, ao mesmo tempo em que apresenta um sentimento de unidade, legitima distinções, “compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante” (BOURDIEU, 2010, p. 11). Para assegurar-se enquanto grupo dominante, faz-se necessária “uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes; para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização das classes dominadas” (BOURDIEU, 2010, p. 10).

Ainda sobre este aspecto, Bourdieu escreveu:

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os ‘sistemas simbólicos’ cumprem sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre a outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim [...] para a ‘domesticação dos

19 No jornal era recorrente a publicação de narrativas escritas na primeira pessoa do plural, dando aos leitores a sensação de pertencimento ao grupo que ali se enunciam.

dominados' (BOURDIEU, 2012, p. 11).

Nos sistemas simbólicos, as ideologias “devem a sua estrutura e as funções mais específicas às condições sociais da sua produção e da sua circulação, quer dizer, às funções que elas cumprem” (BOURDIEU, 2012, p. 13). Assim, como supracitado, é possível entender que a ideologia se faz num processo de duas vias: para atender aos interesses da classe dominante, os dominados também acabam sendo contemplados²⁰.

Sintetizando essa discussão:

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras. O poder simbólico, poder subordinado, é uma forma transformada, que dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder (BOURDIEU, 2012, p. 15).

Partindo desses pressupostos, entende-se que o poder simbólico da Klabin foi também exercido quando da organização da realidade por meio do jornal *O Tibagi*, através da publicação de uma determinada história, afinal, “é no presente que a construção do passado é disputada como recurso para a construção de um futuro que responda às aspirações desse presente” (ENNE, 2004, p. 104).

²⁰ Esta questão poderá ser observada quando da análise do relacionamento e vivência em Monte Alegre.

O poder simbólico como construtor de uma história e de uma memória

A história e a memória de dado local são construídas por meio de um processo de sistematização de seus elementos, a partir da organização de narrativas pelo grupo dominante nas relações de poder (BOURDIEU, 2012). Desse modo, as referências feitas ao passado são benéficas para manter e legitimar grupos/instituições, disseminando o próprio passado e a imagem que constituíram de si mesmas (POLLAK, 1989 e 1992; NORA, 1993). Nesse sentido, acredita-se que a história e a memória de Telêmaco Borba foram organizadas pelo detentor do poder simbólico local, as Indústrias Klabin, por meio do veículo de comunicação de Horácio Klabin, o jornal *O Tibagi*.

O processo de constituição da história e da memória de um lugar é litigioso. Em tais disputas, busca-se que as práticas da cultura dominante sejam realizadas por todos, legitimando-a no poder. Em relação à temática deste livro, são aqui entendidas como cultura dominante as narrativas disseminadas no periódico de Horácio Klabin, que organizaram uma história para o local e o regional, ao mesmo tempo em que contribuíram com a legitimação e manutenção do grupo Klabin no poder.

Pollak (1989), ao tratar da constituição da memória nacional, escreveu sobre a capacidade que os detentores do poder têm de construir uma história. No caso da memória nacional, esta é construída a partir de um processo de organização de seus elementos “que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor”, em um processo que se “remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado” (POLLAK, 1989,

p. 08). Pensando nesse aspecto, a referência que se faz ao passado (selecionado) é útil para manter e legitimar grupos e instituições, com o intuito de “manter a coesão interna e defender as fronteiras” (POLLAK, 1989, p. 09), além de disseminar e validar seu próprio passado e a imagem que construiu de si mesma.

A capacidade de construir memórias também é objeto de disputa nas relações de poder, uma vez que podem sofrer mudanças nos elementos que as constituem, de acordo com interesses e necessidades da classe dominante. O conceito de trabalho de enquadramento da memória, elaborado por Pollak (1992, p. 07), exemplifica tais disputas, sobre tratar de uma tentativa de “unificação e manutenção da unidade” por parte dos historiadores e de instituições sociais (o jornalismo é uma delas). Para o autor, “esse trabalho de controle da imagem da associação implica uma oposição entre o “subjetivo” e o “objetivo”, entre a reconstrução de fatos e as reações e sentimentos pessoais” (POLLAK, 1989, p. 10). Para o trabalho de enquadramento, de sistematização de histórias e memórias, são utilizadas “testemunhas sóbrias e confiáveis” (POLLAK, 1989, p. 10)²¹ e objetos (i)materiais – lugares de memória, segundo Pierre Nora²² – como monumentos, museus, bibliotecas, acervos, a própria historiografia e também a

21 Ao lado dessa reorganização através do enquadramento da memória, existe o trabalho da própria memória em si. Pollak (1992, p. 07) afirmou que “cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização”, a partir de elementos disponíveis no presente.

22 Para o autor, um *lugar de memória* “não poderia nunca ser reduzido a um objeto material, mas sim, ao contrário. A noção é feita para liberar a significação simbólica, memorial – portanto, abstrata – dos objetos que podem ser materiais, mas na maior parte das vezes não o são. Na verdade, existem somente *lugares de memória* imateriais, senão seria suficiente que falássemos de memoriais” (BREFE, 1999, p.30).

produção jornalística²³.

Esses lugares de memória são criados com um dado objetivo: “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Essa história presente em tais lugares representa uma memória privilegiada, materializada, em detrimento de outras. Para Nora (1993, p. 22), a função fundamental da existência dos lugares de memória “é parar o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para [...] prender o máximo de sentido num mínimo de sinais.”

Neste livro, o jornal *O Tíbagi* é compreendido como um lugar de memória, pois a organização das narrativas ali publicadas contribuiu para a construção de uma história e de uma memória de acordo com interesses do detentor do poder simbólico local. No seu papel de testemunha sóbria e confiável, o jornal sistematizou a história local, discursando sobre o que gostaria que os montealegrenses entendessem como parte ou não de sua história, de sua memória coletiva, ao mesmo tempo em que contribuiu com a manutenção e com a legitimação das Indústrias Klabin no poder. Sendo publicadas semanalmente no hebdomadário montealegrense, a história e a memória, enquanto fenômenos ideologicamente construídos, passaram por um processo de naturalização “por meio de uma imposição mascarada” (BOURDIEU, 2012, p. 14).

23 Nesse processo de construção de memórias, a mídia desempenha papel fundamental, principalmente a partir do ideal de verdade que esta carrega (ENNE, 2004).

A história de Telêmaco Borba nas fontes literárias



Construção da ponte sobre o rio Tibagi, década de 1940.

O município de Telêmaco Borba é conhecido como a “cidade da Klabin” (CORAIOLA, 2003, p. 47). Além das ruas e instituições que contribuem para esta associação, há o histórico publicado no site oficial da Prefeitura Municipal, o qual foi inspirado na literatura sobre o local²⁴. Como será visto adiante, a produção literária sobre o local e o regional também apresenta determinadas construções históricas que ajudam a reforçar essa associação.

A primeira sistematização da história local em um livro foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes, no ano de 1974. A história da autora em relação à Monte Alegre e às Indústrias Klabin tem início em 1945, quando se mudou para a localidade acompanhando o marido que havia sido contratado para trabalhar como médico da população montealegrense. Atuou como professora e coordenadora das diversas escolas florestais da indústria e participou nos trabalhos de assistência social às famílias dos trabalhadores da Klabin, além de ser membro do *Lions Club* local. Exerceu suas atividades como escritora também em Monte Alegre, atuando como redatora social do jornal *O Tibagi*.

²⁴ Esta afirmação tem pressupostos nas similaridades encontradas na literatura e no site onde o histórico de Telêmaco Borba foi publicado.

Ao intitular seu livro sobre a história de Telêmaco Borba como *Monte Alegre, Cidade Papel*, Fernandes (1974) evidenciou a suposta relação entre a existência da localidade e a indústria, reforçada pelo próprio conteúdo da obra, que se preocupou, principalmente, em narrar o processo de construção da fábrica pela família Klabin, e a organização das unidades fabris em Monte Alegre, perpassando acontecimentos cotidianos.

O livro, que foi organizado em 11 capítulos²⁵, possui 236 páginas e trata na maioria delas sobre a construção da fábrica e seu desenvolvimento. Apenas 13 páginas foram dedicadas ao passado anterior à chegada dos industriais ao local, fazendo menções aos bandeirantes; à existência de indígenas, “cerca de mais ou menos oitenta quilômetros de Monte Alegre” (FERNANDES, 1974, p. 13), em reduções jesuíticas; aos tropeiros que contribuíram na organização de vilas pelos caminhos onde faziam suas invernadas; e aos sesmeiros – com destaque especial para José Felix da Silva²⁶ –, chegando brevemente ao processo de aquisição das terras pela família Klabin, com o intuito de construir e organizar uma fábrica e a estrutura para o seu funcionamento na região do Alegre.

Sendo Fernandes uma jornalista que participou e teve destaque na sociabilidade local, ao organizar seu livro dedicando treze páginas para o passado anterior à chegada dos industriais e dez capítulos aos feitos industrializantes, contribuiu para o imaginário da população montealegrense

25 I – Uma fazenda entre pinhais; II – Da Europa ao sertão; III – Pioneiros de IKPC; IV – Visitas; V – O grande “rush”; VI – O senhor presidente; VII – Um pinheiro desconhecido; VIII – A maior plantação do mundo; IX – Década sem precedentes; X – Papel, uma exceção; XI – Fogo.

26 A história deste coronel José Félix da Silva foi escrita por August de Saint-Hilaire, no livro *Viagem ao Interior do Brasil em 1820*, e, mais tarde, romanceada por David Carneiro, em *O Drama da Fazenda Fortaleza*, escrito em 1941.

ênfatizando o local a partir da indústria.

Para escrever *Monte Alegre, Cidade Papel*, a autora usou como fontes: sua própria vivência na localidade a partir de 1945, pesquisas em arquivos, documentos e entrevistas. Entretanto, é importante relativizar o próprio uso das fontes por qualquer que seja o autor, uma vez que “todo ponto de vista sobre a realidade, além de ser intrinsecamente seletivo e parcial, depende das relações de força que o condicionam como, por exemplo, a possibilidade de acesso à documentação, a imagem total que uma sociedade deixa de si” (GINZBURG, 2002, p. 43).

Ainda sobre suas fontes, a autora fez a ressalva de que

[...] é compreensível que tenhamos citados, quiçá, com mais pormenores a atuação daqueles sobre os quais encontramos mais copiosa documentação ou daqueles cujo trabalho assistíamos mais de perto, no complexo gigantesco de Indústrias Klabin do Paraná de Celulose (FERNANDES, 1974, p. 06).

Sobre este aspecto, durante sua narrativa, é recorrente a associação dos acontecimentos a grandes homens e personagens que não necessariamente fizeram parte do espaço-tempo de quem os rememora através da leitura, mas que, de qualquer maneira, auxiliou na criação de um imaginário em torno dessas personalidades, colocando-as como imprescindíveis na construção do local e sua história.

Ao escrever, a jornalista relacionada à ideologia da Indústria Klabin construiu uma narrativa que pode ter influenciado na organização do discurso fundador da localidade e em sua memória oficial. A esse respeito, não é possível afirmar em que medida *Monte Alegre, Cidade Papel* auxiliou na

organização da história oficial, ou se trata-se de um movimento dialético - bem como as demais obras literárias analisadas neste capítulo. Entretanto, por mais que o livro tenha sido escrito há pouco mais de quatro décadas, sua contribuição mínima está no fato de ser, até os dias atuais, utilizado como referência para os escritos a respeito da cidade. Assim, o romance de Fernandes vem emprestando sentido ao que Pollak (1992) chamou de “memória herdada”.

Na organização da memória, existem acontecimentos que a pessoa não experienciou por ela própria, mas que passaram a fazer parte de sua memória a partir do momento em que alguém do grupo com o qual ela se identifica viveu dada realidade. “São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 02). Essa herança contribui para a associação de elementos distantes espaço-temporalmente àquele que rememora, e na cristalização de uma história e de uma memória que, dessa maneira, passa de geração em geração com elevados graus de identificação. Quando os elementos dessa memória herdada são organizados por determinado grupo ou instituição, estes constituem uma memória oficial, com caráter de verossimilhança, que, muitas vezes, opõem-se às demais formas de memória individuais ou coletivas. Em igual medida, os discursos fundadores.

Existem outros dois livros que herdaram a memória sistematizada por Fernandes por utilizarem *Monte Alegre, Cidade Papel* como fonte: *Capital do Papel – a história do município de Telêmaco Borba*, escrito por André Miguel Coraiola, em 2003; e *Telêmaco Borba – o município: história política da capital do papel e da madeira*, escrito por Dinizar

Ribas de Carvalho, em 2006. Apenas pela observação dos títulos é possível perceber a herança da estrita relação entre o lugar e a empresa.

O livro *Capital do Papel* pode ser entendido como uma tentativa de constituir uma história total, pois sua narrativa tem início nas Capitânias Hereditárias e segue até a emancipação do município de Imbaú no ano de 1995, até então, pertencente a Telêmaco Borba.

A perspectiva histórica e regional de Coraiola (2003) tem relação com o modo como o conceito de região está sendo empregado nesta obra, pois parte do pressuposto que todos os acontecimentos ocorridos no território que hoje compõe Telêmaco Borba também configuram sua história. Todavia, talvez por se tratar de séculos e séculos de história em uma pequena quantidade de páginas, Coraiola (2003) acabou reforçando aspectos semelhantes aos abordados por Fernandes (1974), tributando o surgimento do lugar a partir da chegada dos industriais²⁷.

Coraiola explicou as motivações que o levaram a escrever:

Uma preocupação que foi determinante nesta empreita literária é a distorção ou o desconhecimento dos fatos históricos locais pelas gerações que se sucedem, sem que haja instrumento formal para controlar esse sintoma de alienação. Os últimos documentários escritos sobre o tema foram feitos há mais de três décadas, e sua leitura ficou relegada a poucos curiosos que os procuram com timidez (CORAIOLA, 2003, p. 17).

A referência aos escritos de Fernandes aparece clara

²⁷ Entende-se que o desenvolvimento urbano da região de Telêmaco Borba teve início a partir da indústria, mas a história local não deveria se restringir à Klabin, incluindo também as pessoas que ali passaram ou já estavam antes da chegada dos industriais.

nesta passagem e, a partir deste excerto, é possível pressupor que, por mais que Coraiola tenha apresentado novos elementos, ausentes na narrativa da jornalista, seu livro se caracteriza como uma (re)apresentação da história local, com a prerrogativa de “levar a muitos telemacoborbenses e aos convivas da região, um parâmetro de reflexão e deleite sobre a origem e os porquês de pisarmos nesta terra de pinheirais” (CORAIOLA, 2003, p. 19).

Sem apresentar cronologia retilínea, o livro escrito por Coraiola (2007) tem, ao todo, 269 páginas, das quais oito foram especificamente dedicadas “aos primórdios da região”²⁸. No restante do livro, vez ou outra foram feitas pequenas menções aos episódios anteriores à chegada dos industriais. Os temas expostos por Coraiola (2003) tratam da escolha do nome para o município e sobre quem foi Telêmaco Borba, bem como a relação deste coronel com os indígenas paranaenses; apresentam “breves traços sobre a genealogia regional marcada por ciclos iniciados no tropeirismo” e culminam no “começo e desenvolvimento de um projeto industrial”²⁹, reportando à chegada da família Klabin ao Brasil e à biografia de Samuel Klabin.

O capítulo “Horácio Klabin realiza seu grande sonho:

28 Neste capítulo, segundo o próprio autor, foram abordados temas como “os pré-colombianos, o Tratado de Tordesilhas e seus efeitos na geografia paranaense; os índios do Guairá; bandeirantismo e tropeirismo, o Alegre e as sesmarias de João Pereira Braga e Manoel Gonçalves de Aguiar; a Carta Régia de D. João VI; José Félix da Silva e a Mortandade; O Barão de Monte Carmelo; a Companhia Agrícola Florestal e Estrada de Ferro Monte Alegre; Euclides da Cunha e Dilermando de Assis; a Fazenda Monte Alegre na década de 30” (CORAIOLA, 2003, p. 25).

29 Neste capítulo, segundo o próprio autor, foram abordados os seguintes temas: “a II Guerra Mundial e o empreendimento papelero; Getúlio Vargas, Assis Chateaubriand e a Família Klabin; Os núcleos operacionais de Lagoa, Harmonia e a Usina de Mauá; A evolução do parque industrial e da área florestal; Atualidades da empresa; Os pioneiros; Sindicato do papel; A história de Monte Alegre em versos caboclos” (CORAIOLA, 2003, p. 61).

faz surgir Cidade Nova” possivelmente emprestou sentidos ao histórico local publicado no site de Telêmaco Borba, pois tanto o livro quanto o site – apesar de não referenciado – apresentam Horácio Klabin como fundador de Cidade Nova, já que ele teria determinado “a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região sul do Brasil, construindo uma nova cidade” (CORAIOLA, 2003, p. 90)³⁰.

Os capítulos seguintes trataram da emancipação da comarca de Telêmaco Borba; dos símbolos municipais; da visita dos presidentes Getúlio Vargas (que esteve em Monte Alegre duas vezes), João Goulart e João Batista Figueiredo; dos prefeitos eleitos de 1964 até a data de publicação do livro, bem como da biografia de tais políticos acrescida a dos deputados telemacoborbenses eleitos. Trataram também da história da educação na “capital do papel” desde as escolas rurais primitivas em Monte Alegre; da evolução da estrutura de saúde; da história da nominação das ruas, praças e bairros em Telêmaco Borba; do futebol no município; da Rádio Sociedade Monte Alegre e Rádio Capital do Papel, bem como do jornal *O Tibagi*. Na sequência, os capítulos trataram da religiosidade local; da história dos clubes de serviço; da formação e dos desdobramentos da população e do povo telemacoborbense; do perfil e atualidades geo-políticas, demográficas, ambientais e econômicas do município; e da emancipação do distrito de Imbaú. Ao todo, o livro possui 27 capítulos – contando com um capítulo composto de fotografias legendadas. Como dito anteriormente, apenas oito páginas apresentaram a história anterior à chegada dos industriais. Além delas, houve apenas pequenas menções sobre o passado anterior à Klabin,

30 Ver também: PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. Histórico. Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 20.01.2015.

publicadas ao longo da obra.

Os escritos de Coraiola (2003), assim como os de Fernandes (1974), produziram sentidos que culminaram na exaltação dos feitos da Klabin. No livro *Capital do Papel*, as realizações da indústria foram enfatizadas em relação ao incentivo dado à rádio, ao jornal, ao time de futebol local e ao desenvolvimento de Cidade Nova.

O terceiro e último livro aqui analisado, que também tem como referencial o livro de Fernandes (1974), foi publicado por Dinizar Ribas de Carvalho, ex-prefeito de Telêmaco Borba. As fontes de seus textos foram “trabalhos elaborados por outras personalidades igualmente preocupadas com a nossa história, abordando-a sob diversos aspectos” (CARVALHO, 2006, p. 33-34). Além disso, afirmou ter escrito e organizado a obra a partir da contribuição de amigos e pessoas marcantes na comunidade, “por meio de depoimentos, entrevistas e muito diálogo” (CARVALHO, 2006, p. 34).

No primeiro capítulo, intitulado “Como tudo começou”, Dinizar Ribas de Carvalho escreveu:

A Fazenda Monte Alegre e a indústria papaleira aqui implantada pela família Klabin são os fundamentos marcantes da comunidade que se formou, cresceu e se desenvolveu com muita rapidez. Não é, porém, a história da Fazenda Monte Alegre ou mesmo a história da empresa e da família Klabin que pretendemos contar. Os seus aspectos mais detalhados já foram alvos de documentos e relatos que se acham registrados, perenemente, em nossos anais. Todavia, a referência às ditas origens vai tomar algumas linhas de nossa narrativa, pois são fundamento da história que desejamos contar (CARVALHO, 2006, p. 37).

Partindo desse princípio, duas páginas foram dedicadas para tratar do passado anterior à chegada dos Klabin à região, e outras duas para explicitar o processo de implementação da indústria no local. Em seguida, o autor passou a tratar do tema central de seus escritos: o processo de elevação da localidade a município de Telêmaco Borba, a partir do desenvolvimento de Cidade Nova, e sua história. Nesse sentido, abordou temas como o processo de venda dos lotes em Cidade Nova, os anseios de independência e a primeira eleição, para citar alguns exemplos.

Telêmaco Borba – o município, diferentemente dos escritos de Fernandes (1974) e Coraiola (2003), tem um recorte temporal e temático mais específico. Acredita-se que, por este motivo, não foi dada tanta ênfase à Klabin ou ao passado anterior a esta. De qualquer maneira, além de ter *Monte Alegre, Cidade Papel* como referencial teórico, possui outra característica em comum com os demais livros: também utilizou o jornal *O Tibagi* como fonte. Segundo Carvalho (2006), “boa parte do acervo histórico para a compilação desta obra foi obtida através de pesquisas junto aos exemplares do jornal “O TIBAGI”” (CARVALHO, 2006, p. 35).

Além das fontes já mencionadas, Carvalho (2006) utilizou documentos editados pela Klabin e a sua própria memória, uma vez que “testemunhou, durante cerca de 56 anos de contato e convivência, 48 anos como seu morador, a grande maioria dos fatos que constituem os pontos fundamentais de sua história” (CARVALHO, 2006, p. 35) – outra característica semelhante a de Fernandes (1974), já que ambos estavam imersos no contexto fomentado pela empresa.

O que se expõe a seguir trata-se da apresentação da história de Telêmaco Borba a partir desses três livros³¹, os quais são as principais fontes bibliográficas utilizadas em textos e produções relacionadas ao município, que aqui serão empregados na identificação das histórias presentes, e por vezes ausentes, que fazem parte do discurso fundador de Telêmaco Borba³².

De acordo com Fernandes (1974), as primeiras menções à região estão relacionadas à *Encarnación*, uma redução jesuítica espanhola localizada a cerca de 80 quilômetros de Monte Alegre, que em meados do século XVIII foi assinalada pela presença do tropeiro Fernão Dias Paes Leme, em busca de terras e indígenas (FERNANDES, 1974). Tratando, ainda, dos bandeirantes na região, a autora ressaltou a presença de Raposo Tavares e, em seguida, abordou a presença dos tropeiros: “nos sertões do Paraná, ditos Sertões do Tibagi, a bota do pacífico tropeiro e do criador de gado substituiu a do preador de índios, nos caminhos antigos” (FERNANDES, 1974, p. 15).

Coraiola (2003), de modo semelhante, também citou os primeiros desbravadores da região, mencionando nomes como o de Aleixo Garcia, Dom Álvaro Nunes Cabeça de Vaca, Martim Afonso de Souza e Fernão Dias Paes Leme. Sobre essa questão, uma informação adicional foi apresentada por Coraiola (2003).

31 Esta sistematização adotou como parâmetro de organização a cronologia argumentativa de Fernandes (1974), uma vez que seu livro serviu como referência às demais obras.

32 É importante esclarecer que não é possível mensurar em que medida os livros aqui estudados influenciaram ou foram influenciados pelo discurso fundador local. Também não se espera encontrar uma versão única de tal discurso. Se fica o que significa, várias podem ser as narrativas sobre a mesma história, oriundas de rememorações distintas. Antes, trata-se de compreender qual é esse discurso, bem como a influência do jornal *O Tibagi* em sua construção e manutenção. Não se pretende definir aqui qual é o discurso – até porque não é possível recuperar sua origem, “são só efeitos que estão lá” (ORLANDI, 2008, p. 47).

Fazendo referência aos escritos de Luiz Leopoldo Mercer a respeito da presença dos bandeirantes por aquelas paragens, escreveu “por se encontrar o acampamento naquelas cercanias, fixamos a Fazenda Monte Alegre como sendo o ponto de acampamento do invicto bandeirante” (CORAIOLA, 2003, p. 27). Apesar de tal citação, Coraiola (2003) tributou ao movimento tropeiro as primeiras ocupações da região dos Campos Gerais.

O caminho percorrido pelos tropeiros cortava a região dos Campos Gerais³³, da qual Telêmaco Borba faz parte. Era considerada uma localidade perigosa, “onde nenhum fazendeiro ousara estabelecer-se” (FERNANDES, 1974, p. 15) em decorrência dos indígenas que ali habitavam. Essas terras foram requeridas em carta de sesmária³⁴ por Luiz Roiz Vilares e Antonio Lopes Thomaz, que foram agraciados no ano de 1727. Entretanto, não houve ocupação efetiva por esses senhores³⁵.

O que se sucedeu em seguida foi que “meio século passou-se até que um homem ambicioso, que vivia há anos naquelas paragens obtivesse essas terras e muitas outras, formando o maior latifúndio³⁶ dos Campos Gerais” (FERNANDES, 1974,

33 Sobre os Campos Gerais à época dos tropeiros, Fernandes (1974) escreveu: “Quando se citava os Campos Gerais, pensava-se naquela extensa região mal conhecida, que começava com verdes pastagens logo após a Serra do Purunã e afundava-se pelo 2º Planalto, marginando o rio Tibagi, no seu desconhecido sertão, onde os bugres tinham retomado seus domínios” (FERNANDES, 1974, p. 15).

34 Primeiro documento oficial que faz menção à *região do Alegre*, atual Telêmaco Borba.

35 Este processo de requisição de terras foi descrito de um modo um pouco distinto por Coraiola (2003): “as primeiras informações sobre a região em que atualmente fica situado o município de Telêmaco Borba, remontam a data de 27 de maio de 1724”. Para o autor, quem requisitou tais terras foi João Pereira Braga, ao mesmo tempo em que o sargento-mor Manuel Gonçalves Aguiar também o fez. Ambos foram agraciados no ano de 1727, sem, contudo, terem habitado tais terras.

36 Dinizar Ribas de Carvalho também utilizou o termo “latifundiário” para se referir a José Felix da Silva: “um dos mais poderosos latifundiários da região dos campos gerais” (CARVALHO, 2006, p. 39).

p. 16). A José Félix da Silva pertencia a Fazenda Fortaleza, a Quartelá, a Vorá, a Taquara, a Caxambu, a Santa Cruz, a Jaguariaíva e a Monte Alegre. Para Fernandes (1974),

Entre as terras que marginam a BR-153 e as antigas aldeias jesuíticas, pisadas e repisadas pelos bandeirantes, surgiria a Fazenda Monte Alegre. Isto, numa época em que os Irmãos Klabin, em sua terra natal – a Lituânia, não sonhavam sequer em um dia residir no Brasil (FERNANDES, 1974, p. 16).

A história de José Félix da Silva, com frequência, aparece relacionada à história local, não necessariamente com um sentido de filiação, de pertencimento, mas por se tratar de uma história pitoresca. Contada pelo naturalista francês Saint-Hilaire e romanceada por David Carneiro, parte da história de José Félix pode ser resumida como uma constante peleia contra os indígenas caingangues, moradores das terras que legalmente lhe pertenciam, que culminou na “Chacina do Tibagi”. Informação presente em Fernandes (1974), em Coraiola (2003) e muito rapidamente em Carvalho (2006), porém, não muito conhecida entre a população, é o fato deste episódio ter ocorrido onde se localizam o Hospital e o Hotel Ikapê em Monte Alegre. O rio que perto dali passava – hoje renomeado como rio Harmonia³⁷ –, bem como toda a região, ficou conhecido como Mortandade³⁸. Escreveu Fernandes

37 A mudança do nome do rio de Mortandade para Harmonia, segundo Fernandes (1974, p. 52), foi para “dar mais sorte naquelas bandas donde, antes tempo, os antigos acabaram com os bugres. É um lugar de memória muito triste. Agora, o nome do rio foi trocado para Harmonia, pela dona Ema Klabin”.

38 A maneira como Coraiola (2003) descreveu este episódio é bastante semelhante ao modo como Fernandes (1974) organizou sua narrativa. Por este motivo, torna-se oportuna a transcrição. Por ter sido a inspiração, serão citados, primeiramente, trechos retirados dos escritos de Hellê Vellozo

(1974) que os 65.000 alqueires de terra que correspondiam à Fazenda Monte Alegre foram recebidos por José Félix como recompensa por ter livrado aquela região do “feroz gentio caingangue” (FERNANDES, 1974, p. 17), premissa reafirmada por Coraiola (2003, p. 29) quando este escreveu: “como recompensa aos serviços prestados ao Império [referindo-se ao assassinato dos indígenas], trazendo boa porção de paz e segurança ao povo que habitava os Campos Gerais, acabam, tanto José Felix, quanto Machadinho [seu capataz]³⁹, donatários de imensas glebas”.

Fernandes (1974) apresentou o neto de José Felix, Manoel Inácio, como o responsável pela construção da casa grande de Monte Alegre, que após a chegada dos industriais

Fernandes (1974): “A tradição registra um espetáculo de crueldade sem par, no qual os selvagens foram encurralados num morrinho onde hoje é o Hospital Harmonia e o Hotel Ikapê em Monte Alegre [por vezes faz referência ao local como “morro dos bugres”]. Não foram respeitadas, nem mulheres, nem crianças. O sangue empapou a relva e correu em filetes para as águas do riozinho próximo. Os cadáveres ficaram amontoados e por muitos dias os corvos sobrevoaram os corpos insepultos. Desde então, o rio e toda a região passou a chamar-se Mortandade, nome que só foi mudado 150 anos depois” (FERNANDES, 1974, p. 19-20). Segue o fruto de tais inspirações, escrito por Coraiola (2003): “José Félix, junto com seus milicianos e escravos, perseguiu e massacrrou os índios selvagens, acabando por dizimar centenas de famílias caingangues não poupando velhos, mulheres ou crianças, que por tradição, registra um espetáculo de holocausto, de extraordinária crueldade. Também por tradição oral, relata-se que era tal a quantidade de sague que arfava dos corpos agonizantes, que o riozinho próximo ficou tingido de vermelho, e passou a chamar-se Rio das Mortandades; e que as centenas de cadáveres insepultos provocaram odor tão forte, que durante meses ninguém se atreveu a visitar as cercanias, pois chamaram para si enorme quantidade de feras, que se banquetearam com os corpos em decomposição” (CORAIOLA, 2003, p. 28). De maneira análoga, mas de modo bastante sucinto, Carvalho (2006) também descreveu este episódio.

39 A história da cidade de Tibagi que é também parte da história de Telêmaco – por ter sido emancipada da mesma – possui relação com José Felix da Silva, já que seu capataz Antonio Machado Ribeiro (Machadinho) foi por ele agraciado com as terras da Fazenda Tibagi após a chacina. Todavia, não foi possível perceber expressa esta relação entre a história das cidades no livro de Fernandes ou no histórico oficial do município.

passou a ser chamada de Fazenda Velha. De acordo com os escritos de Coraiola (2003), a fazenda até aquele momento era denominada apenas como Fazenda do Alegre, em decorrência do rio que recebe o mesmo nome e que perto dali passa.



Casa grande de Monte Alegre/Fazenda Velha, s/d.

Os acontecimentos que se localizam temporalmente entre as histórias peculiares da vida de José Felix da Silva e o ano de 1926 não foram detalhados em nenhuma das três obras, aqui estudadas⁴⁰. Desta data remonta a história de um francês que teria feito negócios com os descendentes do referido coronel, formando uma sociedade anônima intitulada Companhia Agrícola e Florestal e Estrada-de-Ferro Monte

⁴⁰ A título de exemplo, o hiato temporal nos escritos de André Miguel Coraiola compreende os anos de 1897 e 1926.

Alegre. Segundo Fernandes (1974, p. 21), “como esse homem [o francês] veio ter a Fazenda, como conseguiu um laudo de avaliação de 30.000 contos para as terras (quantia avultada para a época), como conheceu os herdeiros [de José Felix] e captou-lhes a confiança, são fatos até hoje não explicados”. A autora relatou que este francês, de identidade desconhecida, fez valorizar as ações e negociara no exterior tanto sua parte quanto as partes que comprara de seus antigos sócios⁴¹.

Informação adicional em relação aos escritos de Fernandes (1974) foi apresentada por Coraiola:

[...] conta-se que durante o processo de ocupação da fazenda pela empresa colonizadora, ocorreram conflitos armados entre aquela e os camponeses, sendo que antigos moradores revelam que muitos anos depois, já na época da implantação da fábrica e das vilas, foi removido um cemitério de índios e posseiros mortos pelos capangas da empresa exploradora (CORAIOLA, 2003, p. 31).

Esta passagem contribui ao entendimento de que o apagamento da história foi um processo concomitante à chegada do progresso à região, iniciada pela Companhia

41 Carvalho (2006, p. 41) apresentou de modo um tanto distinto este episódio: “o extenso latifúndio continuou sendo herdado por mulheres [seu neto Manoel Inácio teria passado suas terras para suas filhas]. Já no século XX, aparecia como propriedade do médico castrense Javert Madureira, casado com a neta do Barão de Monte Carmelo [genro de Manoel Inácio], embora, na realidade, outros herdeiros também tivessem parte na propriedade. Com a ruptura da estrutura agrária que prevalecia na região, a estabilidade do condomínio formado pelos componentes da grande família fazendeira perdeu o seu vigor. Os herdeiros acabaram negociando os seus direitos, vendendo a fazenda para exploradores do comércio de madeiras, que se prenunciava como altamente promissor. Uma empresa formada para conduzir a exploração madeireira, das minas e da floresta existente no local, foi hipotecada para o Banco do Estado do Paraná, a fim de garantir os recursos necessários para o financiamento das atividades. Com o fracasso do empreendimento, mal preconizado e mal administrado, a massa falida da empresa acabou sendo levada a leilão e foi arrematada pelo Banco do Estado”.

Agroflorestal e Estrada de Ferro Monte Alegre e continuada pelas Indústrias Klabin de Papel e Celulose.

Fernandes (1974, p. 21) escreveu que “partindo da avaliação das terras – que realmente não correspondiam ao seu valor verdadeiro – foram feitas especulações inacreditáveis na Europa e nas Américas”. O capital para a realização da análise do território e verificação da vocação das terras partiu de bancos internacionais e do Banco do Estado do Paraná. Com esses recursos, os diretores da Companhia Agrícola e Florestal e Estrada-de-Ferro Monte Alegre ocuparam-se em “pagar missões de estudo para a exploração das minas, das florestas, dos pinhais, da agricultura, da colonização com cinco mil (5.000) famílias alemãs, da construção da estrada-de-ferro Monte Alegre” (FERNANDES, 1974, p. 21). Os relatórios de exame da região foram enviados para vários países, encorajando a aplicação naquelas ações.

Para a concretização dos estudos, foram realizados gastos onerosos, maiores do que o capital inicial. Assim, em 1931, um dos credores pediu a primeira falência. Recorrendo a esse pedido, os diretores da Companhia contrataram “os melhores advogados do Paraná, e o Supremo Tribunal lhes deu ganho de causa, declarando nulos os títulos protestados” (FERNANDES, 1974, p. 22). Mesmo assim, no ano seguinte, 1932, foi requerida a segunda falência. Desta vez, o pedido veio do Banco do Estado do Paraná, do qual a Companhia havia emprestado 4.000 contos. Além das dívidas para com o Banco do Estado, havia protestos diversos de maquinarias não pagas que estavam retidas em portos da Holanda, Santa Catarina e, até mesmo, em Paranaguá. Acionistas de Londres e do México estavam insatisfeitos, bem como os advogados e engenheiros que não estavam tendo suas remunerações pagas.

Para quitar tais dívidas, havia apenas uma coisa de real valor: as próprias terras, que foram arrematadas em leilão, em 1933, pelo Banco do Estado do Paraná, pelo mesmo valor que emprestara à Companhia. Fernandes (1974) apresentou esse processo como uma possibilidade de industrialização para o Paraná: “o maior benefício que essa transação trouxe ao Paraná, contudo, foi atrair com a possibilidade de industrialização do pinheiro para o papel, o interesse do importante grupo de industriais paulistas: os Klabin” (FERNANDES, 1974, p. 22). Apesar do insucesso da Companhia, esta deixou alguma coisa para a Fazenda Monte Alegre:

A estrada para Tibagi, de 42 quilômetros; uma balsa perto do Salto Peludo, no rio Tibagi, encurtando o caminho antigo; uma ligação telefônica com Tibagi, que funcionava muito mal, mas que até 1936 ainda servia para aviso em Monte Alegre; um casarão de madeira e mais duas pequenas residências na Fazenda Velha [...] os primeiros estudos e exploração de alguns quilômetros do caminho, por onde deveria ser a estrada-de-ferro de Monte Alegre para São Paulo, via Joaquim Murtinho; as invernadas, que recebiam animais de diversas fazendas, além da criação de gado própria (FERNANDES, 1974, p. 23).

Foram também deixados estudos que poderiam interessar a futuros industriais: em 1928, num relatório sobre a sondagem de oito hectares das terras, os técnicos calcularam a existência de aproximadamente 9.000.000m³ de araucária, 70% com idade entre 80 e 100 anos. Após este estudo, ficou evidente que a vocação do local estava voltada à exploração da madeira. O relatório proveniente destes estudos, que foram chamados de Missão *Himmelsbach*, aconselhou a construção de serrarias, fábrica de ripas, parquês, cabos de ferramentas,

caixotes e, também, de uma fábrica de papelão, papel e celulose. De modo bastante semelhante, Coraiola (2003) descreveu tais acontecimentos e concluiu “os primórdios da região” corroborando a ideia de que tais narrativas foram feitas mais por seu caráter pitoresco do que por seu conteúdo histórico em relação ao município de Telêmaco Borba – tal como os registros sobre de José Felix da Silva.

Mais uma vez, a velha Monte Alegre tinha sua história trilhada pela mescla do fantástico e do inesperado. Suas terras, que envolviam lendas e maldições⁴², e que formavam uma vastidão verde e quase inexplorada, habitada outrora por povos magníficos, revivia épocas de pioneirismo (CORAIOLA, 2003, p. 32).

A Fazenda Monte Alegre, neste momento em poder do Banco do Estado do Paraná, por determinação do interventor do Paraná, Manoel Ribas, ficou sob os cuidados de um fazendeiro de Castro, Alcebíades Marques, responsável pela criação de gado e invernadas na localidade. Na década de 1930, Alcebíades recebeu o primeiro membro da família Klabin, que mais tarde passaria a ser a dona do lugar.

Esses acontecimentos e até mesmo outros não mencionados na literatura aqui estudada, não fazem parte do histórico oficial publicado no site do município. Isto significa dizer que, por mais que estas obras históricas/literárias perpassem, mesmo que brevemente, o passado anterior à chegada da Klabin à região, a instância que dá legitimidade a uma história e a determina como oficial, não avaliza tal passado. Por esta razão, a história oficial local, sancionada pela

⁴² Acredita-se que Coraiola (2003) esteja se referindo ao “Monge de Tibagi” e aos causos populares relacionados a esta figura, que teria rogado uma praga às terras da região.

PMTB, tem origens a partir do ano de 1941, quando da chegada dos industriais à localidade⁴³.

A primeira menção feita por Fernandes (1974) relacionando a família Klabin à região do Alegre diz respeito à oferta de terras ricas em pinheiros feita ao Salomão Klabin pelo Interventor Manoel Ribas⁴⁴, homem de confiança do então Presidente da República, Getúlio Vargas. O relacionamento destes homens foi apresentado por Fernandes, no capítulo intitulado “Um problema nacional”:

Enquanto Manoel Ribas e Wolff Klabin, nos encontros casuais, falavam dos problemas de seus negócios, Getúlio Vargas, desde o início de seu governo, compreendera a força da propaganda. Ele desejava marcar sua administração com empreendimentos vultosos, e novas “metas para o Brasil” (FERNANDES, 1974, p. 34).

Quase ao término de seu livro, Fernandes (1974, p. 190) escreveu que, quando da iniciativa de Getúlio Vargas em “incrementar uma produção nacional” no menor tempo possível, “Wolff Klabin e Horácio Láfer, a convite do Chefe da Nação, compareceram ao palácio, a fim de tratarem o assunto” e que, por fim, resolveram “arrostar os riscos,

43 Lembrar a capacidade que os detentores do poder simbólico têm de sistematizar e divulgar histórias de acordo com interesses específicos.

44 Mais adiante, Fernandes escreveu: “O interventor Manoel Ribas, com sua visão comercial, avalia logo o que representa para seu Estado o estabelecimento da grande indústria. (...) Não há pedido que ele, solícito, não deixe de atender. Nomeia professores para as primeiras escolas, envia material escolar. (...) Quando do racionamento de combustíveis foi estabelecido [no período da Segunda Guerra Mundial], mantém a quota para IKPC e encaminha ao Coordenador Interino da Mobilização Econômica do Rio de Janeiro um pedido de aumento.” (FERNANDES, 1974, p. 80). Quando Manoel Ribas deixou o cargo de Interventor do Paraná, “as avalanches de entraves, peculiares às mudanças de governo, deixam a gigantesca obra que se realiza em Monte Alegre sem atenções” (FERNANDES, 1974, p. 108).

aceitando o financiamento parcial do governo e partindo para um estabelecimento ímpar nos sertões do Paraná rico em pinheirais”⁴⁵.

Seguindo a narrativa a respeito da implantação da fábrica de papel em Monte Alegre, a autora escreveu sobre a ausência da produção de papel nacional e a dificuldade para sua importação durante períodos beligerantes. Essas discussões foram realizadas nos três livros de maneira genérica, não dando a devida importância a este relacionamento⁴⁶.

O histórico da família Klabin, com suas informações básicas (de onde vieram, quantos eram e o que faziam), é algo que, apesar de ter sido abordado nas obras aqui analisadas, também não faz parte do histórico oficial do município. Entretanto, Fernandes (1974) e Coraiola (2003) discorreram sobre a vinda dos lituânios para São Paulo, bem como seus empreendimentos até o início do projeto Klabin, em Monte Alegre. Romanceando a vinda do patriarca da família ao Brasil,

45 Interessante observar o modo como Fernandes (1974) apresentou a iniciativa dos Klabins na construção de uma fábrica no interior do Paraná. Ao colocá-los como arroçados, minimizou a importância de todo o processo de implementação da indústria por parte do Governo Federal e Estadual no que diz respeito à infraestrutura local. Além disso, esse tipo de discurso que os apresentou como valentes, que correram sérios riscos até estabelecimento e pleno funcionamento da indústria, pode ter contribuído para a construção para o imaginário de que a iniciativa poderia até ser arriscada, mas que o progresso da nação – por meio da industrialização e do povoamento do interior do Brasil – estavam em primeiro lugar.

46 Assim como em Fernandes (1974), simplificação semelhante ocorreu em Coraiola (2003). O autor resumiu em duas páginas o processo de aquisição das terras da Fazenda Monte Alegre, sem abordar o relacionamento entre alguns membros da família Klabin e os governos Federal e Estadual. Esta questão apareceu no livro de Dinizar Ribas de Carvalho (2006), de forma mais resumida, já que desde a chegada da família Klabin da Lituânia ao Brasil até 1947 e a plena produção de papel 100% nacional foram resumidas em duas folhas. Para saber mais sobre o relacionamento da família Klabin com os governos estadual e federal: MARGALHO, Maurício. Klabin: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951).

Coraiola endossou o episódio, quando escreveu:

A vinda de Maurício Freeman Klabin para o Brasil, somados aos desdobramentos dados pelo empreendimento industrial de sua família e associados, resultou numa expressão muito superior ao mero interesse econômico. Maurício, sem querer, ao deixar Posselva acionou um mecanismo invisível e sincronizado, trazendo, ao seu tempo, o reflorestamento para os campos de Monte Alegre e selando a possibilidade de existência, primeiramente da Cidade Nova. A floresta que não lhe deixaram explorar na Lituânia veio existir em Telêmaco Borba (CORAIOLA, 2003, p. 79).

O marco temporal seguinte nas narrativas tratou da “Escritura de Promessa de Compra e Venda da Fazenda Monte Alegre”, que foi lavrada em 29 de outubro de 1934, e da escritura definitiva em 20 de janeiro de 1941. O montante de terras adquiridas correspondia a 143.516 hectares (FERNANDES, 1974, p. 39).

O imaginário acerca do ideal de modernidade e progresso, oriundo a partir do povoamento dos sertões do Tibagi com a abertura de uma indústria de papel e celulose⁴⁷, fez-se presente nos escritos de Fernandes:

O reflexo dessas resoluções aparece imediatamente no Paraná, num impacto vigoroso que acelera o processo não só da construção da fábrica, propriamente dita, mas simultaneamente promove a instalação da Usina Hidro-Elétrica no Salto Mauá, rio Tibagi, e a construção da represa, no rio Harmonia. Abrem-se estradas entre os núcleos de povoamento que tais construções requerem, formando as vilas operárias e todo

47 Referência à marcha para o Oeste e ao programa de substituição de importações incentivado pelo governo de Getúlio Vargas.

o completo que tornaria habitável, em moldes modernos (FERNANDES, 1974, p. 43).

Tal ideal, bem como algumas práticas administrativas locais, era bastante presente no discurso do governo Getúlio Vargas. Além disso, como já mencionado, o Presidente tinha interesse direto na produção de papel nacional. Acredita-se que esta tenha sido a razão para o desígnio de Luiz Vieira, engenheiro enviado pelo Ministério da Agricultura, para a administração de Monte Alegre em seus anos iniciais. Sobre Luiz Augusto da Silva Vieira, Fernandes (1974) escreveu:

Getúlio Vargas licenciou-o, para que ele viesse dirigir, em Monte Alegre, a construção da usina hidro-elétrica de Mauá, da represa de Harmonia, das instalações da fábrica à margem direita do Tibagi, cabendo-lhe ainda a organização da vida comunitária que para tais obras era imprescindível (FERNANDES, 1974, p. 44).

Sobre esses primeiros anos, entre a aquisição das terras e o pleno funcionamento da indústria, Fernandes (1974, p. 37) apresentou os Klabin como arrojados, que tiveram a coragem de enfrentar os desafios de instalar uma indústria num “sertão tão longínquo”, mesmo sabendo que teriam que organizar toda a estrutura para o funcionamento da fábrica. Nesse mesmo viés narrativo, a autora discorreu sobre as aventuras dos “pioneiros de IKPC” na exploração do local e na decisão dos lugares onde seriam construídas a fábrica, a usina e a estrutura para a habitação de seus empregados e para os engenheiros, das mais diversas nacionalidades⁴⁸.

48 No livro de Coraiola (2003) há maior destaque aos acontecimentos culturais e políticos. Assim, diferentemente de Fernandes (1974), o autor não dedicou-se tanto à narrativa do desenvolvimento industrial local. Da mesma

As referências ao passado feitas por Fernandes (1974) constituem-se em pequenas menções à história anterior aos Klabin. Parecem ter sido contadas mais pelo potencial narrativo que possuem – como a história de José Felix da Silva e sua mulher que o odiava, cuspiendo em seu caixão quando de sua morte – e menos pelo sentido de filiação⁴⁹. Do mesmo modo, nenhum tipo de filiação ao passado é realizado no histórico oficial do município, o que possibilita dizer que a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba compreende a história local a partir da chegada do progresso àqueles sertões, com a construção da indústria.

As práticas paternalistas, recorrentes no período do Governo Vargas, também foram presentes em Monte Alegre. A distância entre chefes e empregados era sublimada pela presença de Luiz Vieira no comando, pelas visitas constantes de Wolff Klabin e pela contratação de Karl Zappert, austríaco que veio para Monte Alegre para ser diretor-técnico da fábrica, que sempre estava entre os funcionários. Segundo Fernandes (1974), quando da primeira visita de Wolff Klabin à localidade, “o Chefe visitou demoradamente todas as obras. Iniciou, juntamente com seu trabalho, a mais intensa correspondência de Monte Alegre, ininterrupta por vários anos” (FERNANDES, 1974, p. 62). Ainda neste sentido, o salário dos operários, segundo escreveu Fernandes (1974), era superior aos pagos

maneira, Carvalho (2006), que estava mais interessado no aspecto político, não tratou de questões relacionadas à indústria, por não perpassarem o recorte temático de seu livro.

49 Na organização de seu texto, Coraiola (2003) fez uma retomada longínqua, que, em tese, abarcou toda a trajetória dos agentes históricos anteriores a Klabin. Entretanto, talvez por seu extenso recorte temporal, ao resumir o conteúdo, acabou fazendo apenas pequenas referências a tais episódios, de modo semelhante à Fernandes (1974). Carvalho (2006) perpassou muito rapidamente estes episódios que poderiam ter, mas não têm, sentimento de filiação.

na região, além da oferta de moradia – que contribuía com a manutenção da mão de obra.

Ao tratar do posicionamento de Luiz Vieira no comando da Fazenda, Fernandes (1974) apresentou outra similaridade entre as ações deste e de Vargas: “descobriu, também, que as dificuldades peculiares a Monte Alegre só poderiam ser superadas disciplinando os diversos setores de trabalho, especificando claramente as funções de cada chefe e centralizando o comando” (FERNANDES, 1974, p. 63)⁵⁰.

Fatos curiosos do cotidiano de Monte Alegre também foram narrados por Fernandes (1974), como o dia em que nevou em 1942, ou a proibição da venda e consumo de bebidas alcoólicas⁵¹, depois de um duplo homicídio nos limites da Fazenda, e também para evitar o absenteísmo dos funcionários, que bêbados não poderiam trabalhar. Acredita-se que esta iniciativa de controle dos empregados, inclusive em seu tempo ocioso, tinha relação com os ideais presentes na política do Estado Novo⁵².

O desenvolvimento industrial foi narrado com pormenores por Fernandes (1974), quando a autora descreve as fábricas que iriam formar a indústria de papel e celulose da

50 A administração de Luiz Vieira não foi abordada nas narrativas de Coraiola (2003) e de Carvalho (2006).

51 Segundo Fernandes (1974, p. 86), “Luiz Vieira concluiu que não podia continuar assim: trabalhadores a matar-se, em cada dia feriado ou domingo. Decretou a lei seca em toda Fazenda Monte Alegre.” Páginas depois, escreveu que “a lei seca continuou em vigor e evitou muitas mortes. Pouco a pouco foi atenuada, com permissão para a venda de número controlado de garrafas de vinho e cerveja, nos fins de semana. O contrabando [de bebidas], porém, não cessou...” (FERNANDES, 1974, p. 88). Apesar da tentativa de controle dos trabalhadores, em conformidade com os ideais do Estado Novo, existiram práticas desviantes, como afirmou a própria Fernandes (1974), ao tratar do contrabando de bebidas. Acredita-se que outras práticas proibidas pelos industriais, na tentativa de controle de seus empregados, também foram desenvolvidas em Monte Alegre, como jogos de azar e prostituição.

52 Como exemplo, é possível citar o incentivo às práticas esportivas.

Klabin. A visita de Getúlio Vargas à Monte Alegre em 1944, para ver de perto seus investimentos⁵³, também foi descrita de forma detalhada. De acordo com a jornalista, “a demonstração dos planos [os que os Klabin já tinham feito e o que ainda iriam fazer] não se destinava a impressionar ninguém: representava um compromisso a ser saldado no mais curto prazo de tempo” (FERNANDES, 1974, p. 103). Tal afirmação permite inferir que o relacionamento entre a família Klabin e o Governo Federal, na pessoa de Getúlio Vargas, era realmente mais profundo do que Fernandes descreveu ou o que a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba publicou como história oficial.

O início da produção de papel jornal se deu no ano de 1947 e os elogios foram transcritos por Fernandes (1974). Como exemplo, é possível citar uma nota publicada pelo *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro: “toda a edição de hoje do “Jornal do Comércio” é publicada em papel nacional, fabricado pelas indústrias brasileiras KLABIN IRMÃO e CIA., em sua grande organização de Monte Alegre” (FERNANDES, 1974, p. 113).

Em relação à sociedade montealegrense, Carvalho assim definiu as relações ali estabelecidas:

Era uma cidade do domínio particular, que sugeria uma subordinação rígida às normas e princípios da empresa. As aparências, contudo, deixavam uma impressão nítida de que todos se completavam. Unida em torno do trabalho comum, ao qual se dedicava, quase que permanentemente à disposição da empresa, que mantinha atividade ininterrupta, num dia e noite de ação incessante (CARVALHO, 2006, p. 49).

53 Sua segunda visita foi realizada em 1953.

Sobre esse assunto, a descrição feita por Fernandes (1974, p.128-129) destacou outras questões. Para a autora, a população da Fazenda Monte Alegre, à época, era caracteristicamente europeia e estaria sempre pronta para acolher visitas, como a “Escola Superior de Guerra ou o Estado Maior das Forças Armadas, parlamentares, jornalistas ou amigos e clientes do Exterior, do Rio ou de São Paulo”. Segundo Fernandes, foram frequentes as visitas de personalidades ilustres, tais como:

O governador Bento Munhoz da Rocha Netto, parlamentares, a Escola Superior de Guerra (Gal. Cordeiro de Farias, Brigadeiro Eduardo Gomes, Brigadeiro Djalma Vaz, Vice-almirante Antonio Guimarães, Tenente-coronel Henrique Geisel). Acompanhando adidos militares de diversos países comparece o Gal. Juarez Távora; com o Comando do Estado Maior da Aeronáutica vem o Brigadeiro Reinaldo de Carvalho Filho. Os proprietários de jornais formam um grupo, com Herbert Moses e Assis Chateaubriand⁵⁴ (FERNANDES, 1974, p. 134).

54 A respeito de Assis Chateaubriand, Fernandes (1974, p. 42) escreveu: “nesta época [quando o empreendimento ainda era uma ideia que estava sendo discutida], um homem vai opinar diante de Getúlio Vargas sobre quem são os homens de que o Brasil necessita para realizar o plano de autos-suficiência na produção de papel: o jornalista Assis Chateaubriand.”. Sobre a influência de Chateaubriand, Coraiola (2003, p. 79) escreveu: “Em 1934, as indústrias Klabin deram um salto decisivo. Wolff Klabin, Horácio Laffer e Assis Chateaubriand eram amigos pessoais. Este último preocupava-se com o fato de que os jornais no Brasil dependiam da importação de matéria-prima para serem impressos. Intermediando o contato dos industriais com Getúlio Vargas, conseguiu do presidente o interesse em promover e criar uma fábrica de papel imprensa, que surgiu com a denominação Indústrias Klabin do Paraná de Papel e Celulose S/A, a maior fábrica integrada de papel e celulose do país, possuidora à época, de um dos maiores reflorestamentos privados do mundo, com área florestal de 143.516 hectares.” Acredita-se que este importante jornalista também influenciou no processo de negociação para a criação da indústria no Paraná.

Ao grupo de pioneiros que recebiam tais visitas e cuidavam da administração de Monte Alegre foi somado um “homem que iria completar esse grupo numeroso, num cargo de cúpula: Horácio Klabin, que a 12 de dezembro de 1947 apõe sua assinatura no primeiro memorando que expede, como diretor-administrativo de Klabin do Paraná” (FERNANDES, 1974, p. 120), que escolheu como seu assessor Péricles Pacheco da Silva.

O diferencial de Horácio Klabin em relação aos demais administradores era o seu interesse “no aspecto humano da grande empresa” (FERNANDES, 1973, p. 123), por este motivo, acompanhando as ações de Getúlio Vargas, também tratou de investir em medidas, de caráter populista, a favor dos trabalhadores, oferecendo salário, casa com água encanada e luz elétrica gratuita, lenha para o fogão, escola para os filhos e assistência médica, além dos serviços de assistência social, que doavam roupas e brinquedos aos filhos dos operários, bem como enxovais para os recém-nascidos⁵⁵. De acordo com Fernandes (1974, p. 125), a “IKPC faz, por conta própria, uma assistência social completa”.

Sobre Horácio Klabin, a autora tratou suas ações como um programa de inovações em Monte Alegre. HK foi diretor-fundador do jornal *O Tibagi*, “que constituiu, para a grande maioria dos operários alfabetizados, a primeira leitura regular, desde que deixaram os bancos da escola primária” (FERNANDES, 1974, p. 126). Em relação ao periódico, as três publicações aqui estudadas o utilizaram como fonte de pesquisa na organização de seus escritos. Nesse sentido, acredita-se que as obras aqui apresentadas tenham herdado do jornal os acontecimentos que narram sobre a história de

⁵⁵ Mais tarde foram ofertadas merendas escolares.

Telêmaco Borba, que continuam – em sua circulação atual – reverberando e produzindo sentidos.

Segundo Coraiola (2003, p. 190), o interesse de Horácio Klabin na fundação de um jornal – e também de uma rádio – em Monte Alegre, residia em sua vontade de disseminar cultura, lazer e entretenimento aos empregados da fábrica e suas famílias, “promovendo valores, facilitando o acesso à cultura, quebrando o isolamento e ingressando a cidade num contexto nacional e internacional”.



Felicitções ao semanário pela passagem do seu 2º aniversário.

Outra inovação oriunda das ações de Horácio Klabin foi a construção do estádio de futebol – que mais tarde recebeu o nome de seu patrono – e o incentivo à profissionalização do futebol do Clube Atlético Monte Alegre. Foi responsável pela fundação da Rádio Monte Alegre, ZYS-22, e também organizou, por intermédio de seu jornal, concursos como o de beleza e para escolher o melhor jogador de futebol local. Para Fernandes (1974, p. 130-131), Horácio Klabin movimentava a cidade-papel: “é conhecido de toda a população, que lhe acena quando entra no campo de futebol, que o rodeia quando aparece numa solenidade em público. Karl Zappert conhece cada operário pelo nome e empata com Horácio Klabin em popularidade”.

O problema da moradia para os funcionários era uma preocupação para Horácio Klabin⁵⁶:

Klabin do Paraná dá casa para cada família e não permite favelamento. A manutenção da cidade vai se tornando exorbitante. Há muito teria sido incontrolável a proliferação dos barracos se os Postos da Corrente não fizessem valer os direitos da “propriedade particular” que é a Fazenda Monte Alegre, e deixassem entrar o caudal de desempregados, desocupados e aventureiros que querem usufruir do bem-estar dos que trabalham (FERNANDES, 1974, p. 135).

Então, surgiu a ideia de lotear as terras ao lado oposto à fábrica, em relação ao rio Tibagi. De acordo com Zappert (1952), citado por Fernandes (1974, p. 135), “a Cidade Nova abrirá novas possibilidades aos habitantes de Monte Alegre e zonas vizinhas, tanto para as construções de habitação particulares como para a instalação de estabelecimentos comerciais e pequenas indústrias” (FERNANDES, 1974, p. 135).

Coraiola utilizou de farta adjetivação para tratar de Horácio Klabin. Sobre o desenvolvimento de Cidade Nova, escreveu:

O objetivo da luta de Horácio era a existência de uma cidade que viabilizasse a fixação dos migrantes envolvidos num crescimento populacional acelerado, trazendo benefícios e

56 Carvalho (2006, p. 52) também escreveu a respeito dos feitos de Horácio Klabin, com ênfase em Cidade Nova: “preocupado com a vida comunitária, o Dr. Horácio Klabin passou a alimentar a ideia de constituir um loteamento, à margem esquerda do Rio Tibagi, em frente à fábrica e à localidade de Harmonia, proporcionando o surgimento de uma nova cidade, para abrigar os trabalhadores da indústria. A ideia, em princípio, aparentava um interesse imediatista, visando o desafogo do crescimento de Harmonia, que acompanhava a grande expansão da empresa”.

comodidade aos funcionários e à própria empresa. [...] os núcleos habitacionais rurais (Lagoa, Km 28, Miranda, Mandaçaia, Mauá e Mina de Carvão) e o núcleo habitacional industrial de Harmonia, que se somava a outros dois bairros extremamente densos (Vila Operária e Caiubi), era muito oneroso à fábrica continuar mantendo todo o pessoal dentro da área da fazenda, que também já não atendida à demanda por novas habitações. Observou-se então que começaram a surgir moradias clandestinas no outro lado do rio (CORAIOLA, 2003, p. 90).

Logo após o início do loteamento, a construção da ponte de concreto sobre o rio Tibagi, ligando Harmonia à Cidade Nova, foi promovida pela Klabin, empresa da qual Horácio Klabin se desligou em 1952 para dedicar-se à “expansão de Cidade Nova” (FERNANDES, 1974, p. 136). O bonde aéreo, alternativa ao uso da ponte, também idealizado por H.K., foi inaugurado em 1959. Fernandes (1974, p. 137) escreveu que, além de todas as suas atribuições, Horácio Klabin foi o “criador de uma cidade”, ideia presente nos escritos de Coraiola (2003) e do histórico publicado no site do município.

Após a descrição comparada do conteúdo das três principais obras que sistematizaram, à sua maneira, a história de Telêmaco Borba, faz-se oportuna a problematização do conteúdo do histórico local, publicado pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba em seu site oficial. Existem características comuns entre a história presente nas obras apresentadas e a sancionada pela instância máxima do município, a Prefeitura. A primeira semelhança – e talvez a mais importante, visto que a história oficial tem como data de “inauguração” o ano de 1941 – está relacionada à concepção da existência local a partir da indústria. Há, também, como

na literatura, a ausência de um debate sobre o processo de aquisição das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre e do relacionamento da família Klabin com os Governos Federal e Estadual.

Outra semelhança refere-se à apresentação do lugar como um sertão, dando a ideia de esvaziamento da região ao desconsiderar outros agentes que ali já habitavam. Coadunam ainda as informações sobre uma “verdadeira expedição” para o lugar como consequência da abertura desse negócio. O site também enaltece, assim como fez Fernandes (1974), a coragem daqueles industriais que só tinham como incentivo para a abertura da fábrica a notícia de que tais terras eram ricas em pinheiros⁵⁷. Ademais, elogia – como as obras que possivelmente inspiraram o próprio histórico – os feitos realizados pela Klabin no local, bem como o progresso e a prosperidade daquelas paragens. Ressalta o desenvolvimento industrial local, ao tratar das melhorias que foram realizadas no lugar para que o empreendimento tivesse as condições de funcionamento necessárias. Além das semelhanças já citadas, há também em comum a gratidão ao Horácio Klabin em relação à fundação de Cidade Nova e à construção do bonde aéreo para o transporte de trabalhadores.

A diferença mais significativa entre os textos é a total ausência de referência ao passado anterior à chegada dos industriais à região. Por mais que os livros acima façam pequenas menções, com pouca ou nenhuma filiação ao passado local, ao organizar seu histórico, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba optou por não mencionar tais acontecimentos. O que se percebe com a leitura do conteúdo do site é um esvaziamento histórico. A história oficial não faz nenhum tipo de referência às gentes que ali

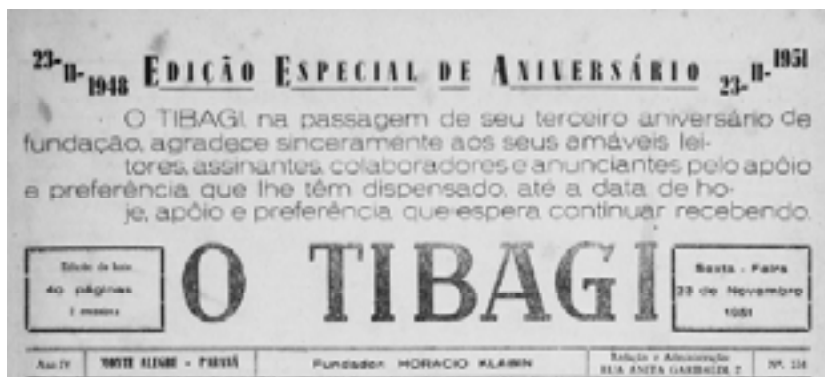
⁵⁷ Referência ausente à Missão Himmelsbach.

já haviam construído suas próprias histórias para contá-la a partir da chegada do progresso, com a vinda dos industriais para a região.

A postura da PMTB de não abordar o passado anterior aos Klabin é relevante, pois o dizer tem relação direta com o não-dizer, que também significa. Para Orlandi (2012), tais silêncios são um “lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido [que se pretende dar] faça sentido” (ORLANDI, 2012, p. 83). Ainda segundo a autora, este é um dos modos de silêncio, que é chamado de silêncio fundador, “um silêncio que indica que o sentido pode sempre ser outro” (ORLANDI 2012, p. 83).

Levando em consideração que as obras aqui citadas utilizaram do jornal *O Tibagi* como referência, é possível que o semanário também tenha sido utilizado como fonte pela Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba na sistematização do histórico da cidade. Além de uma presumível consulta ao hebdomadário, a influência do jornal na constituição do histórico do município pode também estar na aceitação da social dos discursos disseminados pelo semanário. Afinal, como escreveu Pollak (1992), é preciso haver identificação entre a memória que se pretende formar, que está sendo contada, e a população. Se os moradores locais se identificavam com as histórias publicadas pelo jornal *O Tibagi* a respeito da localidade, a Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, na sistematização de sua narrativa, precisou levá-las em consideração. Mas quais eram essas histórias? Por quais discursos a população local e regional era atingida?

O jornal *O Tibagi* e a construção de um discurso fundador



Edição comemorativa de *O Tibagi*, 1951.

Na década de 1970, a grande discussão no campo das Ciências Humanas e Sociais brasileiro era a respeito da utilização de jornais e revistas como fonte para a produção do conhecimento histórico. Nesse momento, a imprensa já era entendida como importante. De acordo com Tânia Regina de Luca (2005, p.111), “reconhecia-se, portanto, a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de se escrever a História **da** imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História **por meio da** imprensa”.

A tradição presente no fazer historiográfico era decorrente dos modelos e técnicas dominantes no século XIX e das décadas iniciais do século XX. Segundo Luca (2005), a prática historiográfica esteve, por muito tempo, ligada ao

[...] ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de hierarquia qualitativa dos documentos (LUCA, 2005, p. 112).

Por tais motivos, os jornais foram julgados como fontes inadequadas para a pesquisa histórica, uma vez que eram entendidos como fragmentos do cotidiano, realizados a partir da subjetividade de seu autor.

A partir da terceira década do século XX, ocorreram diversas mudanças no fazer historiográfico, que levaram à abertura da disciplina para novos conceitos, métodos e fontes. A contribuição recente mais significativa para a historiografia de modo geral – e também para a virada da história da imprensa para a história por meio da imprensa – foi a terceira geração dos *Annales*. Suas principais proposições podem ser resumidas no jargão “novos objetos, problemas e abordagens”. Nesse novo contexto, a disciplina histórica viu-se tão aberta às demais Ciências Sociais e Humanas (Sociologia, Psicanálise, Antropologia, Linguística, Semiótica) que “forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar” (LUCA, 2005, p. 112).

As contribuições metodológicas trazidas a partir da perspectiva interdisciplinar – no caso dos periódicos como fonte, uma aproximação com as discussões teóricas do jornalismo – possibilitaram um alargamento do campo de pesquisa e uma renovação temática⁵⁸ para o trabalho do historiador, bem como um novo olhar à concepção de documento (fonte). Dentro disso, uma mudança extremamente

58 A esse respeito, Luca (2005) escreveu: “a face mais evidente do processo de alargamento do campo e preocupação dos historiadores foi a renovação temática, imediatamente perceptível pelo título das pesquisas, que incluíam o inconsciente, o mito, mentalidades, as práticas culinárias, o corpo, as festas, os filmes, os jovens, as crianças, as mulheres, aspectos do cotidiano, enfim uma miríade de questões antes ausentes do território da História. Outras menos visíveis, apesar de talvez mais profundas, apontavam para a ‘passagem de um paradigma em que a análise macroeconômica era primordial para uma História que focaliza os sistemas culturais’, a fragmentação da disciplina, esmaecer do projeto de uma História total e o interesse crescente pelo episódio e pelas diferenças...” (p. 113).

significativa ocorreu: durante a análise dos documentos, não interessava somente saber o que a fonte diz, mas como diz. Com estas importantes alterações no fazer historiográfico, “já não se questionava o uso dos jornais por sua falta de objetividade”⁵⁹ (LUCA, 2005, p. 116).

A utilização do jornal como fonte tão relevante quanto às demais ocorreu em meados da década de 1970, a partir do entendimento de que o conteúdo impresso é controlado. Esse fator, que gerava desconfiança na “verdade” oriunda do trabalho do historiador, é o que hoje o justifica como fonte para a produção do conhecimento em História: “a escolha de um jornal como objeto de estudo justifica-se por entender-se a imprensa fundamentalmente como instrumento de manipulação de interesses e de intervenção na vida social” (CAPELATO; PRADO, 1974 citado por LUCA, 2005, p. 118).

A escolha do jornal *O Tibagi* para o estudo do discurso fundador de Telêmaco Borba está pautada na prerrogativa de que, durante o processo de organização de uma memória oficial, a mídia recebe destaque (ENNE, 2004). Entendendo que as memórias, assim como as identidades, são também constituídas a partir de discursividades, os jornais impressos desempenharam, e ainda desempenham, papel fundamental na disseminação de narrativas organizadas pela classe dominante com o intuito de elaborar memórias que atendam

59 Por muito tempo o que se colocava a respeito das fontes era em relação à sua subjetividade. Assim, por um longo período, os jornais foram utilizados como fontes secundárias, apenas como confirmação de uma informação já obtida em outro tipo de fonte, tida como “imparcial”. Atualmente, sabe-se que até mesmo as fontes ditas oficiais, portanto “verdadeiras”, foram escritas por alguém e para alguém, deixando ali inscritos seus valores, crenças, etc., portanto, sua subjetividade. Para Luca (2005, p.116), objetividade é um “atributo que, de fato, nenhum vestígio do passado pode ostentar”. E são justamente as subjetvidades presentes na fonte que trazem ainda mais riqueza à pesquisa em Ciências Sociais.

aos seus interesses.

Os jornais sempre se fizeram presentes, desde sua venda na banca da esquina ao embrulho do pão no dia seguinte de sua publicação. Sua leitura pode até não ser realizada por todas as pessoas, mas seu conteúdo se dissemina entre elas através da oralidade. E, assim, a imprensa continua cumprindo seu papel (?). Mas, afinal, qual é a sua função na sociedade? Ou, melhor, qual é a imagem que tem de si, para si e para a sociedade? Como esta autoimagem influencia no que está ou não sendo publicado? Como os discursos de referência ao mundo produzem efeitos de sentido no dia-a-dia? Para o tratamento deste tipo específico de fonte, este trabalho contou com as orientações metodológicas de Luca (2005). Segundo a autora, existem alguns procedimentos imprescindíveis ao trabalho do jornal como fonte. São elas:

Encontrar as fontes e construir uma longa e representativa série. Localizar as publicações na história da imprensa. Atentar para as características de ordem material (periodicidade. Papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade). Assenhorar-se da forma de organização interna do conteúdo. Caracterizar o material iconográfico presente, atentando para as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação. Identificar o grupo responsável pela publicação. Identificar os principais colaboradores. Identificar o grupo que se destinava. Analisar todo o material de acordo com a problemática escolhida (LUCA, 2005, p. 142).

Observa-se, a partir das colocações de Luca (2005), que existem diversos elementos que os pesquisadores devem estar atentos ao trabalhar com os periódicos como fonte, desde a decisão em dar ou não publicidade para dado acontecimento,

o modo como os discursos foram escritos e organizados, as características que compõem a linha editorial do jornal, o lugar social do jornal e de seus colaboradores, até seus interesses políticos e econômicos. A partir dessas considerações, a análise histórica do jornal *O Tibagi* extrapolou o nível das publicações: foram também consultados materiais bibliográficos e orais, objetivando a contextualização do periódico. A análise em si teve pressupostos teóricos nos escritos de Bardin (2011).

Para a compreensão da contribuição do jornal *O Tibagi* na organização do discurso fundador de Telêmaco Borba optou-se pela análise de conteúdo temática de suas edições anuais de aniversário⁶⁰. O conjunto de documentos iniciais foi composto pela primeira publicação do periódico, de 23 de novembro de 1948, e por suas edições especiais de aniversário seguintes até o ano de 1964, quando ocorreu a elevação da localidade como município emancipado da cidade de Tibagi.

Tendo em vista os objetivos desta pesquisa, foi realizada uma leitura flutuante neste material. Esse momento teve como intuito selecionar entre todos os escritos publicados no hebdomadário apenas as notícias⁶¹ que tratavam do contexto local e regional e suas histórias. Desta forma, o corpus de análise foi formado por 121 notícias sobre o local e o regional.

Ao estudar esse conjunto documental, foi possível perceber que, em parte significativa das notícias, o jornal *O Tibagi* tratava de si próprio, narrando sobre como era feito, seus méritos e seus colaboradores, entre outras questões. Esta

60 Este material está disponível para a consulta de pesquisadores na Biblioteca Municipal de Telêmaco Borba, com exceção do volume correspondente ao ano de 1955, que foi extraviado do acervo da biblioteca.

61 O sentido conotado à notícia vai ao encontro das colocações de Sousa (2002). Para o autor, a notícia é oriunda da relação entre “a realidade perceptível, os sentidos que permitem ao ser humano “apropriar-se” da realidade, a mente que se esforça por apreender e compreender essa realidade e as linguagens que alicerçam e traduzem esse esforço cognoscitivo” (SOUZA, 2002, p. 03).

recorrente autoafirmação se revelou intrigante: por que, afinal, o jornal fazia tanta referência de si? Quais eram os potenciais ganhos em propagandear-se? Diante de tais questões, optou-se pela constituição do conjunto documental para análise a partir de dois índices distintos: a autorreferência e a heterorreferência (LUHMANN, 2005). Desse modo, a análise temática ficou dividida em dois momentos.

Na análise da construção da autoimagem do jornal, a autorreferência, o corpus documental foi constituído por 44 notícias cujo tema principal era a imagem que o periódico construía de si, para si e para os outros. Na análise da construção da realidade, a heterorreferência, o conjunto de documentos foi formado por textos que trataram sobre o contexto local e regional, seu surgimento, história das origens de clubes e instituições e de personalidades ilustres, para citar alguns exemplos. Ao todo, 77 notícias compuseram o corpus heterorreferente.

A constituição desses dois conjuntos de documentos teve pressupostos em Bardin (2011). Segundo a autora, para uma análise de conteúdo de qualidade faz-se necessária a obediência a algumas regras. Desse modo, foram levadas em consideração todas as notícias de auto e heterorreferência que tratam do local e do regional e que permitiriam férteis inferências⁶²; optou-se pelo trabalho com as edições de aniversário, pois, uma vez que são anuais, permitiriam acompanhar o desenvolvimento do jornal e seu discurso ao longo dos anos⁶³; foi identificada a presença da autorreferência e da heterorreferência em relação ao local e ao regional⁶⁴; e o corpus de análise foi composto de

62 Regra de exaustividade.

63 Regra da representatividade.

64 Regra da homogeneidade.

modo a atender aos objetivos propostos neste livro⁶⁵.

Com o corpus devidamente delimitado, deu-se início ao processo de referenciação dos índices e de elaboração dos indicadores. Para Fonseca Junior, “o índice é uma variável cuja importância numa investigação depende do grau em que se possa considerá-lo correlato de outros fenômenos” (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 291). Por este motivo, na análise da autoimagem de *O Tíbagi*, o índice escolhido foi a autorreferência. Para a análise da construção da realidade enunciada pelo jornal, o índice escolhido foi a heterorreferência em relação ao local e ao regional⁶⁶. O indicador destes índices foi o seu aparecimento nas notícias publicadas em edições especiais de aniversário do jornal.

Segundo Bardin (2011, p. 130), após a escolha dos índices “devem ser determinadas operações de *recorte do texto* em unidades comparáveis de *categorização* para análise temática”. Assim, por serem dois os índices que correspondem a dois grupos distintos de notícias - também com características textuais diferentes - duas foram as modalidades para o recorte dos textos. Para a análise da autorreferência, onde os textos são menores e corroboram a construção da autoimagem do jornal, mesmo que por diferentes prismas, o recorte textual para a análise foi realizado por parágrafos, somado à sua unidade de contexto⁶⁷, quando necessária. No caso da análise

65 Regra da pertinência.

66 É importante deixar claro que, neste trabalho, estão sendo levadas em consideração as notícias de heterorreferência em relação ao local e ao regional, que podem ter contribuído para a construção do discurso fundador local. Notícias heterorreferentes que tratam de outros temas não foram levadas em consideração, por não atenderem aos objetivos desta pesquisa (regra de pertinência).

67 A unidade de contexto contribui na compreensão para a codificação da unidade de registro. Bardin (2011, p. 137) escreveu que a unidade de contexto na análise de conteúdo temática pode ser o parágrafo, mas que, em muitos

da heterorreferência, em que os textos abordaram os mais diferentes assuntos sobre o local e o regional, com caráter opinativo e utilizando de todo um enredo para a construção de sentidos, foi recortada para a análise apenas a ideia central de cada notícia, não deixando de observar quais foram as demais, porém, não principais, estratégias discursivas utilizadas na construção dos sentidos em *O Tibagi*⁶⁸. Em seguida, deu-se início ao procedimento metodológico que Bardin (2011) designou como “a preparação do material”, momento em que foram transcritas as notícias e ocorreu sua preparação para as análises.

Após tais encaminhamentos metodológicos que correspondem à pré-análise, seguiu-se para o segundo polo cronológico da análise: a codificação. Para Laurence Bardin (2011, p. 133), esta etapa corresponde a “uma transformação – efetuada segundo regras precisas – dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, agregação e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo e da sua expressão”. Durante o procedimento da codificação, a partir de operações de recorte do texto, foram escolhidas as unidades de registro que, segundo escreveu Bardin (2011, p. 134), “é a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base, visando a categorização”. O critério para sua escolha foi de ordem semântica.

Assim, nesta obra, o tema foi escolhido como recorte para a unidade de significação⁶⁹. Desse modo, foram analisados os

casos, faz-se imprescindível a referência ao contexto próximo ou até mesmo afastado da unidade registrada.

68 Segundo Bardin (2011, p. 135), a unidade de registro, dada a partir de tais recortes, pode ser de natureza e dimensões bastante distintas. A autora alegou que “o texto pode ser recortado em ideias constituintes, em enunciados e em proposições portadores de significações isoláveis” e acrescentou que não existe exatidão acerca dos critérios para o recorte das unidades de registro.

69 As análises de conteúdo em que o tema é utilizado como unidade de significação

núcleos e sentidos dos conjuntos documentais de análise.

Em relação à análise de conteúdo da autorreferência no jornal *O Tibagi*, foram elencados os 13 principais temas (e, em geral, os mais recorrentes) como unidades de registro: amor à profissão, dificuldades enfrentadas pelo jornal, discurso competente, gratidão a Horácio Klabin, heterorreferência, importância da imprensa, independência política, invenção de tradições, orientação/função do periódico, práticas de caridade, profissionalização no meio jornalístico, realidade da construção e reconhecimento do semanário.

Em relação à análise de conteúdo da heterorreferência sobre o local e o regional no jornal *O Tibagi*, foram elencados os 10 principais temas (e, em geral, os mais recorrentes) como unidades de registro: autovalorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento; contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; desenvolvimento industrial; feitos da Klabin; gratidão a Horácio Klabin; menções à cidade de Tibagi; passado anterior à chegada dos industriais à região; personalidades ilustres; progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; e relacionamento e vivência em Monte Alegre.



Recorte *O Tibagi*, 23 de Novembro de 1949.

costumam ser utilizadas para estudar “motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências etc. (...) as comunicações de massa etc., podem ser, e frequentemente são, analisados tendo o tema por base” (BARDIN, 2011, p. 135).

Após a codificação, foi dado início à categorização, o terceiro polo temporal da análise de conteúdo. Este momento consistiu em “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (BARDIN, 2011, p. 147). O critério escolhido para a categorização também foi semântico, por exemplo: os temas que tratam da orientação do periódico ficam agrupados na categoria “orientação/função do periódico”, enquanto os que tratam os feitos da Klabin ficam agrupados sob o título de “Feitos da Klabin”.

Segundo Fonseca Junior (2006, p. 298), a categorização “consiste no trabalho de classificação e reagrupamento das unidades de registro em número reduzido de categorias, com o objetivo de tornar inteligível a massa de dados e sua diversidade”. Esta etapa foi realizada em dois momentos distintos: o inventário, onde os elementos foram isolados, e a classificação, momento em que as mensagens foram organizadas nas categorias.

Após a categorização, foi iniciada a última etapa da análise: a inferência. Inferência, nas palavras de Namenwirth, citado do Bardin (2011, p. 168), “não passa de um termo elegante, efeito de moda, para designar a indução, a partir dos fatos”. Com a categorização, tornou-se mais fácil visualizar o conteúdo dos documentos e, apoiado nos referenciais teóricos, inferir a respeito.

Sobre a inferência, Fonseca Junior afirmou que:

[...] trata-se do momento mais fértil da análise de conteúdo, estando centrado nos aspectos implícitos da mensagem analisada. [...] A leitura efetuada pelo analista de conteúdo procura evidenciar o sentido que se encontra

em segundo plano. No campo da comunicação, este procedimento é utilizado para desvendar as *condições de produção* das mensagens analisadas (FONSECA JUNIOR, 2006, p. 298-299).

Tais inferências permitem observar as concepções ideológicas expressas em dado *corpus* documental. Neste livro, a metodologia contribuiu tanto na análise dos discursos autorreferentes de *O Tibagi* - que construíram seu lugar de enunciador do conhecimento para a população local - como na análise de heterorreferência e sua contribuição na organização do discurso fundador local.

Contextualização das publicações de *O Tibagi* na história da imprensa

A partir do século XX, a mídia passou por transformações que alteraram drasticamente a visão da sociedade sobre os meios de comunicação. No jornalismo impresso, houve um movimento de valorização da informação, que, historicamente, foi entendido como a construção do ideal de objetividade jornalística. Paulatinamente, foram deixadas de lado colunas que emitiam opiniões e a verdade dos fatos transformou-se em uma obsessão, afinal, “o que se procura constituir naquele momento é a autonomização do campo jornalístico em relação ao literário⁷⁰, fundamental para a autoconstrução da

70 Sobre isso no Brasil, durante longo período, o jornalismo e a literatura se confundiam. Segundo Ribeiro (2033, p. 147), “até a segunda metade do século XX, o jornalismo era considerado um subproduto das belas artes”. Isto porque os periódicos brasileiros seguiam, até então, o modo francês de fazer jornalismo, bem próximo aos moldes da literatura. Ao adotar práticas e técnicas do jornalismo estadunidense e adaptá-las às questões nacionais, os jornais brasileiros se tornaram mais informativos e “objetivos”. Assim, “o jornalismo não era mais visto como um gênero literário de apreciação de acontecimentos (...). Passava a ser reconhecido como um gênero de estabelecimento de verdade” (RIBEIRO, 2003, p. 148).

legitimidade da própria profissão” (BARBOSA, 2007, p. 150).

Sobre essa constante busca dos jornalistas pela objetividade, Barbosa escreveu:

em todas as falas, a separação entre o mundo da opinião e o mundo da informação vai construindo o ideal de objetividade como valor imprescindível para a notícia e, sobretudo, como aspecto fundamental da profissão. Com isso, instauram a mítica da imparcialidade (BARBOSA, 2007, p. 81).

Desse modo, o papel do jornal e de seus funcionários na sociedade foi sendo modificado: “a função do jornalista passou a ser não a de opinar, mas a de informar para formar” (ENNE, 2004, p. 112).

Outro ideal recorrente nos discursos jornalísticos desse período foi o da neutralidade. O jornal procurava divulgar as informações em uma linguagem que objetivava a isenção, não opinando nem persuadindo seus leitores. Barbosa alertou que esse ideal foi algo construído a priori, e acrescentou que

a uniformização de múltiplos aspectos numa retórica que procura despir a linguagem de elementos opinativos constrói, gradativamente, a noção de linguagem jornalística neutra, elevada à condição de ciência, afinada com o mito da isenção, da neutralidade e da prestação de serviços (BARBOSA, 2007, p. 97).

Esse processo de credibilidade na exposição dos fatos que o jornal foi ganhando socialmente desde o início do século, a partir das narrativas organizadas pela própria comunidade jornalística, teve sua consolidação por volta da década de 1950. Barbosa (2007, p. 150) afirmou que essa mítica foi “fundamental para dar ao campo lugar autônomo e reconhecido, construindo

o jornalismo como a única atividade capaz de decifrar o mundo para o leitor”. A esse respeito, Barbosa, citando o trabalho de Ribeiro (2000, p. 08), acrescentou:

A modernização gráfica, editorial, linguística e empresarial dos jornais [...] apresenta para a imprensa a instauração de um lugar institucional que lhe permite, a partir de então, enunciar as verdades dos acontecimentos de forma oficializada e se constituir como registro factual por excelência. Para a pesquisadora [Ribeiro], a partir desse momento, o jornalismo se afirma como fala autorizada em relação à constituição do real. O discurso jornalístico se reveste da aura de fidelidade aos fatos, o que lhe confere considerável poder simbólico (BARBOSA, 2007, p. 150-151).

Partindo desse pressuposto, entende-se que o discurso jornalístico fazia, através dos recursos de narrativa, entender sua prática como uma representação exata da realidade. Assim, com a construção social de um jornalismo comprometido com a objetividade e com a verdade, o jornalista passou a ser entendido como o profissional que reportaria somente os fatos, deixando de lado as críticas e opiniões sobre eles. A credibilidade das palavras escritas nos jornais formou e cristalizou visões sobre o real.

Ao refletir sobre tais colocações, coloca-se em pauta o relacionamento entre a imprensa e o exercício do poder. Ao selecionar fatos, escrever de uma maneira e não de outra, organizar sua narrativa, o jornalista está cerceado de uma subjetividade que contribui na (in)formação dos leitores. Nesse aspecto, o jornal tem a capacidade de contribuir para a construção do senso comum, bem como memórias e identidades, através de suas narrativas e práticas discursivas.

Esse poder da palavra é disputado pelos agentes que gostariam de determinar o que deve ou não tornar-se público, visível ou oficial. Neste sentido,

[..] as memórias são narrativas sociais [...] tecidas nas arenas de disputa por saber e poder, são objeto de razão e paixão, são fronteiras móveis que servem ao presente, quando reelaboram o passado, mas também ao futuro, quando projetam o devir. Nesse jogo, os agentes ligados aos processos midiáticos exercem um papel fundamental, pela forte penetração de seus discursos e pela configuração de um senso comum avalizado pela categoria sancionada da objetividade (ENNE, 2004, p. 115).

Ao abordar o tema objetividade e relacioná-lo com o jornalismo, emerge a premissa de que não haveria discrepância entre o acontecimento e a notícia. A construção desse discurso, datado do início do século XX, tem pressupostos no positivismo, onde – em breves palavras – buscava-se a verdade através de procedimentos científicos e racionais. Sobre este aspecto, a jornalista e socióloga Melo escreveu: “marcado pela distinção entre sujeito e objeto, o cartesianismo moderno contaminou o jornalismo que passou a justificar-se como um relato em que os objetos pudessem ser observados com distanciamento e imparcialidade” (MELO, 2007, p. 01).

Aceitar tal associação sem questionamentos deixa de lado diversos fatores inerentes ao processo de construção das notícias, conforme apontado por Melo (2007): (a) a narrativa jornalística, (b) o processo de seleção dos acontecimentos noticiosos, (c) a ordenação do tempo, (d) as relações de poder e (e) a interferência da realidade social, cultural e historicamente construída. Pensar nestes aspectos permite

entender o que está sendo impresso enquanto resultado de escolhas, de hierarquizações e de seleção dos acontecimentos, de construções temporais e de relações de poder (o que é relevante, quando é relevante e para quem é relevante?).

Refletindo sobre tais considerações, admite-se a existência do discurso a respeito da neutralidade e da objetividade na imprensa. Entretanto, a própria discursividade que enuncia o ideal de neutralidade e objetividade é subjetiva. Sobre a subjetividade na prática jornalística, a Teoria do Jornalismo apresenta duas tendências:

[...] uma que compreende o jornalista como indivíduo capaz de selecionar, a seu modo, o que é ou não notícia e a outra que autonomiza a organização jornalística, como se ela por meio de rotinas e políticas editoriais, pudesse definir sozinha a noticiabilidade dos acontecimentos (MELO, 2007, p. 02).

Isso significa dizer que, na primeira tendência, a seleção de notícias foi feita de maneira aleatória pelo profissional do jornalismo. Na segunda, o jornalista não escolheu individualmente sobre o que escrever a respeito, mas a empresa, com sua linha editorial, o que deveria ou não ser noticiado. Em ambos os casos, o que move a escolha de promover visibilidade ou não a determinado tema passa por motivações privadas, nem sempre evidentes ao público leitor. De qualquer forma, de acordo com Barbosa (2010, p. 56), “toda escrita inscreve nos textos convenções sociais e literárias que permitem uma espécie de pré-compreensão”. Dessa maneira, as escolhas em relação ao que noticiar devem pertencer a um pano de fundo cultural e social comum entre o público leitor e a imprensa, pois é preciso que haja a identificação entre a

sociedade e o periódico, sendo fundamental o diálogo do jornal com seu contexto histórico. Sobre isso, Melo escreveu:

[...] o jornalismo possui uma ‘relativa autonomia’ em relação ao sistema que se insere, já que possui um ‘modus operandi’ próprio que se superpõe e interage com o sistema. Dessa forma não corremos o risco nem de superestimar o poder da mídia – que é condicionada culturalmente – nem muito menos menosprezamos sua importância – já que possui relativa autonomia no sistema social além de ter uma posição institucionalmente importante e reconhecida nele (MELO, 2007, p. 02).

Apesar dessa relação dialética, o jornalismo não apenas reproduz, mas também cria seu próprio sistema ideológico e cultural. Não é como um reflexo no espelho, mas, uma representação, na qual vários fatores interferem em sua produção, sejam eles de natureza pessoal, social, ideológica, histórica e do meio físico e tecnológico (SOUSA, 2002). É justamente o contexto de produção da notícia que a faz compreensível, afinal, enquanto um produto, é necessário que haja seu consumo, que dependerá da “interação perceptiva, cognoscitiva e até afectiva que os sujeitos com ela estabelecem” (SOUSA, 2002, p. 04).

O jornal *O Tibagi*

O primeiro jornal que recebeu o nome de *O Tibagy*, data de outubro de 1904 teve como proprietário e diretor Telêmaco Augusto Enéas Morocines Borba⁷¹. Com duração

⁷¹ Telêmaco Borba nasceu em Curitiba no dia 15 de Setembro de 1840 e faleceu na cidade de Tibagi aos 78 anos. A edição especial do 9º aniversário do jornal *O Tibagi* apresenta uma breve biografia de Telêmaco Borba: “É

efêmera, desapareceu no ano seguinte. De acordo com Osvaldo Bittencourt⁷², citado por J. Marena, o jornal só voltou⁷³ a circular em 1948, “com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feito tipográfico”⁷⁴. Segundo o redator do hebdomadário, Horácio Klabin, ao fundar o jornal, desconhecia a existência de um periódico anterior que levava o mesmo nome.

O segundo jornal de Tibagique recebeu o nome da cidade teve sua primeira edição publicada no dia 23 de novembro de 1948 e foi um dos primeiros veículos de comunicação de

tarefa difícil a tentativa de sintetizar a biografia de uma personalidade como a do Coronel Telêmaco Morocines Borba, cujo vulto ultrapassa as lindes municipais para projetar-se sobre o Estado. Político de prestígio, historiador, etnólogo, sertanista, foi prefeito de Tibagi, diversas vezes, deputado estadual e provincial, aqui fundou um Museu Etnográfico e escreveu obras hoje reputadas de grande emérito sobre os indígenas. (...) Seu nome está gravado em letras refulgentes na história do Paraná e diante de sua memória sentimo-nos na obrigação moral de curvar-nos reverentes e entusiasmados” (Nossa homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de dez. de 1957). Anos mais tarde, quando de sua emancipação, a localidade recebeu o nome deste coronel por influência de seus descendentes.

72 Osvaldo Bittencourt enviou um artigo ao jornal *O Tibagi* quando da passagem de seu segundo aniversário. Seu texto foi publicado com o nome de *Imprensa Tibagiana* no dia 06 de dezembro de 1950, número seguinte ao de aniversário. Em 1951, quando da edição especial do 3º aniversário do semanário, fragmentos dessa colaboração foram incorporados a um texto escrito por J. Marena.

73 Expressão utilizada pelo próprio jornal. Para compreender melhor, faz-se necessária a transcrição do trecho: “A imprensa tibagiana conta mais de quarenta e seis anos de existência, (hoje, 47) datando o aparecimento do 1º número de *O Tibagi*, de outubro de 1904. Jornal de pequeno formato obedecia o mesmo a direção de Telêmaco Borba e era editado na sede da Comarca. À semelhança das rosas de Melherbe, teve a mesmo efêmera duração, desaparecendo no ano seguinte, para só voltar a circular em 1948, em Monte Alegre, com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feito tipográfico” (Curiosidades sobre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951).

74 Curiosidades sobre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951.

massa em Monte Alegre⁷⁵. Segundo Coraiola (2003, p. 193), “nos seus quase 50 anos de existência, foi o registro escrito da história local e regional, tendo guardado em suas páginas toda a cronologia dos fatos que construíram o atual perfil da Capital do Papel”.

Teve como fundador e diretor Horácio Klabin⁷⁶, que chegou à região de Monte Alegre em meados de 1947, assumindo o cargo de Diretor Administrativo nos negócios de sua família, na Indústria Klabin de Papel e Celulose S/A. Foi diretor do referido jornal até 1996, quando do seu falecimento e do concomitante fechamento do periódico. De acordo com Fernandes (1974, p. 126), Horácio Klabin possuía em Monte Alegre um programa de inovações: “funda o jornal ‘*O Tibagi*’ que constitui, para a grande maioria dos operários alfabetizados a primeira leitura regular, desde que deixaram os bancos da escola primária”.

75 A primeira transmissão radiofônica de Monte Alegre ocorreu em 1946 (GALVÃO; SANTOS, 2011, p. 11).

76 Horácio Klabin nasceu no ano de 1912, na cidade de São Paulo. Mesmo sendo formado em Engenharia Civil na Universidade Mackenzie em São Paulo, exerceu outras atividades para além da sua formação acadêmica: foi instrutor de dança, banqueiro, garimpeiro, reflorestador, colecionador de livros raros, vendedor de ferro velho, crítico literário, agricultor e radialista. Segundo biografia fornecida pelo Centro de Memória da Klabin, “entre tantas atividades desempenhadas o pioneirismo para grandes feitos foi também a sua marca. Na área dos esportes, promoveu o futebol em Monte Alegre, construindo um estádio em 1949. Como consequência disso introduziu o profissionalismo no futebol do Estado do Paraná, o que também fez com que o Clube Atlético de Monte Alegre conquistasse o título de campeão estadual em 1955. Foi o primeiro homem a instalar *lounges* em aeroportos sem vínculos com empresas aéreas. Introduziu os cartões de crédito nos países do bloco socialista europeu do pós-guerra” (s/d., p. 01). De acordo ainda com sua biografia organizada pelo Centro de Memória de sua família, sua chegada à Monte Alegre em 1947 “e o impacto das suas ações na região - especialmente com a construção da Cidade Nova e de tudo o que a envolveu - foram tão profundas que determinaram alterações no mapa do Estado do Paraná” (s/d., p. 01).

No início das publicações, o jornal possuía a tiragem de 500 exemplares, quando muito⁷⁷. Distribuído às quintas-feiras na Klabin aos funcionários da empresa, este também era lido pelas pessoas que moravam nos acampamentos mais distantes da sede da fábrica. Semanalmente, os operários levavam para casa um exemplar⁷⁸. Nas cidades onde havia escritórios ou representantes da Klabin, estes também eram enviados. Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Castro e Tibagi eram alguns dos destinos dos exemplares deste jornal. Segundo o próprio jornal, outro fator que contribuiu para o aumento significativo do número de leitores dentro e fora do Paraná⁷⁹ foi uma parceria entre o Lions Club local com os demais espalhados por todo o Brasil⁸⁰. Segundo nota publicada em 1951, *O Tibagi* tinha correspondentes espalhados pelo Paraná e região. Seus agentes enviavam as últimas notícias de Lagoa, Ventania, Piraí

77 1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959. Esta tiragem cresceu de acordo com a demanda pelo jornal.

78 “[o jornal] fazia parte do povo. Saía debaixo do braço de cada operário, quando este voltava da Fabrika, onde o recebia, para casa: era lido diante da mesa do almoço, no alpendre do quintal, na área da frente, entre os amigos. Companheiro do trabalhador, levava-lhe semanalmente, todas as notícias interessantes, num esforço de informa-lo e distrai-lo.” (1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959).

79 “Na verdade, *O Tibagi* está nos corações dos montealegrenses e conquistou a simpatia, não sómente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná Inteiro” (Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1950). “este semanário já visitou quase tôdas as cidades brasileiras e ainda o exterior, pois O TIBAGI já foi recebido em Lisboa (Portugal).” O TIBAGI percorre o Brasil. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1952.

80 “Levado a todos os Lions Clubes do Brasil, através das assinaturas do Lions Local; enviado a todos os possuidores de lotes na Cidade Nova, “O TIBAGI” percorre, semanalmente, milhares de quilômetros para alcançar os seus destinatários” (*O Tibagi*. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958).

do Sul, Castro, Jaguariáiva, Arapoti, Tibagi, Ortigueira, Ponta Grossa, Curitiba, Assaí e Itararé⁸¹.

O *Tibagi* era produzido e impresso em prédio próprio⁸², longe das edificações onde ocorria a fabricação de papel, no entanto, era totalmente vinculado à indústria: seus funcionários eram contratados pela Klabin, mesmo que não trabalhassem diretamente nas dependências desta⁸³. A questão do papel para a imprensa, tão cara aos jornais, não foi uma dificuldade efetiva enfrentada pelo jornal *O Tibagi*, uma vez que o material necessário para sua impressão era produzido nas próprias indústrias Klabin. Talvez por essa razão o jornal fosse rico em elementos gráficos, utilizando a iconografia como legitimadora de informações já referenciadas no texto. Para Barbosa (2007, p. 32), a utilização de imagens “constrói paulatinamente o seu caráter aparentemente objetivo, fazendo com que sejam olhadas como espécies de janelas e não como imagens”. Nesse sentido, as ilustrações foram utilizadas como recursos na legitimação de um real construído, dando a sensação de veracidade à informação⁸⁴.

81 São nossos agentes – correspondentes. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi, p. 25, 23 de novembro de 1951.

82 Inicialmente, o jornal tinha como endereço a Avenida Brasil, nº 02. Na Edição de 23 de novembro de 1950, o jornal anuncia mudança de endereço: “Este jornal, bem como a Tipografia, mudar-se-ão, dentro de breves dias, para a Rua Ro, ocupando o prédio onde estava instalada a Fábrica de Gazosa “São Pedro”. A mudança do maquinário da oficina e da redação verificar-se-á assim que estejam concluídas algumas modificações necessárias no novo prédio” (p. 01). Na edição comemorativa do ano seguinte (1951), o jornal aparece alocado na Rua Anita Garibaldi, nº 154.

83 VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.

84 De acordo com Barbosa (2007, p. 36), “essa necessidade da imagem significando o real faz parte de um movimento cultural mais amplo que se instaura a partir da segunda metade do século XIX, quando a descrição fotográfica – fosse ela do ambiente ou das pessoas – passa a ser gradativamente vista como instrumento eficiente para reproduzir o real e a verdade. A tecnologia que se espalha pelos múltiplos universos culturais da cidade é tributária da ideia de reprodução fidedigna”.



Notícias de Cidade Nova em *O Tibagi*, 23 de dezembro de 1957.

O Tibagi foi o meio de publicidade para empresas aéreas, companhias de seguro, fábricas de bebidas e dos mais variados gêneros alimentícios, lojas, mercados e os mais diversos tipos de empreendimentos⁸⁵. No jornal *O Tibagi* anunciavam os

85 Principais anunciantes nas edições comemorativas: Açúcar Diana, Armazém de Subsistência das I.K.P., Arno Iwersen&Cia., Atalaia Companhia de Seguros, Auto Peças Wolflândia, Banco Agrícola e Industrial Paraná-Central, Banco Comercial do Paraná, Biscoitos Aymoré, BOA – Brasil Organização Aérea S/A., Brahma Rainha, Guaraná Brahma e Brahma Chopp, Café Belmont, Casa de Móveis Paulista, Cervejaria Adriática S/A, Cigarros Hollywood, Cine Luz e Cine-Harmonia, Companhia Agro Mercantil Paranaense, Companhia Antarctica Paulista, Companhia Seguradora dos Proprietários do Brasil, Crush do Paraná e Santa Catarina, Farinha Láctea Nestlé, Hangar Vicente, Hermes Macedo S.A, Indústrias Alimentícias Abagge LTDA., Indústrias Todeschini Ltda., Indústrias Wagner S/A., Leite Moça, Lojas e Alfaiataria Record, Mate Leão, Minancora, Mobiloil, Moinho Curitibano, Moinho Paranaense Ltda., Mueller Irmãos Ltda., Nescafé, Ouro Fino, Papelaria Requião, Pioneiro de Taxi Aéreo, Posto de Serviço Esso Monte Alegre, Prosdócimo, Rádio Monte Alegre, Seguro de vida em grupo

principais fornecedores da Klabin (FERNANDES, 1974, p. 127)⁸⁶. Segundo o próprio hebdomadário, o número elevado de anunciantes demonstrava o prestígio de *O Tíbagi*: “a parte de anúncios diz bem, por si só, do conceito em que é tido o periódico, não só em Monte Alegre como no Estado inteiro, e, mesmo, em muitas partes do Brasil”⁸⁷.

Em geral, as edições semanais, que somavam entre seis e oito páginas, abordavam temas de interesse à comunidade, com destaque aos acontecimentos locais. Segundo Hellê Vellozo Fernandes, redatora social do jornal, “começamos pelo ABC, selecionando assuntos, estudando o que fôsse de interesse geral, procurando sempre atender às necessidades dos leitores e fazer de O TIBAGI o órgão de ligação que êle se propôs ser”⁸⁸. Sobre as características do jornal, a redatora escreveu:

Como semanário, O TIBAGI não pode ter o caráter sensacionalista⁸⁹ dos diários, que em cada

Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A., Serviço de Táxi Aéreo, Sul-América terrestres, marítimos e acidentes – Companhia de Seguro, Vale do Tibagi Comércio e Indústria S.A.

86 A respeito dos anunciantes do jornal é importante ressaltar que as edições de aniversário, compostas em números de página até seis, sete vezes maiores do que as edições semanais, tinham propagandas em grande parte de suas páginas. Na edição especial de aniversário do ano de 1951 foi impressa em 40 páginas, sendo que em 38 delas havia espaço destinado a algum tipo de publicidade. Tais propagandas variavam no tamanho: desde pequenos informes até páginas inteiras. Segundo o relato do Seu J. – que trabalhou no jornal *O Tíbagi* – as edições de aniversário eram iniciadas até oito meses antes de sua publicação, para que existisse tempo hábil para contatar todos os anunciantes do jornal. VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014)

87 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954. *O Tíbagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1954.

88 O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tíbagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

89 É interessante frisar que nas edições consultadas para a construção desta obra nenhuma notícia faz menção a crimes ou delitos cometidos em Monte

vinte e quatro horas selecionam as ocorrências e as transmitem com atualidade. Temos que desempenhar a dupla função de noticiário e revista, com assuntos do momento e da semana. Não podemos remontar fatos passados e forçados a diminuir a parte noticiosa, procuramos satisfazer o leitor com uma leitura variada⁹⁰.

Assim, a partir do “que vigora, do que nos orienta e nos ensina [que] ainda a boa observação pessoal, o estudo paciente, a boa vontade, o auto-didatismo”⁹¹ foram organizadas seções de diversão, literária, sentimental, folhetim, concursos, espaço destinado às contribuições dos leitores. O jornal, então, apresentava colunas fixas como a “Última Hora” e “Crônicas Internacionais”, que traziam notícias sobre os últimos acontecimentos do país e do exterior. Existiam ainda colunas “O que sabe dos homens e das mulheres”, “Já conhecia este prato?” e “Página Esportiva”. Merecem destaque também as séries em quadrinhos, bem como a coluna “Sociais”, onde eram abordados os eventos da cidade, como casamentos, batizados e festividades em geral. Além dessas colunas que eram fixas nos primeiros anos do jornal, existia grande espaço reservado para poesias e crônicas.

Segundo Fernandes, no jornal foram abordadas inúmeras temáticas: “das Sociais a Culinária, de Modas a Conselho de Beleza, de Charadística a Novela Policial; de histórico de plantações a recensão de livros”⁹². Mais tarde,

Alegre, e até mesmo fora da localidade. Fernandes (1974, p. 127) afirmou que a orientação do jornal, “dada pelo diretor Horácio Klabin, exclui o sensacionalismo. Não tem página policial”.

90 O TIBAGI – Um ano a mais. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

91 Ibid ⁹⁰.

92 Ibid ⁹⁰.

1974, (re)organizou suas memórias⁹³ em relação à constituição do jornal:

Como Horácio Klabin diretor-fundador de “O Tibagi”, tem boas relações entre proprietários de grandes jornais de Rio e São Paulo, consegue clichês dos fatos mais atuais. “O Tibagi” torna-se ilustrado, com fotografias de acontecimentos internacionais, com a série em quadrinhos dos bonecos “Acácio” e “Margarida”, com os desenhos das “Curiosidades” de Apla, com as Crônicas de Hél⁹⁴, Leo Portela e Al Neto. De outra parte, os redatores monte-alegrenses contribuem com as palavras cruzadas e charadas, os cursos de português e literatura, as seções femininas, as crônicas locais e a colaboração de escritores do Paraná e de outros Estados, o que o monte-alegrense costuma ler e gostar (FERNANDES, 1974, p. 127).

Nesse processo de rememoração, a redatora social também escreveu sobre a utilização do rádio na obtenção de notícias a serem publicadas no semanário.

Com exceção de Fernandes – que se formou na década de 1960, o jornal não contava com jornalistas profissionais⁹⁵, era

93 Barbosa (2007, p. 83), parafraseando Halbwachs, escreveu que “a seletividade da memória nada mais é do que a capacidade de ordenar e dar sentido ao passado em função das representações, visões de mundo, símbolos ou noções que permitem aos grupos sociais pensar o presente”.

94 Hellê Vellozo Fernandes assinou a maioria de seus escritos com o pseudônimo Hél.

95 Na edição de aniversário do ano de 1949 publicaram: “... sem contar com jornalistas profissionais...” - O primeiro aniversário de “O Tibagi”. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949-. Anos mais tarde, em 1958, voltaram a reiterar a ausência da profissionalização de seus colaboradores: “... um jornal do interior não pode se dar ao luxo de redatores especializados. (...) Não podemos dizer, em sã consciência, que ‘fizemos jornalismo’. Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos” - Apresentação. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 30 de novembro de 1958. É importante lembrar que a profissionalização do jornalismo ocorreu

apenas “fruto do entusiasmo de uma equipe heterogênea, de um senhor de indústria idealista, de um médico polonês, de uma professora brasileira, de um advogado poeta, de uns jornalistas amadores de coração”⁹⁶.



Capa do jornal *O Tibagi* em 23 de novembro de 1949.

O corpo editorial do jornal permaneceu praticamente o mesmo durante o período que compreende o recorte temporal desta obra: como diretor, o seu fundador, Horácio Klabin; Cacildo Batista de Arpelau⁹⁷, como sub-diretor; Durante o recorte temporal da obra, apenas a redação da página esportiva teve mais de um colaborador, tendo trabalhado nesta

ao longo das décadas de 1950 e 1960.

⁹⁶ 1948 - 1959. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

⁹⁷ “Ilustre filho de Tibagi e prestigioso prócer político no município, o sr. Cacildo Arpelau é alto funcionário das Industrias Klabin do Paraná de Celulose S/A e atualmente ocupa o cargo de Sub-Delegado de Polícia de Monte Alegre” (Nossa Homenagem a Tibagi – Cacildo Batista de Arpelau. *O Tibagi*. Monte Alegre, 23 de novembro de 1957, p.02).

João Marendas⁹⁸ como redator-chefe⁹⁹; e Hellê Vellozo Fernandes¹⁰⁰, responsável pela redação das Sociais-Literárias. Durante o recorte temporal da obra, apenas a redação da página

98 “João Marendas nasceu em Ponta Grossa no dia 05 de setembro de 1923, filho de Humberto e Laura Biscaia Marendas. Em 1947 passou a trabalhar no Jornal do Paraná onde usava o pseudônimo ‘Tristão de Ouro Preto’. Em 1948 transferiu-se para o então Distrito de Ventania (Tibagi), onde trabalhou como encarregado da tipografia para as Indústrias Klabin do Paraná e Celulose S. (...) Deixou as indústrias Klabin em 1968, posteriormente passando a residir em Ponta Grossa, onde em 1970 passou a trabalhar no Jornal Diário dos Campos, permanecendo até seu falecimento, em 09 de maio de 1990”. Disponível em: http://www.uepg.br/dicion/verbetes/a-m/marendas_joao.htm. Acessado em: 05.06.2014.

99 Os primeiros seis meses de jornal contaram com Lauro Nery do Canto enquanto como redator-chefe. (Um ano vencido. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

100 Hellê Vellozo Fernandes nasceu em Curitiba, em 13 de outubro de 1925 (faleceu no dia 27 de novembro de 2008, aos 83 anos de idade). Filha do professor e escritor Porthos Moraes de Castro Vellozo e de Prudência Araújo Moritz Vellozo, atuou como jornalista desde os 15 anos, escrevendo para jornais como *Diário do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Diário da Tarde*, entre outros. Durante a década de 60 estudou na *Universidade Federal do Paraná* os cursos de Letras e Jornalismo e ministrou aulas nessas áreas. Trabalhou como assessora de imprensa da reitoria da *UFPR* e também foi secretária-executiva da *Comissão Paranaense de Folclore*. Foi membro de várias instituições culturais, como a *Academia de Letras do Paraná* – na qual foi a 4ª ocupante da 37ª cadeira, a *Ala Feminina da Casa Juvenal Galeno* (Ceará) e a *Academia Feminina de Letras do Rio Grande do Sul*. Foi uma das sócio-fundadoras da *Asociación Mundial de Mujeres Periodistas e Escritoras*, no México, em 1969. Também foi fundadora da *Associação de Jornalistas e Escritoras Brasileiras*, da qual foi presidente entre 1970 e 1974 e 1985 e 1989. Era membro do *Instituto Histórico Geográfico e Etnográfico do Paraná* e participou de diversos congressos dentro e fora do Brasil. (COELHO, 2002, p. 251). Como escritora, dedicou-se às crônicas, ficções e à prosa. Participou de obras coletivas, como *O livro de Ajebiania* (1979) e *Antologia didática de escritoras paranaenses* (1970), entre outras. Sua primeira obra individual foi *Camaféus* (1945). Após ele, seguiram-se outras publicações, sendo duas delas especificamente a respeito de Monte Alegre: *Nos Campos e nos Pinais* (1970) e *Monte Alegre, Cidade Papel* (1974), livro aqui utilizado como referência. Com seus escritos recebeu diversos prêmios, como o *Prêmio Nestor Victor* 1949: 1º lugar no gênero romance para o livro *Incompreensão*, o *Prêmio Euclides Vergueiro* 1959: 1º lugar no gênero romance para o livro *Os Vergueiros* e o *Prêmio Maria Coleta Alves de Araújo* 1963: 1º lugar no gênero romance histórico para o livro *Pioneiros do Iguatemi*.

esportiva teve mais de um colaborador, tendo trabalhado nesta J. T. Oliveira¹⁰¹, R. R. Abreu¹⁰², Heroes Martins¹⁰³ e Péricles Pacheco da Silva¹⁰⁴.



Expediente *O Tibagi*, 1957.

101 Não foram encontrados dados biográficos.

102 Não foram encontrados dados biográficos.

103 Não foram encontrados dados biográficos.

104 “Péricles Pacheco da Silva nasceu em 03 de junho de 1918, na cidade de Curitiba. (...) Formado em Administração, exerceu o cargo de Superintendente Administrativo da Klabin. Na vida pública, foi Deputado Estadual nos anos de 1982 a 1986; e prefeito de Telêmaco Borba na gestão de 1964 a 1968. Teve participação importante por ocasião do desmembramento e criação do Município, e antes disso, também participou da própria fundação da Cidade Nova, trabalhando ao lado de Horácio Klabin. Esportista. Por mais de 15 anos foi presidente do CAMA – Clube Atlético Monte Alegre. Também foi sócio e fundador do Lions Clube de Monte Alegre em 1954”. Disponível em: <http://telemacoborbaonline.pbworks.com/w/page/31122445/NOSSA%20SENHORA%20DO%20PERP%C3%89TUO%20SOCORRO%20-%20O%20PRESENTE>. Acesso em: 05.06.2014.

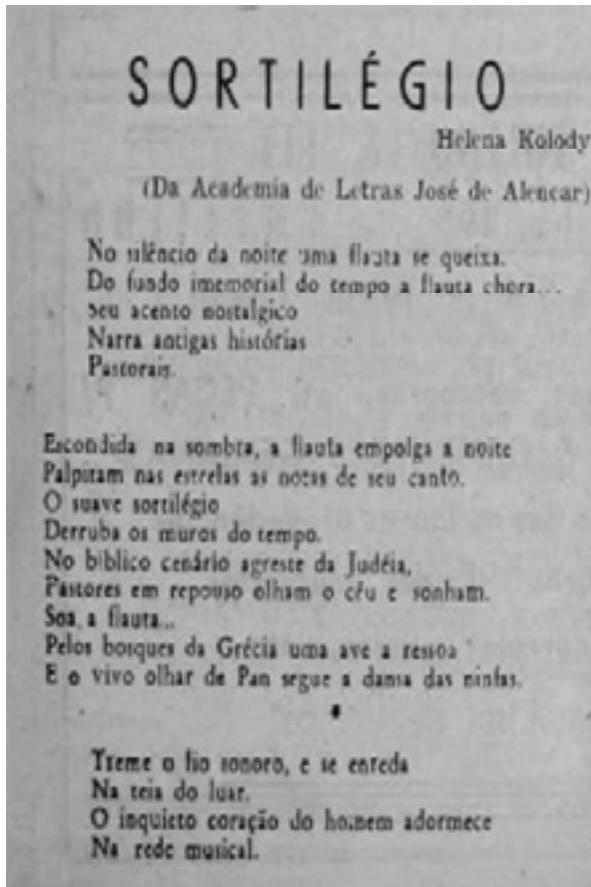
Apesar do discurso a respeito da não-profissionalização dos co-laboradores do jornal, o próprio semanário afirmou ser “um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país. Um patrimônio para a imprensa nacional”¹⁰⁵. Por mais que se afirmassem como amadores, havia um intercâmbio entre as práticas de jornalismo dos grandes centros e as realizadas em Monte Alegre. Tal afirmação está pautada nas afirmações de Hellê Vellozo Fernandes – quando tratou do bom relacionamento de Horácio Klabin com grandes empresas jornalísticas – e no fato de a jornalista ter trabalhado na imprensa da capital, atuando em periódicos como Diário do Paraná, Gazeta do Povo e Diário da Tarde.

Por apresentar-se com o objetivo de também “dar aos seus leitores o que há de melhor em produção literária do Estado do Paraná”¹⁰⁶ teve como colaboradores frequentes a Academia de Letras José de Alencar, Academia Feminina Espírito Santense de Letras, Academia Paranaense de Letras, Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, Centro Cultural Euclides da Cunha e Centro de Letras do Paraná. Os nomes mais recorrentes em contribuições eram de poetas e prosadores, tais como Bento Munhoz da Rocha Neto, David Carneiro, Erasmo Piloto, Heitor Stockler, Helena Kolody, Humberto Grande, Loureto Fernandes, Napoleão Teixeira, Rodrigo Junior, Serafim França, Valfrido Piloto, Vasco José Taborda e Wilson Martins, para citar alguns exemplos¹⁰⁷.

105 Um ano vencido. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

106 Homenagem. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

107 Homenagem. *O Tibagi*, Telêmaco Borba – Paraná, p. 02-03, 23 de novembro de 1964.



Poema de Helena Kolody publicado em *O Tibagi*, 23 de novembro de 1953.

Seguindo o padrão das grandes empresas jornalísticas, apresentava juntamente ao corpo editorial a seguinte advertência: “não nos responsabilizamos por conceitos emitidos por nossos colaboradores em artigos assinados”¹⁰⁸. Mesmo sendo uma prática recorrente nos jornais, é de fato curiosa tal ressalva, uma vez que antes mesmo de ser impresso, o periódico passava pela avaliação dos diretores da Klabin para, então, as notícias chegarem ao conhecimento da população¹⁰⁹. Desse modo, por mais que os textos fossem assinados, entende-se que só eram publicados no jornal aqueles que atendiam a linha editorial de *O Tibagi* e que contribuíam para a imagem que o periódico queria construir de si e dos feitos das IKPC.

Em relação às fontes de receita do jornal, acredita-se que esta era oriunda de investimentos de seu próprio diretor-fundador - Horácio Klabin¹¹⁰.

A produção de sentidos no discurso de *O Tibagi*

Na busca por visibilidade, por legitimidade ante ao leitor, a imprensa busca se aproximar de seu público por intermédio de diversos mecanismos para o estabelecimento de vínculos de confiança. Entre eles, é possível destacar a autorreferência e a

108 *O Tibagi*. Monte Alegre, p. 02.

109 Estas informações foram obtidas em conversas informais com ex-funcionários do periódico.

110 Esta afirmação é uma pressuposição a partir da leitura do fragmento de entrevista a seguir: “eu conheci o Horácio Klabin pessoalmente. Inclusive, volta e meia ele estava lá na gráfica e ele era uma pessoa altamente dinâmica. E, por sinal, tem-se que um dos mais brilhantes administradores da Indústria Klabin foi Horácio Klabin, que era um homem de uma visão extraordinária. Depois de Horácio Klabin, veio o saudoso Samuel Klabin, que também foi uma figura muito importante, mas daí já diminuindo bastante o investimento da Klabin em coisas que o Horácio Klabin havia criado” (VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.).

heterorreferência (LUHMANN, 2005), que são estratégias de imagem¹¹¹ utilizadas nos discursos jornalísticos na produção de efeitos de sentido¹¹² em seus leitores. Por mais que os meios de comunicação ocupem destacado lugar na produção de sentidos, este lugar precisa ser constantemente assegurado. Nesse sentido, para (re)afirmar sua posição como enunciador são utilizadas estratégias discursivas ou – como nestes livros denominados – estratégias de imagem para firmar um contrato de leitura¹¹³ com o público leitor.

A compreensão da noção de estratégia de imagem tem pressupostos nos estudos de Maria Ivete Trevisan Fossá e Daiane Bertasso Ribeiro (2010, p. 63): ao se tratar de “imagem”, deve-se compreender não apenas “a materialidade de uma representação icônica ou indicial, mas também a imagem que construímos mentalmente e que, em grande parte, carrega juízo de valor, por exemplo, positiva ou negativa, alegre ou triste, confiável ou não-confiável, etc”. Isto significa ir além da compreensão de seu sentido iconográfico, considerando em sua interpretação processos cognitivos, como o pensamento, a

111 Entende-se imagem a partir das colocações de Fossá e Ribeiro (2010, p. 63): “o termo ‘imagem’ possui um conceito amplo, não se referindo apenas à materialidade de uma representação icônica ou indicial, mas também à imagem que construímos mentalmente e que, em grande parte, carrega um juízo de valor...”.

112 A noção de efeitos de sentido, neste livro, tem pressupostos em Fossá e Ribeiro (2010, p. 63), que citando Verón (1980), escreveram: “os efeitos de sentido estão no nível das condições de recepção (ou de “reconhecimento”) do discurso”. Em outras palavras, a noção de efeitos de sentido compreende o processo que vai da construção de sentido até a sua apropriação, sendo o texto o ponto de passagem que sustenta a circulação social destes significados.

113 Nesta obra o entendimento da noção de contrato de leitura tem pressupostos teóricos em Fausto Neto (2007, p. 10):, “entende-se, aqui, por contratos de leitura, regras, estratégias e ‘políticas’ de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos e que se formalizam nas práticas textuais, como instâncias que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários”.

percepção e a memória.

As estratégias de imagem também estão presentes nos jornais através do uso de ilustrações, confirmando o sentido de um texto ali publicado, mas se fazem verdadeiramente presentes no discurso, isto é, “na imagem que o jornal constrói de si em seu discurso, pelo modo como é enunciado” (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p. 64). A esse respeito Fossá e Ribeiro escreveram:

As estratégias de imagem, que em um primeiro momento propõem-se a referenciar o mundo (heterorreferência), não apenas resultam como também se constituem em estratégias de autorreferencialidade, as quais visam produzir efeitos de sentido ao discurso jornalístico para o seu próprio devir, a fim de firmar um contrato de leitura com o leitor (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p. 64).

Nesse sentido, entende-se que, na formação discursiva do jornalismo, há estreita relação entre os discursos autorreferenciais e heterorreferenciais, pois mesmo quando da referência à realidade do mundo (heterorreferência) é possível fazer a referência ao enunciador, construindo sua autoimagem e estabelecendo contratos com o público leitor (autorreferência).

Para Niklas Luhmann (2005), sociólogo alemão que desenvolveu as noções de auto e heterorreferência em relação aos meios de comunicação, o “fazer” da notícia requer seleções. Nesse processo, “só menciona aquilo que fala a seu favor” e, a partir de sua perspectiva comunicacional, “determina a forma como o mundo deve ser lido” (LUHMANN, 2005, p. 131-133).

A heterorreferência da comunicação se dá pela utilização de temáticas diversas na construção da notícia, atingindo a interesses distintos, em diversos níveis de público. O

conhecimento acerca de tais temas, o conhecimento sobre o mundo é produzido e reproduzido pelos meios de comunicação. Tal conhecimento é uma representação a partir das perspectivas de seu enunciador. Em outras palavras, trata-se da “cópia da realidade e é também assim que ela é enunciada e percebida” (LUHMANN, 2005, p. 131).

Em relação a tais representações e a autonomia dos sujeitos em sua recepção, Luhmann (2005) escreveu que não seria suficiente falar apenas de uma “suspeita universal de ideologia”, antes um “acomodamento geral”. Para o autor, “as pessoas decodificam tudo o que é comunicado na direção daquele que o comunica” (LUHMANN, 2005, p. 140). Isso não significa dizer que quem participa da comunicação não reflita diante dos meios pelos quais esta se estabelece; o que existe são diferentes graus de elaboração. Antes, “trata-se da observação de que uma sociedade, que deixa sua auto-observação ao encargo do sistema de função dos meios de comunicação, aceita essa mesma forma de observação à maneira da observação de observadores” (LUHMANN, 2005, p. 142).

Ainda sobre a capacidade que os meios de comunicação têm de construir a realidade (heterorreferência), o sociólogo escreveu que “a ‘inocência’ social dos meios de comunicação, seu caráter inofensivo, baseia-se no fato de que eles não forçam ninguém a nada” (LUHMANN, 2005, p. 144). Nesse sentido,

[...] quando a mídia impressa põe em circulação (enuncia) os seus textos, ela está reproduzindo a sua leitura do mundo, os seus discursos; portanto, uma realidade construída por meio de todo esse complexo “jogo” de relações de formações discursivas de todos os tipos, e pelas lógicas que regem os dispositivos midiáticos (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p. 65).

Na autorreferência, os meios de comunicação fazem alusão às próprias condições, justificando socialmente seu lugar de enunciador. Ao falarem de si estão “promovendo uma espécie de autorreconhecimento de si enquanto dispositivo jornalístico que prepara o sentido do discurso” (FOSSÁ; RIBEIRO, 2010, p. 68). Isto ocorre porque “a própria linguagem fabrica seus indicadores de realidade” (LUHMANN, 2005, p. 146). Em outras palavras, “os processos que engendram a noticiabilidade e suas práticas se estruturam segundo regras definidas por parâmetros de autorreferências do próprio sistema de produção discursiva” (FAUSTO NETO, 2006, p. 11). Nesse sentido, entende-se que os meios de comunicação enunciam seus próprios padrões de legitimidade.

Como estratégia discursiva de contrato, a autorreferência se preocupa em enunciar a realidade da construção, suas condições de construção da notícia e a imagem que construiu de si em seus discursos – e não apenas sua representação de mundo para os leitores. Firmar contratos de leitura pautados na imagem de si é tão importante quanto a construção da realidade, uma vez que a autorreferência legitima a enunciação heterorreferente.

A autorreferência em *O Tibagi*

Para entender como se deu a construção da imagem de si em *O Tibagi*, foi analisado um conjunto documental composto por 43 notícias de autorreferencialidade¹¹⁴, escritas por Armando A. Pires (01), Daily Luiz Wambier (01), Elsi Ebeling (01), G. Molke (01), Greta Rodelheimer (01), Helio

114 Além dessas 43 notícias específicas de autorreferencialidade, optou-se por incorporar uma de heterorreferencialidade, onde o jornal constrói o seu contexto histórico de produção.

C. Teixeira (01), Hellê Vellozo Fernandes (09), J. Marenda (03)¹¹⁵, Marenfis (01) e Paulo de Souza Filho (01). As notícias restantes não foram assinadas¹¹⁶.

A disposição das informações no jornal também é imbricada de significados. Em geral, as notícias mais importantes, as que merecem maior destaque em detrimento de outras, são publicadas nas capas. A esse respeito, a publicação de notícias autorreferentes foi predominante nas capas e páginas subsequentes¹¹⁷. Ao todo, 25 foram publicadas na capa – também levando em consideração o segundo e o terceiro caderno, quando havia.

A partir de leituras flutuantes realizadas no *corpus* documental, foram organizadas treze categorias de análise a seguir problematizadas: amor à profissão, dificuldades enfrentadas pelo jornal, discurso competente, gratidão a Horácio Klabin, heterorreferência, importância da imprensa, independência política, instituição de tradições, orientação/função do periódico, práticas de caridade, profissionalização no meio jornalístico, realidade da construção e reconhecimento do semanário¹¹⁸.

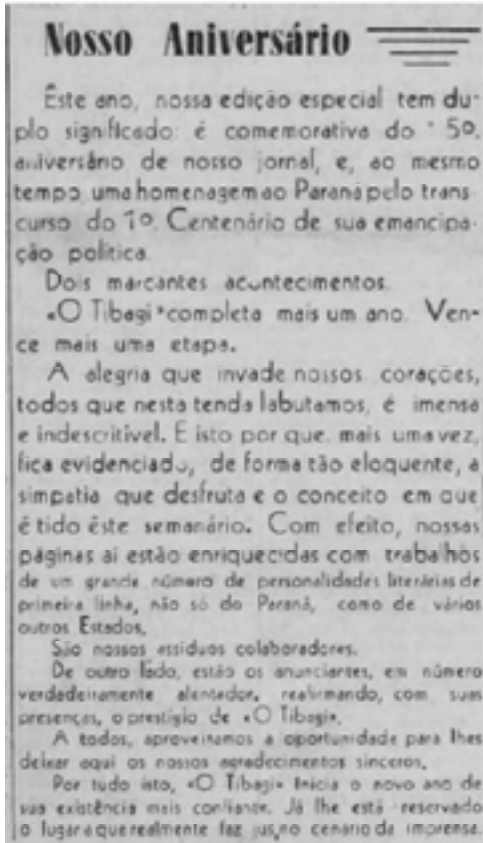
115 Em um de seus textos, J. Marenda escreveu a partir de fragmentos de um artigo escrito por Osvaldo Bittencourt, publicado pela primeira vez em O Tibagi, em 06 de dezembro de 1950.

116 Em uma delas foram publicados fragmentos de uma carta escrita pelo senhor ministro Altamir de Moura.

117 Relação entre o número da página e a quantidade de notícias de autorreferência publicadas: página 01, 25 notícias; página 02, 08 notícias; página 03, 03 notícias; página 05, 03 notícias; página 10, 01 notícia; página 14, 01 notícia; página 15, 01 notícia; página 16, 01 notícia; e página 25, 01 notícia.

118 A apresentação das categorias na problematização se dará por ordem decrescente em relação ao número de ocorrências.

Reconhecimento do semanário¹¹⁹



Autorreferência em *O Tibagi*, 23 de novembro de 1953.

119 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção ao reconhecimento do semanário através de argumentos como o número elevado de leitores e anunciantes, sua prosperidade e superação de obstáculos.

Acredita-se que o jornal *O Tibagi* para se fazer reconhecido se disse reconhecido. Como exemplo, é possível citar a nota publicada no ano de 1952: “a colaboração que abaixo publicamos veio de Portugal, especialmente para O TIBAGI. Por aí se vê que o nosso semanário, nestes três anos de existência, já se tornou bastante conhecido, não só no país como no estrangeiro”¹²⁰. Outra estratégia para a construção de seu reconhecimento foi a publicação de notas elogiosas recebidas de pessoas e empresas jornalísticas importantes.

Em um agradecimento a Horácio Klabin, Ney Leprevost escreveu:

Por especial deferência de V.S., tenho presente o primeiro número de “O Tibagi”, o que agradeço. Ao ensêjo, deixo patenteados os melhores vótos de prosperidade a êsse novo órgão de imprensa do Estado, que, pela sua apresentação inicial e suas características de elegância, sobriedade e patriotismo, o capacitam ao mais completo êxito¹²¹.

Outra passagem que exaltou o reconhecimento (imediatamente) do hebdomadário foi emitida pelo jornal curitibano *Diário da Tarde*:

Dirigido pelo nosso brilhante confrade Horácio Klabin, acaba de aparecer em Tibagi o primeiro número do jornal “O Tibagi”, órgão que se propõe defender os interesses daquele próspero município e que encena em suas páginas farto noticiário, nacional e do exterior, encenando ainda, o referido numero, admiravel monografia sobre aquele município, de autoria do sr. Edmundo

120 Redação e Jorge Ramos. *O Tibagi* – Monte Alegre – O Tibagi – Paraná, p. 15, 23 de novembro de 1951.

121 LEPREVOST, Ney. Recebemos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 30 de novembro de 1948.

Mercer Junior, uma página interessante, que muita luz traz sobre a história de Tibagi. O novo jornal se apresenta em excelente feição gráfica e sua matéria é disposta com inteligência. Ao dirigente e ao corpo redatorial de “O Tibagi”, os nossos votos de prosperidades¹²².

Além da utilização desse discurso competente que reconhece seus méritos ao mesmo tempo em que contribui ainda mais para o seu reconhecimento, outros textos publicados no jornal enaltecem *O Tibagi*: como um semanário, *O Tibagi* poderia “ser considerado um dos melhores dentro do nosso Estado”¹²³, pois se tratava de “um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país”¹²⁴ e que ocupava lugar de invejável destaque¹²⁵. “Um patrimônio para a imprensa nacional!”¹²⁶. O já consagrado¹²⁷ hebdomadário, “foi recebido com agrado pelos montealegrenses, que procuram, desde logo, cooperar nessa obra louvável”¹²⁸, pois conquistou a simpatia e a gratidão¹²⁹, “não somente destes, mas de todos os seus inúmeros leitores, espalhados pelo Paraná inteiro”¹³⁰. “E quantos não são os que se lembraram, já com bastante antecedência, do aniversário dêste querido semanário”¹³¹.

122 Do “Diário da Tarde”, de Curitiba, “O Tibagi”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03, 30 de novembro de 1948.

123 MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.

124 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.

125 WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.10, 23 de novembro de 1950.

126 Ibid ¹²⁴.

127 Ibid ¹²⁴.

128 Ibid ¹²⁴.

130 Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1950.

131 MARENDIA, J. 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1952. *O*

Para além dos discursos mais recorrentes (admiração do público leitor; brilhante e esforçada equipe de intelectuais; gratidão dos paranaenses aos serviços prestados pelo jornal; qualidade do jornal, não deixando nada a desejar em comparação com os grandes jornais da imprensa brasileira; respeito, sucesso e prosperidade do jornal), é possível destacar outras estratégias discursivas para a construção de seu reconhecimento: a ancoragem no discurso competente e o número de anunciantes que ali publicavam suas propagandas.

[...] fica evidenciado, de forma tão eloquente, a simpatia que desfruta e o conceito em que é tido este semanário. Com efeito, nossas páginas aí estão enriquecidas com trabalhos de um grande número de personalidades literárias de primeira linha, não só do Paraná, como de vários outros Estados. São nossos assíduos colaboradores. De outro lado, estão os anunciantes, em número verdadeiramente alentador, reafirmando, com suas presenças, o prestígio de “O Tibagi”¹³².

Ainda sobre o reconhecimento do jornal, a estratégia de divulgação dos locais “aquém e além do rio Tibagi”¹³³ para onde o jornal era enviado e lido¹³⁴ corroborou para tanto:

Tibagi. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1952.

132 Nosso Aniversário. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1953.

133 *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.02, 15 de dezembro de 1952.

134 “Damos, a seguir, um quadro com os nomes das cidades e localidades do Paraná e do Brasil, onde O TIBAGI é recebido. Por este quadro poder-se-á verificar a difusão que já alcançou até agora o semanário montealegrense: Monte Alegre (Lagoa – Harmonia – Mauá – Guarda-Morias) Ventania – Itararé – São Paulo (capital) Bom Piraí do Sul-Tibagi – Ortigueira – Jaguariaíva – Rio de Janeiro – Arapoti – Ponta Grossa – Laranjeiras do Sul – Santa Maria (R.G.S.) – Apucarana – Londrina – Ribeirão Claro – Wenceslau Braz – Itapeva – Curiúva – Joaquim Távora – Araúva (?) -Reserva – Santo Antônio da Platina – Belo Horizonte (Minas) – Rio Pardo (S. Paulo) – Joinville (Santa Catarina) – Guarapuava – Rio Bom (Apucarana)

Aproveitamos a oportunidade para desejar a todos os leitores, anunciantes, autoridades, população em geral de Monte Alegre; leitores de outras localidades do Brasil e do Exterior, anunciantes de Curitiba e de Ponta Grossa – Boas Festas neste final de 1962¹³⁵.

Ao discursar sobre um possível reconhecimento estadual – tanto de intelectuais e anunciantes, como de leitores –, trazia ainda mais importância para si, aumentando a credibilidade em suas palavras. Ou seja, ao qualificar-se, *O Tibagi* distinguia-se dos demais, conotando ainda mais reconhecimento para si.

Ao todo, foram 51 passagens que tratam do reconhecimento do semanário, publicadas em todas as edições especiais de aniversário, com exceção do ano de 1963.

*Orientação/função do periódico*¹³⁶

Quanto do processo de criação do campo de atuação da imprensa, fez-se necessário atribuir-lhe funções por meio de estratégias discursivas. No jornal *O Tibagi*, isso pode ser visualizado com facilidade: foram 48 menções à orientação/função do periódico, encontradas em todas as publicações que compreendem o recorte temporal deste livro, com exceção dos

– Curitiba – Jacarezinho – Jaguapitã – Paranaguá – Palmeira – Maringá – Assai – Pôrto Alegre (R.G.S.) Lavrinhas (Pinhalão) – Imbituva – Castro – Rio Negro – Santos – Paranavaí – São Vicente (São Paulo) – Tomazina Siqueira Campos – Rolândia Juiz de Fora (Minas) Natingui, Ipiranga” - O TIBAGI percorre o BRASIL. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01. 23 de novembro de 1952.

135 *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 15 de dezembro de 1962.

136 Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fizeram menção aos fins, finalidade, função, missão, diretriz, orientação e intenções do jornal *O Tibagi*.

anos de 1952 e 1957¹³⁷.

Entre as funções construídas pelo jornal e atribuídas a si próprio destacar destacam-se: atender aos anseios da coletividade montealegrense¹³⁸; buscar continuamente o ideal de melhor servir¹³⁹; cooperar com as expressões mais altas da cultura e divulgá-las¹⁴⁰; colaborar para um país mais culto¹⁴¹; contribuir para o processo de evolução de sua comunidade¹⁴²; dedicar-se ao bem estar da população¹⁴³; elevar o nível cultural das gentes¹⁴⁴; fazer-se propriedade da coletividade¹⁴⁵; irradiar a luz da civilidade nos sertões¹⁴⁶; levar aos leitores notícias, informações, pensamentos e opiniões¹⁴⁷; noticiar, atacar e defender, bem como ensinar,

137 Diante de todas as funções atribuídas pelo jornal a si mesmo, não foi encontrado nada referente à ligação do hebdomadário com a Indústria Klabin, entretanto, era de regular frequência publicações da empresa nas edições de aniversário.

138 23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1954.

139 FERNANDES, Hellê Vellozo. Não devia ser assim. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1961.

140 FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

141 WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 10, 23 de novembro de 1950.

142 FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

143 Orientação/função do periódico presente em duas notícias: Nossa Apresentação. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1948 e Primeiro Aniversário de “O Tibagi”. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

144 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.

145 FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

146 RODELHEIMER, Greta. Salve O Tibagi. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 25, 23 de novembro de 1951.

147 FERNANDES, Hellê Vellozo. “O Tibagi” 12 anos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 22 de dezembro de 1960.

instruir¹⁴⁸; oferecer aos leitores algo da literatura¹⁴⁹ prestar auxílio¹⁵⁰ à alfabetização; ser uma instituição que esclarece e a comunidade consulta para saber, elogiar e julgar¹⁵¹; servir à coletividade, contribuindo para o desenvolvimento cultural do Brasil¹⁵². Além dessas atribuições, o jornal *O Tibagi* se apresentou “porta-voz da cidade-papel, mensageiro de suas notícias, documentário fiel de sua vida e registrador de sua história”¹⁵³. *O Tibagi, desde sua fundação, teve sua linha diretriz estabelecida em estatuto*¹⁵⁴.

Porque um jornal que vive para o público, que se faz para o público, tem que satisfazer o gosto do maior número, ser concorde com o modo de vêr da opinião mais geral. Não contrariar, não irritar, não provocar más vontades, incendiar ódios, nem colaborar para o êxito de ruins paixões. E eis, portanto, porque cada ano na existência de um jornal representa soma considerável de talento, de trabalho, de probidade e honra¹⁵⁵.

Ao apresentar-se como imparcial nas narrativas de autorreferência que constroem sua missão, o jornal atingia

148 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p.01, 23 de novembro de 1949.

149 FERNANDES, Hellê Vellozo Fernandes. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01- segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

150 FERNANDES, Hellê Vellozo. Noticiando... *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

151 SOUZA FILHO, Paulo de. *O Tibagi*. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 15, 23 de novembro de 1950.

152 Edição comemorativa do 2º aniversário. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1950.

153 FERNANDES, Hellê Vellozo. Aqui estamos. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1956.

154 FERNANDES, Hellê Vellozo. Não devia ser assim. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1961.

155 EBELING, Elsi. Mais um ano de existência de “O Tibagi”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

um público cada vez maior, produzindo mais efeitos de sentido sobre si e sua imagem.

A notícia intitulada *23 de Novembro de 1948 – 23 de Novembro de 1954*, publicada na capa da edição do 6º aniversário de *O Tíbagi*, apresentou a seguinte afirmação: “outro ano é passado na vida de O TIBAGI, para alegria nossa, particularmente, e para a população de Monte Alegre, que vê neste semanário o seu jornal, um amigo dedicado às suas causas”¹⁵⁶. Tal passagem demonstra como o periódico organizou seu discurso com o intuito de produzir certos efeitos em seu receptor, levando-o a identificar-se com esse ideal de leitor previamente construído pelo periódico. Se o jornal discursava para um ideal de leitor, mesmo que seu grupo de leitores fosse heterogêneo, apreenderia tal discursividade e, de certa forma, se aproximaria desse leitor idealizado. Se publicavam que os montealegrenses viam o jornal como um amigo, por meio da identificação àquelas narrativas, poderia, de fato, tornar-se um amigo.

O que chamou a atenção nessa passagem, e que pode ser ampliado para todo o corpus documental, diz respeito à escolha das palavras na construção da autorreferencialidade. Ao observar o uso do substantivo “amigo” para chamar o leitor, o jornal demonstrou uma tentativa de aproximação com seu público, pois amigo é, acima de tudo, alguém que você conhece e compreende. Assim, através da escolha das palavras, o periódico produziu sentidos sobre sua confeitão, aumentando a credibilidade aos montealegrenses nas palavras publicadas pelo “amigo dedicado às suas causas”.

Com a análise das notícias de autorreferência para a constituição de uma orientação/função do periódico, é possível

¹⁵⁶ 23 de novembro de 1948 – 23 de novembro de 1954. *O Tíbagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1954.

perceber como o jornal organizou uma narrativa sobre si em relação ao que gostaria que os leitores entendessem enquanto sua função/missão. O discurso produzia efeitos não apenas em sua produção, mas, também, em sua apropriação. Os leitores, ao entrarem em contato com tais escritos, interiorizavam essa pretensa preocupação do jornal com a elevação cultural local, por exemplo. E em leituras heterorreferentes posteriores – sobre os mais variados temas – esse discurso introjetado poderia interferir em uma possível leitura crítica das publicações.

Na notícia *Um ano a mais!*, publicada em 1951, Fernandes escreveu que o jornal estava sempre procurando “atender as necessidades dos leitores e fazer de O TIBAGI o órgão de ligação que êle se propôs ser”¹⁵⁷. Partindo desta passagem, entende-se que o jornal se colocava como mediador dos problemas locais, premissa confirmada pelas práticas de caridade do semanário.

Algo interessante a ser destacado em relação a esta estratégia de imagem está presente na edição especial do 11º aniversário. Nela, Fernandes fez menção à função/missão de *O Tibagi* sem discorrer qualitativamente sobre qual esta seria: “e vamos seguindo, anônimos na multidão, realizando esta missão sem recompensas, apenas pelo impulso interior que nos obriga, pelo esquisito prazer de continuar, de prestar auxílio, de cumprir uma missão que nos impusemos”¹⁵⁸. Diferentemente de outras notícias, nesta há o discurso sobre qual seria a função/missão do jornal sem deixá-la explícita no enunciado. Refletindo sobre a estruturação dessa estratégia de imagem, entende-se não havia

157 FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

158 FERNANDES, Hellê Vellozo. Noticiando... *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

mais a necessidade de reiterar exaustivamente os objetivos do jornal, uma vez que estes já haviam sido apropriados pelo público leitor. Provavelmente, esse discurso de autorreferência foi recorrente, presente também nas edições semanais, sendo tão somente necessário escrever as palavras missão, função, diretriz, orientação - para que os leitores imediatamente associassem às finalidades do jornal já descritas em publicações anteriores.

*Dificuldades enfrentadas pelo jornal*¹⁵⁹

Segundo as publicações de *O Tibagi*, é possível afirmar que o jornal teve muitas dificuldades durante seu percurso, já que foram 48 publicações narrando dificuldades enfrentadas e superadas pelo semanário. Tais referências foram publicadas nos anos de 1949, 1950, 1951, 1953, 1956, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962, 1963 e 1964.

De modo geral, as dificuldades apresentadas pelo jornal estavam relacionadas ao fato de se tratar de um jornal de pequeno porte, com dificuldades de ordem técnica e financeira¹⁶⁰. Houve também os problemas relacionados à ausência de inspiração para escrever – e nos primeiros anos do jornal, ausência de colaboradores e de anunciantes¹⁶¹. As publicações ainda mencionaram a “crítica maldizente”¹⁶².

Apesar das dificuldades enunciadas, o jornal sempre exaltou seu êxito, a exemplo do excerto abaixo, publicado em 1958:

159 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam das dificuldades enfrentadas pelo jornal e a superação das mesmas.

160 FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

162 FERNANDES, Hellê Vellozo. Um ano a mais! *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1951.

Uma década de lutas, contra a falta de pessoal, de colaboradores, de gente que quisesse trabalhar por amor à profissão. Uma década de vitórias, também, porque “O TIBAGI” sobreviveu, porque teve sempre os que o sustentam com sua dedicação, superando todas as dificuldades¹⁶³.

A exposição das dificuldades enfrentadas pelo jornal no transcurso de seu primeiro ano (e reiterá-lo quase que anualmente), de maneira aberta, pode ser entendida como a tentativa de formação de vínculos com o leitor. Para Sgorla e Fossá (2008, p. 08), essas operações autorreferenciais “buscam demonstrar certos esforços da equipe de reportagem para produzir a matéria jornalística, apresentando limites e entraves no caminho, justificando as possibilidades de equívocos buscando promover um efeito de sentido de realidade”. Ao mesmo tempo, tratar o trabalho da imprensa enquanto um contínuo batalhar¹⁶⁴, que exige sacrifícios e esforços¹⁶⁵, reitera o discurso de que mais se fazia jornalismo por amor, do que pelos benefícios que sua prática pode trazer. Além disso, corroborava para a realidade da construção, categoria a ser trabalhada no item a seguir.

163 O Tibagi. *O Tibagi*. O Tibagi. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 30 de novembro de 1958.

164 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

165 EBELING, Elsi. Mais um ano na existência de “O Tibagi”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1953.

*Realidade da construção*¹⁶⁶

A autorreferência em relação à produção de notícias, à confeição do jornal em edições semanais e de aniversário, às primeiras colunas e como eram feitas, aos trabalhadores do jornal e suas funções como estratégia de imagem, contribuiu ao firmamento de um contrato de fidelização entre o público e o jornal. Por meio desta estratégia de imagem, os mecanismos internos de funcionamento da imprensa foram expostos por *O Tibagi* com o intuito de dar visibilidade ao próprio fazer jornalístico, ao mesmo tempo em que buscava a manutenção de seu lugar de produtor de sentido. Foram identificadas, ao todo, 25 passagens que tratam deste tema, publicadas nos anos de 1950, 1954, 1958, 1959, 1962, 1963 e 1964.

A confeição de um jornal não é igual a história do pudim feito por mais de mil homens. Dá, entretanto, muito trabalho. Ele principia na redação. E varia muito: às vezes é difícil esse trabalho, e, às vezes, fácil. Depende das “inspirações”, pois nem sempre a gente está com vontade de escrever, de criticar, e de “descer a lenha”. Que o digam os que escrevem.

Da redação, a matéria vai às oficinas, onde os tipógrafos entram em ação. Explicar o que é o serviço do tipógrafo é bem difícil. Basta dizer que os artigos, as notícias, etc. são compostas tipo por tipo.

Depois de composta a matéria, tira-se uma prova, a qual é enviada à redação, a fim de ser feita a primeira revisão. [...]

166 Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fizeram menção à realidade da construção. Como já visto, Luhamann chama de realidade da construção (ou autorreferência) o ato das mídias falarem de si mesmas. Neste trabalho, todas as categorias de análise foram organizadas a partir dessa autoimagem. Esta categoria, que parece redundante, irá tratar especificamente da construção discursiva do “como somos feitos”, na apropriação exata do termo.

Feita a revisão, as provas voltam às oficinas para que se proceda a corrigenda necessária.

A paginação, que vem logo em seguida, requer esforço mental e bom gosto artístico, pois o verdadeiro paginador faz da profissão uma arte. Concluída a paginação, o jornal está quase pronto, faltando sómente alguns acabamentos e a impressão. As páginas vão para o preto, e tira-se nova prova. Corrige-se. Calçam-se os “clichês”, quando os há. Verifica-se mais uma vez, se tudo está em ordem, e imprime-se (Parece até receita de bolo). Vêm ainda a intercalação e a expedição. O jornal toma destino, e está finda a tarefa.

No excerto acima, publicado em 1950, o processo de produção virou a própria notícia. Este tipo de discursividade trazia para o familiar o não-familiar. Segundo Barbosa (2007, p. 126), o texto permite ao seu leitor “construir não só uma leitura, como o transporta para outro lugar”, ademais “os ambientes descritos são como que recriados, se inserindo ele mesmo naquela descrição, transformando-se, dessa forma, o texto, aprisionado pela sua leitura, numa vivência particular” A tentativa de criar familiaridade na produção do jornal levava o leitor à ilusão de conhecimento sobre a realidade de produção da própria notícia, como se ele tivesse experienciado por si próprio o processo de confecção do semanário. Tal sensação também foi produtora da credibilidade depositada no trabalho do jornal e na construção das notícias, que, assim, não eram entendidas como representações e sim como o que de fato aconteceu.

Outra notícia que confirma esta produção de sentido foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes para o aniversário de *O Tibagi*, em 1958:

A hora de comemorar nosso 10º aniversário é irresistível voltar para trás, para os primeiros números de “O Tibagi”, naquele ano de 1948, que já vai tão longe. Abrimos o I volume da coleção, sentindo ao volver de cada folha o cheiro de papel guardado – atestando que vários anos se passaram. Lá está nosso primeiro número, com a Crônica Internacional, as notícias de Última Hora, a crônica dos médicos, os Esportes e nós, nas “Sociais”. Nem imaginávamos que nossa ação se estendesse por tantos anos.

O dr. Lauro Nery do Canto, colega desde a primeira edição, deixou-nos para sempre. Outros redatores foram embora. Novos chegaram. João Marenha, que logo surgiu com a sua seção de “Gramática e Literatura” foi o único da velha turma que permaneceu conosco.

Fizemos de tudo um pouco nestes dez anos; das Sociais a Culinária, de Modas a Conselho de Beleza, de Charadística a Novela Policial; de histórico de plantações a recensão de livros. Fomos repórteres e cronistas, críticos e comentaristas de variados assuntos.

Um jornal do Interior não pode se dar ao luxo de redatores especializados. A gente tem de se virar em dez, de ajudar um pouco ali, outro pouco acolá. Abandonamos seções que se tornaram desinteressantes; criamos outras, de existência efêmera, de acôrdo com os assuntos do momento. Pensamos sempre em sermos romancista. “O Tibagi” fez-nos cronista mesmo, por força das circunstâncias, do hábito, do que for.

Não podemos dizer, em sã consciência, que “fizemos jornalismo”. Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos, não só dando nossa colaboração irrestrita como publicando nas páginas de “O Tibagi” trabalhos dos maiores prosadores e poetas do Paraná e do Brasil.

Um dos nossos fins foi sempre divulgar nossa literatura, a par do trabalho de noticiário social local. Este era indispensável; aquele, o mais importante.

Não nos limitamos a resenhas do movimento

literário brasileiro, desde os tempos do Brasil Colônia, mas procuramos os trabalhos dos contemporâneos, a fim de oferecer aos leitores algo da literatura atual. Ano a ano, procuramos melhor matéria, maior contribuição, melhor aperfeiçoamento. Com êsse espírito, nessa diretriz, apresentamos a edição especial do 10º aniversário¹⁶⁷.

Importante levar em consideração que a autora do texto acima estava ambientada ao mundo das letras e chegou a receber prêmios por seus romances históricos. A capacidade de Fernandes na descrição dos acontecimentos primeiros seduzia o leitor, promovendo certa intimidade, que contribuiu ao processo de leitura, proporcionando a visualização do narrado e a sensação de veracidade.

Para o público-leitor, saber desse processo de seleção de temas pode ter contribuído em uma falsa ideia de realidade presente no discurso organizado pelo jornal. Por meio desta notícia é possível saber como foram organizadas as primeiras edições do periódico; não todas elas. Entretanto, se essa informação adquiriu um grau de abstração maior, o leitor pode ter tido a errônea impressão de que sabia a respeito de todo o funcionamento do jornal e de como tais realidades eram construídas.

Às vésperas do processo de emancipação da localidade da Comarca de Tibagi – que em breve se tornaria o município de Telêmaco Borba –, na edição de 1963, Fernandes acusou o jornal de uma falha cometida: “este ano, preparando as notas e compilando trabalhos para a Edição Especial, reconhecemos uma falha: a falta de notícias de nossas escolinhas do mato”¹⁶⁸.

167 FERNANDES, Hellê Vellozo. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

168 FERNANDES, H.V. Crônica de Aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 23 de novembro de 1963.

Em seguida, fez a retratação, falando a respeito das referidas escolas e deixando uma mensagem às professoras: “continuem em seus postos, ensinando à nossa gente humilde. Mesmo que o trabalho de vocês signifique pouco no computo geral, há de ter alto valor na vida de cada brasileiro alfabetizado”¹⁶⁹.

Ao observar as estratégias utilizadas nesta notícia, entende-se que, na tentativa de organizar sua imagem, o discurso apontava a si próprio um erro, o admitia e o “revertia”. Tais colocações auxiliaram no extermínio de possíveis críticas que vinham sendo tecidas ao *hebdomadário*¹⁷⁰. Esta notícia permitiu inferir que o periódico, além de produzir efeitos de sentido em relação à realidade da construção, se colocava como incentivador do progresso nacional por meio do estímulo à educação. Por fim, a tentativa de promover identidade entre escritores e leitores também auxiliou na realidade da construção:

Fim de ano é esta correria: filhos em exame lá em Curitiba e a gente sofrendo por eles aqui; provas nas escolas de mato, com os aluninhos de olho comprido tremendo de medo, diante das professoras de Lagoa; uma lista de coisas para comprar, apesar dos preços altos, que vão engolir todinho o décimo-terceiro salário. E a nossa Edição Especial – devoção sagrada, feita com amor, mesmo quando estamos aqui a cair de sono, em véspera de viagem, pensando que devemos sair lá pelas 5 da manhã, para chegar a tempo de assistir à cerimônia de entrega do certificado da conclusão do curso ginasial da Tuli¹⁷¹.

O recurso à exposição de fatos comuns com o público,

169 FERNANDES, H.V. Crônica de Aniversário. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 23 de novembro de 1963.

170 As referências às críticas tecidas ao jornal são feitas nas edições especiais de aniversário dos anos de 1951 (duas vezes), 1961 (três vezes) e 1962 (uma vez).

171 FERNANDES, Hellê Vellozo. Mensagem de Aniversário. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 15 de dezembro de 1962.

como uma forma de aproximação entre o jornalista – e, por extensão, o periódico – e seus leitores, (re)firmam o contrato entre estes.

*Discurso competente*¹⁷²

O discurso competente, ou discurso instituído, “é aquele no qual a linguagem sofre uma restrição que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância” (CHAUÍ, 1989, p. 07). Nesse sentido, os intelectuais que publicavam seus escritos no jornal, conhecidos no cenário das letras, contribuíram à aceitação do jornal como enunciador de conhecimento. A presença de poesia, prosa, trechos de livros e publicações de cunho acadêmico no hebdomadário dava a impressão de que o jornal era, de fato, detentor de uma linguagem autorizada, especialmente porque, no discurso competente,

[...] os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, no qual os lugares e as circunstâncias já foram predeterminados para que seja permitido falar e ouvir, enfim, no qual o conteúdo e a forma já foram autorizados segundo os cânones da esfera de sua própria competência (CHAUÍ, 1989, p. 07).

Em *O Tibagi*, a publicação de escritores e estudiosos “competentes” veio acompanhada de uma norma restritiva já mencionada: não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa.

172 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam do discurso competente do jornal, utilizando referência aos intelectuais que em *O Tibagi* publicavam.

“O Tibagi” não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma. Isso nos tem custado grandes lutas, pois jornal do Interior é tido como casa da sogra, em que tôda gente se acha com o direito de dar palpite. Seguir uma diretriz, com consciência, com princípios, não é tão fácil quanto parece¹⁷³.

Em relação a esta categoria, foram identificadas no corpus documental vinte passagens que trataram dos intelectuais que escreviam para o jornal, publicadas nos anos de 1949, 1953, 1954, 1956, 1957, 1958, 1962 e 1964, e que corroboraram para a construção do local de enunciação de *O Tibagi* a partir do discurso competente.

A primeira alusão à existência de um corpo de intelectuais formadores deste discurso competente tratou de escritores locais, como Dr. Karl Zappert – que escreveu por anos ao jornal a “História de Monte Alegre” – e Dr. Lauro Nery do Canto, com sua pena brilhante¹⁷⁴. Já na edição comemorativa de 1953 foi feita a referência à participação de “um grande número de personalidades literárias de primeira linha, não só do Paraná, como de vários outros Estados”¹⁷⁵, destacando nomes como o de David Carneiro, Sá Barreto, Vasco Taborda e Rodrigo Júnior.

Na edição especial de aniversário do ano de 1954 foi feita apenas uma breve menção à riqueza da literatura publicada no jornal. Em 1956, o jornal *O Tibagi* prestou homenagem aos

173 FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

174 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

175 Agradecimento. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953. A participação de poetas e prosadores do Paraná e do Brasil é reiterada nas edições comemorativas do ano de 1958, 1962 e 1964.

diversos membros do Centro de Letras do Paraná, à Casa de Euclides Bandeira e Emiliano Pernetá, publicando trabalhos em prosa e verso¹⁷⁶. E em 1957, destacou “dois nomes tão representativos na Poesia do Paraná”¹⁷⁷: Helena Kolody e Rodrigo Junior, frisando a “valiosa colaboração”¹⁷⁸ dos mesmos desde o primeiro número publicado do jornal.



Página Sociais Literárias, 23 de novembro de 1961.

No ano de 1958, foi publicada uma nota de agradecimento às pessoas e instituições que há dez anos vinham colaborando com o jornal:

Desejariamos apresentar artigos e trabalhos de todos os escritores da Academia Paranaense de Letras, da Academia de Letras José de Alencar, do Centro de Letras do Paraná, da Academia Lit. Feminina do Rio Grande do Sul, da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, da Ala

¹⁷⁶ *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1956.

¹⁷⁷ Notas Breves. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.

¹⁷⁸ *Ibid* ¹⁷⁷.

Feminina da Casa Juvenal Galeno, do Centro Euclides da Cunha e outras entidades literárias que nos prestigiaram com sua colaboração¹⁷⁹.

A presença das publicações desses poetas e prosadores tem relação – para além da legitimação do lugar de enunciador do jornal amparado pelo discurso competente desses intelectuais – com a construção da orientação/função do periódico e, por conseguinte, à autoimagem do jornal. Segundo *O Tibagi*,

Esforçamos para divulgar entre nossos leitores algo do que possuímos mais expressivo em nossas Letras, seja através da poesia, da prosa romântica, seja através dos estudos mais sérios de Crítica, Sociologia, História ou Educação. Em todo caso, divulgamos expressões altas de nossa cultura. “O Tibagi” não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma¹⁸⁰.

Nesse intuito, uma vez que nas edições especiais de aniversário existia um espaço todo especial para a publicação de prosas e poesias, em 1964, publicaram uma notícia a respeito dos autores do Paraná, destacando nomes como os de David Carneiro, Loureto Fernandes, Bento Munhoz da Rocha Neto, Erasmo Piloto, Valfrido Piloto, Napoleão Teixeira, Heitor Stockler, Wilson Martins, Humberto Grande e Dalton Trevisan¹⁸¹. Ao tratar dos poetas paranaenses que

179 Colaboradores de “O Tibagi”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 14, 30 de novembro de 1958.

180 FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p. 02 – segundo caderno, 15 de dezembro de 1962.

181 Autores do Paraná – Prosa – Homenagem. *O Tibagi* – Monte Alegre – Telêmaco Borba, p. 03 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1964.

“permitiram-nos enriquecer as páginas de “O Tibagi”¹⁸², com suas melhores produções, ofertando ao leitor o que possuímos de mais autêntica poesia”, destacaram o nome Helena Kolody, Serafim França e Vasco José Taborda.

Acredita-se que esta estratégia do jornal na divulgação dos nomes das letras que contribuía com *O Tibagi* foi utilizada para construir para si um lugar de enunciador competente. Apresentar textos de pessoas de renome no cenário das letras denotou ao público leitor a sensação de que o jornal era um veículo de disseminação do conhecimento sério e responsável, pois, do contrário, tais escritores jamais permitiriam a publicação de seus textos.

*Amor à profissão*¹⁸³

Quando da construção da imagem do periódico, diversas estratégias discursivas são utilizadas. No caso do jornal *O Tibagi* foi também possível observar um discurso em relação ao amor à profissão. As publicações que fizeram referência ao jornalismo feito por amor foram publicadas nas edições de aniversário de 1949, 1950, 1951, 1958, 1959, 1960, 1961, 1962 e 1964. Destas, 15 foram as passagens que fizeram alusão ao jornalismo feito por “sacrifício e abnegação e uma boa porção de boa vontade”¹⁸⁴. Entre as mais emblemáticas, destaca-se o texto escrito por Paulo de Souza Filho e publicado em 1950:

182 Ibid ¹⁸¹.

183 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam do jornalismo feito por amor e não pelos possíveis benefícios que sua prática pode trazer.

184 MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

Estou muito certo de que a imprensa gose [sic] hoje de confiança pública. Desta forma o negócio jornalístico mostrar-se-á inadequado a todos quantos os considerem apenas como um simples meio de ganhar a vida, porque o jornalismo é mais do que um negócio, um ofício, ou uma profissão: é um modo de vida. Que seja um modo de vida não vamos duvidar, pois todos nós devemos ganhar a vida de um modo certo. Mas a quantos queiram viver “deste modo” somente resistirão os educados, os sérios, os feitos para o árduo, para a disciplina mental e para o anonimato sem glórias. E é nisto apenas que consiste o ser jornalista¹⁸⁵.

A construção do mito da vocação, da imagem do jornalismo como “fruto do labor desinteressado de um punhado de idealistas”¹⁸⁶ e feito “com amor, mesmo quando estamos aqui a cair de sono” tinha fins políticos e asseguravam o lugar de enunciação (BARBOSA, 2007).

O fazer jornalístico, desempenhado de boa vontade¹⁸⁷, entretanto laborioso¹⁸⁸ e parcamente remunerado, conotava sentidos ao leitor, que poderia dar maior credibilidade às informações escritas por aqueles que se dedicavam “diante da máquina de escrever, durante horas e horas, preparando material para mais uma edição”¹⁸⁹. O amor à profissão, como parte do contrato de leitura, levava o leitor entender essa

185 SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 15, 23 de novembro de 1950.

186 Primeiro aniversário de “O Tibagi”. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

187 FERNANDES, Hellê Vellozo. “O Tibagi” 12 anos. *O Tibagi* – Monte Alegre – Paraná, p. 02, 22 de dezembro de 1960.

188 “Vai o número 16 para o alto de nossas páginas. É tão pequeno e significa tanto! Dezesseis anos de luta, de persistência, de crises e de vitórias, de muito trabalho e nenhum ganho” - FERNANDES, Hellê Vellozo. Crônica do dia 23. *O Tibagi* – Telêmaco Borba – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1964.

189 FERNANDES, Hellê Vellozo. Crônica do dia 23. *O Tibagi* – Telêmaco Borba – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1964.

prática – não só discursiva – como parte da própria notícia, de forma que era impossível ler o jornal sem esses sentidos. Assim, não apenas quando o jornal falava sobre si, mas também nas notícias sobre os mais variados assuntos, o valor feito com e por amor influenciaria uma leitura mais crítica das publicações.

Essa estratégia discursiva do “modo de fazer” jornalismo, com amor, foi reiterada durante todo o recorte temporal do presente livro, renovando o contrato de leitura com leitores antigos e firmando novos.

*Gratidão ao Horácio Klabin*¹⁹⁰

O jornal *O Tibagi* foi fundado em 1948 por Horácio Klabin, “graças ao esforço de um espírito progressista e amante das boas causas”¹⁹¹. As felicitações e demonstração de gratidão ao diretor-fundador possuem 12 ocorrências e correspondem aos anos de 1949, 1950, 1951, 1952, 1953 e 1964. Esse discurso de gratidão certamente foram apropriados pelos leitores do jornal e até os dias de hoje produz efeitos de sentido.

Na edição do primeiro aniversário de *O Tibagi*, publicada em 1949, foi notável o discurso de gratidão ao diretor-fundador do jornal, que “não mediu esforços para dotar Monte Alegre de um jornal que, sendo semanário, pode ser considerado um dos melhores dentro do nosso Estado”¹⁹². Ainda nesta edição, felicitaram a iniciativa de Horácio Klabin, “que, com a criação

190 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção aos feitos de Horácio Klabin, bem como a gratidão prestada a ele.

191 MARENDIA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951.

192 MOLKE, G. Aos nossos leitores. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

de 'O Tibagi', objetivava o ideal sublime de elevar o grau cultural de nossa gente”¹⁹³.

Em 1951, novamente foi feita referência a Horácio Klabin e à sua “luminosa ideia de fundar um jornal ‘ad maiorem gloriam’ [...] para irradiar a luz da civilização [sic] nestas paragens solitárias”¹⁹⁴. Entretanto, o discurso a respeito da gratidão aos feitos de Horácio Klabin tomou outro destino, quando foi iniciado o loteamento Cidade Nova: “nosso diretor, não mais está fundando jornais, ele deu um passo para diante e funda cidades”¹⁹⁵.

É interessante refletir nesse hiato temporal das demonstrações de gratidão, que consiste entre os anos de 1952 e 1964¹⁹⁶, duas datas bastante significativas na história de Telêmaco Borba. Até 1952, o jornal estava entre os maiores feitos organizados por Horácio Klabin¹⁹⁷. A partir de 1952, o empreendimento Cidade Nova.

193 MARENDIA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

194 RODELHEIMER, Greta. Salve, O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 25, 23 de novembro de 1951.

195 Ibid ¹⁹⁴.

196 No ano de 1953, é feita uma pequena menção aos “ilustres instituidores” do jornal *O Tibagi*.

197 Outra vultosa realização de Horácio Klabin foi a organização do clube dos operários (Clube Atlético Monte Alegre – CAMA) e de um estádio de futebol para a atuação time de futebol – que foi campeão paranaense de 1955.



Recorte da capa, edição especial de aniversário de 1952.

Retomando o histórico do município, publicado no site da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, Horácio Klabin

[...] determinou a alteração do mapa do Estado do Paraná, na região Sul do Brasil, construindo uma nova cidade, pois já existiam vários núcleos habitacionais na fazenda de Monte Alegre e para a Indústria era muito oneroso manter todo este pessoal dentro da fazenda que também já não atendia a demanda por mais habitações. Observou-se ainda, que começaram surgir moradias clandestinas do outro lado do rio. Iniciou-se então, do lado oposto à fábrica com relação ao rio Tibagi o loteamento de 300 alqueires de terra, esse loteamento chamou-

se “Mandaçaia” e mais tarde foi batizado como “Cidade Nova”¹⁹⁸.

A esse respeito, os escritos do viajante John dos Passos – publicados pela primeira vez em 1963 – apresentaram os feitos de Horácio Klabin:

Pela manhã, depois de visitarmos a imensa fábrica de papel, cruzamos o rio para ver a área que Horácio Klabin estava construindo por conta própria na encosta verde que ficava em frente à fábrica. Sua ideia era fornecer casas que operários e técnicos pudessem comprar em prestações, para tirá-los da atmosfera semifeudal da cidade da companhia. Tudo na nova cidade seria independente da indústria de papel (2013, p. 142).

Com base nestas considerações infere-se que a gratidão devotada a Horácio Klabin foi, a partir de 1952, não somente em relação ao jornal, mas especialmente à Cidade Nova. E, quando da emancipação da localidade como município, em 1964, suas atenções voltaram-se outra vez ao periódico: “O TIBAGI pouco a pouco, vai se tornando uma tradição entre os monte-alegrenses, passando a ser indispensável nos lares de nossa Cidade. Foi, indiscutivelmente, bastante feliz o Dr. Horácio Klabin neste seu novo empreendimento”¹⁹⁹.

A gratidão devotada a Horácio Klabin, construída discursivamente por seu jornal, é presente ainda hoje na fala de quem viveu o cotidiano de Monte Alegre e Cidade Nova e teve acesso ao periódico no período que compreende o recorte temporal desta pesquisa:

198 PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. *Histórico*. Disponível em: http://www.pmtb.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 15/02/2014.

199 O TIBAGI. *O Tibagi* – Monte Alegre – Telêmaco Borba, p. 01, 23 de novembro de 1964.

O jornal “O Tibagi”, como a “Rádio Sociedade Monte Alegre”, nasceu da ideia brilhante, que era um cara apaixonado por Monte Alegre e por tudo que acontecia aqui, Doutor Horácio Klabin. Ele, então, fundou o jornal “O Tibagi” para dar oportunidade da população tomar conhecimento de tudo que acontecia nos bastidores da his... Da administração da cidade e da empresa. A rádio também foi montada exatamente com a finalidade de trazer entretenimento, música e shows e outras coisas mais pra prender a atenção e oferecer ao povo de Monte Alegre algo de diferente, que em outras cidades existia e ele queria que Telê Monte Alegre também tivesse. Então, graças ao Doutor Horácio Klabin nós tivemos o jornal “O Tibagi” e também a “Rádio Sociedade Monte Alegre”²⁰⁰.

*Importância da imprensa*²⁰¹

Por muito tempo a oralidade foi responsável pelo disseminar de informações em comunidades como Monte Alegre. Nestes locais, onde grande parte da população era marcada pela tradição oral, foi necessário criar meios para que as narrativas publicadas em um jornal influenciassem no processo comunicacional. Uma estratégia discursiva que foi ao encontro da criação dessa necessidade trata da importância da imprensa.

O Tibagi fez 12 menções bastante explícitas sobre a importância da imprensa, publicadas nos anos de 1948, 1949, 1950, 1956 e 1957. É interessante refletir que dez das menções à necessidade da imprensa datam dos anos iniciais do hebdomadário, corroborando à criação de um campo para o

200 VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Seu. J. em 24.01.2014.

201 Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que contribuem na construção da importância da imprensa ou que mencionam esta pretensa importância.

jornal. Nesse sentido, em 1948, escreveram sobre a importância da imprensa em geral, “por ser mais que sabido o papel que ela representa na cultura d’um povo, sendo um dos veículos máximos de seu progresso, ao ponto de podermos verificar o grão de civilização de um país pela proporção existente entre o número de jornais nêle publicados”²⁰².

Na edição especial de aniversário de 1949, continuaram utilizando da necessidade e importância da imprensa como argumento na construção de seu campo de atuação:

Noticiando, atacando e defendendo, o jornal tem a grande finalidade de ensinar, de instruir e de fazer conhecidos a terra e o povo que serve. O jornal é uma necessidade. Para quem escreve, um dos mais belos meios de dar asas ao pensamento; para o leitor, uma escola de utilidade indispensável²⁰³.

No ano seguinte, acrescentaram ainda a ideia de que a imprensa exerceu “benéfica influência no sentido de integrar os brasileiros da região na vida nacional, além de lhes oportunizar para alargar os seus conhecimentos e entrar em contacto com tudo quanto ocorre no mundo, na esfera da cultura”²⁰⁴.

Sintetizando tais estratégias discursivas, o jornal (se) apresentava à imprensa como algo útil e necessário²⁰⁵, uma escola de utilidade indispensável²⁰⁶ e, como um apoio,

202 Cem por Cento a Serviço da Coletividade. *O Tibaqi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

203 MARENDA, J. Um ano vencido! *O Tibaqi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

204 WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibaqi*. Monte Alegre – Paraná, p. 10, 23 de novembro de 1950.

205 MARENDA, J. Um ano vencido! *O Tibaqi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949.

206 Ibid ²⁰⁵.

[...] ‘para saber, elogiar e julgar’ pois o jornal dá coesão, direção, ele agita, prevê [cria] necessidades, articula a luta ao lado dos que precisam. Traz ao lar o rumor das ruas: estabelece e preserva os padrões de moral pública. O jornal é o médico, o padre confessor e o advogado da comunidade²⁰⁷.

Ao tratar da importância da imprensa, ou melhor, ao construir a ideia da importância da imprensa, automaticamente construiu a imagem de si como igualmente importante. A constituição desta imagem não foi de todo autônoma, possuía estreita relação um projeto político nacional para a imprensa²⁰⁸.

*Invenção de tradições*²⁰⁹

Durante a leitura do *corpus* documental foi possível observar 11 passagens que intentaram a invenção de tradições, presentes nas edições especiais de aniversário publicadas nos anos de 1949, 1950, 1951, 1959 e 1964.

A noção de “tradição inventada” diz respeito à “utilização de imagens que se referem a um passado longínquo, identificado à tradição, e seu uso para a integração social e

207 SOUZA FILHO, Paulo de. O Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 15, 23 de novembro de 1950.

208 Sobre a importância da imprensa, Barbosa (2007, p. 105) escreveu: “Caberia ao governo, através de múltiplos aparelhos burocráticos criados no período e com o concurso de intelectuais orgânicos dos grupos dirigentes, desempenhar funções cada vez mais complexas, inclusive a de dar orientação ao povo, massa amorfa e indiferenciada. Paralelamente, apresenta-se a necessidade de difundir conhecimentos e noções elementares e, assim, torna-se fundamental o papel dos intelectuais e dos veículos de difusão, isto é, a imprensa.”

209 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção ao passado construído do jornal para si próprio.

legitimação institucional” (CERRI, 2011, p. 33). Este termo pode ser entendido como um conjunto de práticas que “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBBSAWN; RANGER, 1997, p. 09). Esse passado histórico apropriado não precisa, necessariamente, ser remoto, pois “o mecanismo da tradição inventada [...] está sustentado na transformação de algo que é relativamente novo em algo que teria uma existência imemorial ou, no mínimo, se encaixa com uma tal antiguidade” (CERRI, 2011, p. 34).

No caso das referências longínquas realizadas pelo jornal *O Tibagi*, o período ao qual se referem não estava tão distante temporalmente, mas suficientemente passado para que uma nova tradição possa se inserir:

A imprensa tibagiana conta mais de quarenta e seis anos de existência, (hoje, 47) datando o aparecimento do 1º número de “O Tibagi”, de outubro de 1904. Jornal de pequeno formato, obedecia o mesmo a direção de Telêmaco Borba e era editado na sede da Comarca. À semelhança das rosas de Melherbe, teve a mesma efêmera duração, desaparecendo no ano seguinte, para só voltar a circular em 1948, em Monte Alegre, com farta matéria redatorial e apresentando ótimo feitio tipográfico²¹⁰.

A referência a um jornal anterior com o mesmo nome foi reiterada em outras passagens, utilizando expressões como “‘O Tibagi’ I”²¹¹ e “o novo ‘O Tibagi’”²¹², ligando esta nova

210 MARENDIA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951.

211 MARENDIA, J. Curiosidades sôbre a imprensa tibagiana. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1951.

212 O PRIMEIRO “O TIBAGI”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1959.

tradição a um passado histórico, facilitando a incorporação desta “tradição” pelos leitores.

Outra estratégia discursiva para a construção da ideia de tradição foi adotada: um repetido discurso disseminado pelo próprio periódico, afirmando-se como uma tradição entre os montealegrenses²¹³. Para Hobsbawn e Ranger (1997, p. 12), a invenção das tradições pode ser considerada como um “processo de formalização e ritualização”, que possui como característica a referência ao passado, “mesmo que apenas pela imposição da repetição”.

Parece oportuno para *O Tibagi*, na construção da imagem de si, relatar a existência de um primeiro periódico com o mesmo nome. Ao filiar-se a um passado, trazendo uma origem, criou para os leitores a ideia de tradição que, no imaginário popular, deve ser mantida e preservada.

É importante também ressaltar que as edições especiais de aniversário, como um todo, também foram responsáveis pela invenção de tradições, visto que “cada aniversário de “O Tibagi” nos leva a um retrospecto de todos estes anos de atividades jornalísticas na cidade-papel, rememorando como começamos, quanto lutamos e como vamos mantendo nossa publicação”²¹⁴. Ao repetir sua própria história (autorreferência), bem como as histórias relacionadas ao cotidiano da localidade (heterorreferência), assegurava seu lugar de enunciador enquanto ia instituindo todo um passado às gentes daquele lugar, afinal, “toda a tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal” (HOBSBAWN; RANGER, 1997, p. 21).

213 Discurso publicado nas edições especiais de aniversário de 1949, 1950 e 1964.

214 FERNANDES, Hellê Fernandes. Noticiando *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

*Heterorreferência*²¹⁵

Os trechos que compõem esta categoria foram publicados, em sua maioria, na capa da edição comemorativa de 1964, quando o jornal completou 16 anos de existência. Nesta notícia, o jornal se propôs a abordar 16 tópicos. Algumas informações contidas neste inventário anual eram de cunho climático, como uma intensa chuva de pedras (item 07), ou meramente informativo, como o oitavo item da relação: “Após uma década de dominação soviética, a Hungria se levantou para sacudir o jugo comunista-soviético, numa luta épica que está enchendo de admiração todo o mundo”²¹⁶. Ao todo, oito foram as menções de heterorreferência nesta notícia.

Além destas, foi categorizada como heterorreferência uma notícia que fez menção ao contexto de produção do jornal – contexto este igualmente produzido:

Há 13 anos, aparecia, no cenário da imprensa, O TIBAGI.

Quando era presidente do Brasil o general Eurico Gaspar Dutra. Nos Estados Unidos, mandava Truman, Harry Truman, que dobrou do tempo no govêrno. Os problemas de então eram os mesmos de hoje. Ou, os problemas de hoje ainda não os mesmos daquela época: Custo de vida, inflação, falta de estradas, falta de energia elétrica, falta de água, enchentes, seca no Nordeste. Já havia um perigo iminente: a bomba atômica. Só que se não

215 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que tratam da construção da “realidade” pelo jornal, a heterorreferência. Aqui foram categorizadas as passagens das notícias que abordam assuntos diversos, não necessariamente da imagem de si construída pelo jornal. Foram englobadas na categoria heterorreferência os trechos que não serviam como unidade de contexto e nem atendiam às características para se juntar as outras categorias.

216 O TIBAGI. *O Tibagi*. Telêmaco Borba – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1964.

falava ainda na super bomba russa de cinquenta e mais megatons; só que o homem ainda não havia ido ao espaço, mas já pretendia ir, e para isso trabalhava incessantemente. [...] Os problemas ainda são os mesmos: inflação, falta de água, falta de estradas, falta de energia elétrica, enfim a ladainha completa.

OTIBAGI, em todo o seu tempo, ininterruptamente, aqui esteve de pé, para informar, para anunciar, para criticar e para elogiar, levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra, marcando a sua presença em todos os acontecimentos.

Pensamos ter cumprido o nosso dever nesses longos 13 anos, e por isso estamos satisfeitos. Outros anos virão e aqui estaremos. O tempo não nos deterá a marcha para frente.²¹⁷

Este excerto permite observar que a heterorreferencialidade, em casos como este, era também utilizada, com efeito, como estratégia na construção de sua própria imagem do periódico, uma vez que, ao resgatar a memória de seus leitores neste retrospecto, demonstrou que noticiava fatos marcantes não só em âmbito regional e nacional, mas também internacional.

Ao construir o contexto, trazendo à narrativa um número específico de acontecimentos, dando prioridade a certos fatos em detrimento de outros, deixados ao esquecimento, tratou também da própria orientação/função do periódico²¹⁸. Assim, é possível inferir que excertos heterorreferentes não eram apenas utilizados para preencher lacunas de um texto autorreferente maior, mas, também, como estratégias de legitimação da imagem do próprio periódico.

217 Sem cronologia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1961.

218 Categoria trabalhada no item 4.

*Independência política*²¹⁹

Mesmo sendo poucas menções explícitas à independência política (e também religiosa) – apenas 05 – esta questão pareceu bastante cara ao jornal, visto que a primeira edição do jornal estampou em sua capa, com o título Nossa Apresentação, a seguinte notícia:

Este jornal é uma idéia que ha muito tempo vimos acalentando. Nasce independente, para servir aos interesses legítimos do povo de Tibagi e pra divulgar, ensinar e defender conhecimentos e princípios democráticos.

Não temos programa que não esteja intimamente ligado ao desejo de progresso e bem estar da nossa gente; não temos princípios que nos proíbam a colaboração de todos os bem intencionados, homens de todas as crenças.

Apenas seremos intransigentes na defesa de nossa democracia e da soberania do povo brasileiro.

Escolhemos, com o proposito deliberado, o mês de novembro, para o nosso aparecimento, que é o mês da República.

Quizemos com isso, desde logo, frizar o nosso desideratum a nossa orientação; quisemos também prestar uma reconhecida homenagem a todos os que defendem e lutam pela conservação das nossas tradições e dos nossos ideais democráticos. Ao povo de Tibagi a nossa mensagem especial.

Aqui estamos para dar guarida às suas pretensões e para defender os seus direitos na comunhão paranaense; aqui estamos para prestigiar o seu governo, enquanto bem servir aos interesses da coletividade e aqui estamos para dizer e afirmar do seu denôdo na conquista, formação e defesa da civilização paranaense.²²⁰

219 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção a independência política e religiosa do jornal.

220 Nossa Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de

Dizer-se independente politicamente estava relacionado aos conceitos de neutralidade e objetividade jornalística, discutidos no início deste capítulo. A produção das notícias, abordando os mais variados assuntos de maneira “isenta”, possibilitou ao jornal atingir um número cada vez maior de leitores. Além disso, é possível afirmar que o discurso de uma pretensa independência política por parte do periódico só se sustentou por meio de estratégias narrativas que não evidenciavam de maneira tão significativa os posicionamentos políticos e ideológicos do jornal.

As notícias que abordaram a independência política do jornal foram publicadas nos anos de 1948, 1949, 1950, 1960 e 1964. Destas, exatamente o mesmo trecho presente na edição de 1960 foi novamente publicado em 1964²²¹.

Na capa da edição comemorativa de 1964 foi impressa uma retrospectiva, ano a ano, dos principais acontecimentos, tanto em relação ao jornal, quanto aos acontecimentos locais, nacionais e internacionais. Nesse sentido, é importante ressaltar a importância que o jornal conotou à construção discursiva de sua independência política (e também religiosa), uma vez que a reiteram nesta reminiscência, que intentou marcar o que foi realmente importante no decorrer dos dezesseis anos de existência do hebdomadário. Além disso, a repetição desta estratégia discursiva para construção de sua imagem criava e reforçava novos e antigos contratos de leitura, em relação à neutralidade política de *O Tibagi*.

novembro de 1948.

221 “De um jornal como o nosso, que prima pela independência, que não tem côm partidária política ou religiosa, poder-se-á pensar que não tem dificuldades a vencer. Nada mais errôneo, porque a própria vida, a luta pela sobrevivência, é uma batalha contínua”. 1948 – 1960. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 22 de dezembro de 1960 e O TIBAGI. *O Tibagi*. Telêmaco Borba – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1964.

*Práticas de caridade*²²²

As práticas de caridade realizadas pelo jornal foram tema de cinco notícias. Por se tratar de um tema bastante específico, a construção da imagem do periódico através dos discursos sobre suas práticas de caridade somou apenas cinco notícias. No ano de 1950, O Tibagi publicou: “enquanto todos os órgãos da imprensa trabalham indiretamente para o bem da população, ‘O Tibagi’ terá ação ‘direta’, e isto pelo fato de que sua renda líquida será totalmente usada para a melhoria das condições de vida em Monte Alegre.”²²³. E finalizou incentivando a compra e leitura do jornal, dizendo: “pela simples aquisição d’um exemplar o leitor estará prestando um serviço anônimo de filantropia, serviço êste que reverterá em seu próprio benefício”²²⁴.

Neste caso, o apelo aos sentimentos foi duplamente benéfico: possivelmente contribuiu para construção da imagem do jornal como uma instituição que não visava lucros e sim o bem-estar da sua comunidade, ao mesmo tempo em que proporcionou o aumento do seu número de leitores. Por meio desse discurso autorreferente de caridade, *O Tibagi* se apresentou como um órgão preocupado com os problemas de Monte Alegre, reafirmando seu lugar de enunciador, enquanto colocou-se como mediador dos problemas locais.

A referência à doação da renda líquida do jornal à Assistência Social local também foi publicada nas edições comemorativas do 1º e 2º aniversário, reforçando para o leitor a

222 Nesta categoria foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção às práticas de caridade realizadas pelo jornal *O Tibagi*.

223 Cem por Cento, a Serviço da Coletividade. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

224 Ibid ²²³.

ideia de que ao adquirir um exemplar estaria automaticamente contribuindo com “instituições beneficentes”²²⁵.

*Profissionalização no meio jornalístico*²²⁶

Quando Hellê Vellozo Fernandes, em 1951, escreveu que nas capitais já se falava em escolas de jornalismo, estava recorrendo a respeito de um processo que teve início a partir da década de 1950. Sobre a profissionalização no meio jornalístico, Barbosa escreveu:

Para os jornalistas é fundamental definir a profissão como algo que se constrói não apenas a partir de um saber prático, mas com vínculos a um saber universitário, para poderem assim galgar um degrau de importância na hierarquia das carreiras existentes. Por outro lado, ao serem detentores cada vez mais de um saber que possibilita – através de suas práticas profissionais – construir um discurso que reflete a realidade social (já que agora informam com isenção o que se passa no mundo), se transformam em atores indispensáveis para tornar visível esse mesmo mundo para um público cada vez mais vasto (BARBOSA, 2007, p. 157-158).

As passagens que abordaram tal temática foram publicadas em 1949, 1951, 1958 e 1962. Quando da leitura das 04 menções à profissionalização no meio jornalístico é possível observar uma construção discursiva de compensação:

225 FILHO, Paulo de Souza de. O Tibagi. *O Tibagi*, Monte Alegre – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

226 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de autorreferencialidade que fazem menção à profissionalização no meio jornalístico.

“O Tibagi” fez-nos cronista mesmo, por força das circunstâncias, do hábito, do que for Não podemos dizer, em sã consciência, que “fizemos jornalismo”. Mas realmente podemos afirmar que fizemos o que pudemos, não só dando nossa colaboração irrestrita como publicando nas páginas de “O Tibagi” trabalhos dos maiores prosadores e poetas do Paraná e do Brasil²²⁷.

Em 1958, a estratégia discursiva adotada intentava superar a ausência de formação acadêmica para o exercício da profissão. Entretanto, esse discurso se inverteu em apenas 04 anos. Em 1962, o jornal “‘O Tibagi’ não é um jornal onde treinam principiantes ou se improvisam em jornalistas os amadores que apreciam ver seus nomes em letra de fôrma”²²⁸. Muito se aprende fazendo, mas o discurso os fez jornalistas. Além do mais, a ideia de que o jornal montealegrense era tão bom quanto os dos grandes centros já estava sendo propagada desde 1949. Segundo João Marenha, *O Tibagi* era tão bem feito quanto um jornal de maior porte, com todas as características essenciais ao jornalismo vigente²²⁹.

227 FERNANDES, Hellê Vellozo. Apresentação. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 01, 30 de novembro de 1958.

228 FERNANDES, Hellê Vellozo. Homenagem. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 02, 15 de dezembro de 1962.

229 “Todos queriam conhecê-lo. E todos se admiravam. Ao contrário do que esperavam, não era um periódico vulgar que aparecia, mas um jornal completo, com tôdas as características de um grande órgão de nosso país. Um patrimônio para a imprensa nacional” (MARENDA, J. Um ano vencido. *O Tibagi*. Monte Alegre - Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1949).

Inferências gerais sobre a autorreferência no jornal O Tibagi

No jornal *O Tibagi*, a autorreferência foi reiterada de 1948 a 1964 como estratégia de construção de sua imagem para a sociedade. Todas as categorias autorreferentes trabalhadas, a seu modo, estão relacionadas, pois, como já visto, os próprios meios de comunicação enunciam seus padrões de legitimidade. Ademais, as categorias analisadas não se encerram em si, mas também apontaram para a constituição do campo jornalístico. Sobre isso, Franciscato escreveu:

a constituição do campo do jornalismo foi um processo que, além de fatores de ordem econômica, tecnológica, política e sócio-cultural, ocorreu por meio de uma prática argumentativa conduzida pelos próprios jornalistas na disputa por afirmação de princípios, regras e valores de atuação, bem como por espaço e posições no campo (FRANCISCATO, 2008, p. 01).

Tais práticas argumentativas eram publicizadas nas páginas dos jornais e debatiam acerca dos princípios que deveriam orientar o fazer jornalístico. Franciscato (2008, p. 01) afirmou que esta atividade “foi uma das estratégias de enraizamento e de construção da legitimação do jornalismo na sociedade”. Nesse sentido, a necessidade da circulação do discurso autorreferente para a constituição do campo de atuação de *O Tibagi* atendeu a motivos estratégicos. Como o principal local de circulação do jornal era de uma organização fabril, o fluxo de pessoas na localidade variava conforme as necessidades da empresa, entrando e saindo de Monte Alegre pessoas contratadas e demitidas da Klabin. Era necessário,

então, reforçar constantemente na memória dos que ali já estavam os discursos de autorreferência, bem como disseminá-los aos novos trabalhadores da região. Em várias passagens, foram reiterados discursos que há muito vinham produzindo sentido, construindo a imagem do jornal *O Tibagi* enquanto “uma tradição entre os montealegrenses”²³⁰ e “indispensável nos lares de nossa Cidade”²³¹.

Com a análise das fontes foi possível perceber que edições comemorativas apresentavam discurso de gratidão ao fundador do jornal, alegando a importância da iniciativa tomada por Horácio Klabin ao abrir sua própria empresa de comunicação. A prosperidade de *O Tibagi*, seu reconhecimento na imprensa nacional e todas as dificuldades por ele já superadas também foram exaltados na construção da imagem do jornal para a população. Frisaram ainda sua independência política e religiosa, alegando “neutralidade” na exposição dos fatos, premissa sustentada pelo jornalismo vigente. Por fim, reiteram a tão meticulosamente construída função do jornal: informar, anunciar, criticar e elogiar, “levando ao povo desta cidade e a grande número de brasileiros de outros rincões a sua palavra”²³².

Através da análise de conteúdo da autorreferência em *O Tibagi* foi possível perceber que o jornal se valeu de estratégias discursivas na organização de sua imagem, assegurando seu lugar de produtor de sentido para a população de Monte Alegre e região. Os textos publicados no jornal procuraram mostrar a seriedade de seus profissionais, inspirando confiança aos leitores em relação ao periódico.

²³⁰ Ibid ²²⁹.

²³¹ Ibid ²²⁹.

²³² O TIBAGI. *O Tibagi*, Telêmaco Borba – Paraná, p. 01 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1964.

Outro recurso interessante de ser analisado trata da referência ao nome do periódico. Em todas as publicações o nome do jornal apareceu entre aspas ou em caixa alta. Esse recurso foi utilizado tanto em matérias assinadas, quanto nas sem assinatura. Especialmente nas notícias não assinadas, escritas de modo impessoal, a impressão que se tem é a de que este modo de enunciação buscava dissimular a autorreferencialidade, como se esse *O Tibagi* não fosse o mesmo que organizou o que estava sendo exposto, dando uma falsa ideia de neutralidade.

Por fim, após analisar como o jornal criou a imagem de si para seus leitores e como tais discursos contribuíram no estabelecimento do contrato de leitura entre o periódico e seu público leitor, torna-se interessante refletir sobre as notícias de heterorreferencialidade. Se a confiança dedicada ao jornal era tão grande quanto parece, logo, as notícias sobre o mundo não seriam encaradas como construções discursivas sobre o real, mas enquanto a verdade, enquanto a própria realidade.

A heterorreferência em *O Tibagi*

As estratégias discursivas/estratégias de imagem utilizadas pelo jornal *O Tibagi* foram criando, ano a ano, um contrato de leitura com seu público. O estabelecimento deste contrato contribuiu à credibilidade depositada pelos leitores ao conteúdo impresso no semanário. Assim, se o periódico montealegrense publicou notícias sobre o local e o regional, possivelmente tenha sido responsável pela organização e disseminação do discurso fundador de Telêmaco Borba que contribuiu à história oficial local, sancionada pela Prefeitura Municipal da cidade.

Para entender como se deu a contribuição do jornal *O Tibagi* ao discurso fundador local, foi analisado um conjunto documental composto de 77 notícias de heterorreferencialidade sobre o local e o regional, escritas por Borell Du Vernay, Cacildo Batista Arpelau, D. Moreira, Direção das I.K.P.C., Dr. Nilton Büherer, Engº. Vilém Willer (02), Hellê Vellozo Fernandes (03), João Marenda (02), Karl Zappert (08), Lauro Nery (03), Luiz Vieira, Mágico (02), Marenfis (02), Otavio Camargo, Padre José Austin, Pio Araújo Lara e Praxedes Gomes. As demais notícias não foram assinadas²³³.

A publicação de notícias heterorreferentes sobre o local e o regional é frequente nas capas e páginas subsequentes. Ao todo, 10 notícias foram impressas nas capas e 36 até a décima página do periódico – levando em consideração o segundo e terceiro caderno, quando havia. Para a análise temática da heterorreferência, no jornal *O Tibagi*, foram realizadas diversas leituras do conjunto documental, do qual emergiram onze categorias, a seguir problematizadas. São elas: autovalorização; Cidade Nova e seu desenvolvimento; contribuição para o desenvolvimento regional e nacional; desenvolvimento industrial; feitos da Klabin; gratidão ao Horácio Klabin; menções à cidade de Tibagi; passado anterior à chegada dos industriais à região; personalidades ilustres; progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre; e relacionamento e vivência em Monte Alegre²³⁴.

Diferente da análise autorreferente, onde o assunto abordado era apenas um (a construção da imagem do jornal, mesmo que por diferentes estratégias discursivas), as

²³³ Uma dessas notícias sem assinatura contém fragmentos do livro de Auguste de Saint Hilaire, *Viagem à Comarca de Curitiba* (1820).

²³⁴ As categorias estão em ordem decrescente em relação ao número de publicações com a temática em questão.

unidades de registro somadas às suas unidades de contexto – quando estas se fizeram necessárias – giraram em torno de um parágrafo. Na análise da heterorreferência, em que diversos aspectos do local e do regional foram abordados pelo jornal, optou-se por utilizar a notícia toda como unidade de registro. Esta opção foi tomada a partir das próprias características das publicações: textos pessoais/opinativos e, talvez por essa razão, mais extensos – visto que seus autores utilizaram de todo um enredo para a construção do argumento principal. Sendo assim, a categorização desta análise foi organizada a partir do assunto central do texto, levando também em consideração os argumentos interdependentes na construção de sentidos.

*Relacionamento e vivência em Monte Alegre*²³⁵

Esta categoria incluiu publicações sobre práticas cívicas, culturais e de lazer dos montealegrenses e cidade-novenses, mas na problematização enfatizou relacionamento entre patrões e empregados. Ao todo foram 28 as notícias que abordam o relacionamento e a vivência em Monte Alegre, tendo 04 delas este tema como assunto principal.

Em notícia publicada em 1953 foi abordado o comportamento esperado dos atletas que, por ventura, desejassem se tornar flamenguistas. Entre os comportamentos esperados, foram listados: a disciplina e o rigoroso seguimento às diretrizes; obediência às instruções do técnico, “mesmo que

235 É importante lembrar, mais uma vez, que os sujeitos tem autonomia, por este motivo, é possível afirmar que havia conflitos dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre. Entretanto, como se trata de uma análise discursiva do jornal *O Tibagi*, o que se expõe a seguir trata-se exclusivamente da perspectiva do periódico acerca do relacionamento e vivência em Monte Alegre.

na sua opinião estejam erradas”²³⁶, empenho nos treinos e jogos e zelar pelo material que lhe foi confiado. Ao término da notícia, acrescentaram: “que seu exemplo seja emitado por todas agremiações no afan de arregimentar espíritos bem formados para o engrandecimento do desporto montealegrense e de nossa terra”²³⁷. A partir da leitura deste fragmento é possível inferir que este tipo de discursividade visava a modulação de comportamentos, produzindo sentido para além da esfera do esporte.

Sobre o relacionamento e a vivência em Monte Alegre, Lauro Nery também deu sua contribuição à modulação de comportamentos quando justificou a escolha do nome de sua coluna, *Harmonia*:

Bem traduz o nome desta cidade de trabalhadores, com a finalidade das aspirações sociais, na mentalidade da hora presente: harmonia entre empregadores e empregados e vice-versa, para uma produção mais eficiente, na contribuição da riqueza coletiva. Harmonia é cooperação e compreensão de todos na consecução de um fim²³⁸.

Em uma “Carta a um bom amigo”, Karl Zappert se dirigiu aos funcionários da Klabin, aconselhando-os a como agir em situações delicadas, no lugar de pedir demissão. Entre as possíveis situações, citou: a demora da concessão do aumento do salário; linha de ônibus lotada, forçando o funcionário a se deslocar à pé até à fábrica; desentendimentos com colegas de trabalho; ausência de determinado gênero alimentício nos

²³⁶ *Mens sana in corpore sano. O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 14, 23 de novembro de 1953.

²³⁷ *Ibid*²³⁶.

²³⁸ NERY, Lauro. *Harmonia. O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

mercadinhos locais; reclamações em relação à habitação; roubo de ferramentas dentro das instalações fabris; brigas de vizinhos; entre outros. Antes de iniciar suas considerações, o diretor-técnico da Klabin ressaltou: “leia e avalie bem os casos de seus colegas e, aqui somente alguns são transcritos e, cuide também, de conhecer a minha opinião em cada caso”²³⁹.

Quando das reclamações sobre o clima (chuva demais ou de menos), Zappert escreveu que este não poderia adaptar-se ao gosto de cada morador e afirmou que “em todo o Paraná o clima é saudável, especialmente para aqueles, que estão dispostos a trabalhar”²⁴⁰. Resposta semelhante recebeu o caso do colega que foi promovido: “quando há uma vaga de condutor, naturalmente, só uma pessoa poderá preenchê-la e, si você continuar trabalhando eficientemente, também progredirá no futuro”²⁴¹. Outro exemplo tratou do falecimento do filho de um funcionário e, por este motivo, o trabalhador não desejava mais residir em Monte Alegre:

Realmente, este é um caso muito triste e lamentável, porém, por causa desta pouca sorte com este seu filho, o resto da sua família não deveria ser exposto a futuros sofrimentos. Seria muito melhor pensar nos filhos que têm e os que ainda poderão vir, pois, eles poderão desenvolver se bem aqui. [...] Aqui em Monte Alegre todo aquele que deseja e quer trabalhar, ganha para a sua manutenção, goza de amparo nos casos de emergência, e têm um futuro para si e para a sua família²⁴².

239 ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

240 ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

241 Ibid ²⁴⁰.

242 Ibid ²⁴⁰.

E concluindo seus aconselhamentos escreveu:

Continue trabalhando com afnco e interesse, como sempre o fez assim procedendo, Você e a nossa indústria e com ela, toda a nação progredirá, dando margem a que cada filho da nossa terra melhore suas condições de vida. Continuemos, pois, trabalhando para o bem estar de todos²⁴³.

Para escrever este texto o diretor-técnico utilizou de discursos que há muito vinham produzindo sentidos em Monte Alegre, como em relação à prosperidade local e à contribuição dos montealegrenses, como trabalhadores da Klabin, ao progresso da nação. Pelo excerto é possível perceber também o incentivo dado à melhoria qualitativa do empregado, para que este trabalhasse mais e melhor. Acredita-se ainda que o texto em questão tenha sido escrito visando à diminuição da evasão dos trabalhadores do local. Nesse sentido, a oferta de residências²⁴⁴, bem como outros serviços, aos empregados da Klabin podem ter sido um grande influenciador de sua permanência e potencializador desse processo de modulação de comportamentos.

O discurso sobre o relacionamento e vivência em Monte Alegre emprestou sentido para a autovalorização, gratidão a Horácio Klabin, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, desenvolvimento industrial, feitos da Klabin, personalidades ilustres e Cidade Nova e seu desenvolvimento. Entre eles é possível destacar o apoio da população às atividades desenvolvidas pela indústria²⁴⁵; a

243 Ibid ²⁴⁰.

244 Aviso – Departamento Florestal das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A em Lagoa (Fazenda Alegre). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 19 – segundo caderno, 23 de novembro de 1952.

245 Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do pôsto de reabastecimento “Esso”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1949, p. 08.

satisfação da população ao homenagear seu chefe, Horácio Klabin²⁴⁶; o conforto das casas residenciais oferecidas pela Klabin tanto para “chefes como para empregados”²⁴⁷; a harmonia existente no ambiente de trabalho²⁴⁸; o trabalho tanto de técnicos das firmas fornecedoras, “como também aos nossos próprios técnicos e operários, que não pouparam esforços para completar esta obra que deu a Monte Alegre o privilégio de possuir a maior usina hidro-elétrica do Paraná, ainda com a vantagem de haver agora excesso de energia elétrica, coisa, hoje, tão rara no país”²⁴⁹; instituições de ensino modelares construídas pela Klabin²⁵⁰; a alegria recorrente do montealegrense, especialmente em datas comemorativas²⁵¹; o ininterrupto ritmo de vida em Monte Alegre, em favor de um “progresso constante e sempre maior”²⁵²; a construção da cantina e a complementação da verba para a oferta de merenda escolar por parte da Klabin²⁵³; a firme diretriz do Clube Atlético Monte Alegre e os divertimentos oferecidos pelo mesmo²⁵⁴; as melhorias ocorridas no Harmonia Clube, algumas delas proporcionadas pela Klabin, permitem horas tranquilas de

246 NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1949, p. 07.

247 Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1950, p. 21. (ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05.

248 WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 23 de novembro de 1941, p. 25.

251 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

252 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

253 Direção das IKPC. Cantina Escolar – Grupo Escolar “Manoel Ribas”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

254 Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.

diversão aos seus sócios²⁵⁵, “gente em perfeita amizade, o que caracteriza a nossa população”²⁵⁶. Especialmente nos escritos de Karl Zappert, o desenvolvimento das escolas, dos clubes locais, as atividades desenvolvidas pela assistência social e médica foram sempre presentes.

A ênfase nos serviços oferecidos à população contribuiu também para um sentimento de gratidão à Klabin pelos serviços prestados. Ao mesmo tempo tais benefícios contribuíam à permanência de mão de obra em Monte Alegre. Tal permanência era considerada importante porque, além do próprio realizar do serviço, que poderia atrasar quando de constantes contratações, os trabalhadores mais antigos já estavam habituados ao funcionamento local.

Nas publicações sobre o relacionamento entre patrões e empregados chamou a atenção a descrição de um dos chefes da Klabin:

Peça importante em Monte Alegre, tão importante como as próprias máquinas de papel, é o dr. Karl Zappert. Diretor Técnico da Fábrica, sôbre seus ombros pesa uma grande parte da vida de Monte Alegre, cuja razão única de existir é devido a êsse colosso de organização, que são as Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A. Todos nós conhecemos Dr. Zappert. Sabemos da sua bondade, do seu espírito de justiça, do seu cavalheirismo, da sua alta capacidade, do seu valor, enfim. Mas, êle, por outro lado, também, conhece a todos nós. Sabe, de-cor, os nossos nomes. Interessa-se pela vida de cada um. Com zêlo e carinho paternais. E porque nós somos tantos e êle um só, eis o interessante de êle nos conhecer assim tão bem. Em nós há a obrigação

255 Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.

256 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1954.

de conhecê-lo; nele revela-se aquêlo espírito fino dos homens trabalhados para missões elevadas na vida. Eis porque êstes ligeiros Traços Biográficos representam, antes de mais nada, um preito de reconhecimento que todos nós, montealegrenses, lhe tributamos²⁵⁷.

A maneira como o jornal representou a postura de Karl Zappert em relação aos seus empregados, está ligada às práticas adotadas pelo “pai dos pobres”, Getúlio Vargas. A ausência de intermediários entre os chefes e os empregados – ou entre o Presidente e as gentes comuns – contribuiu para a ideia de igualdade entre os mesmos, sublimando as diferenças e objetivos entre uma classe e outra e promovendo a ilusão de pertencimento.

Estratégia semelhante também foi utilizada no caso de Wolff Klabin:

No retrospecto do ano de 1957, uma data ficou marcada para sempre nos anais da vida em Monte Alegre. No dia 15 de março de 1957 chegou do Rio de Janeiro, a notícia do falecimento do Sr. Wolff Klabin, sendo que tôda Monte Alegre ficou abalada com esta infausta notícia. O Sr. Wolff Klabin, o Grande Chefe e Amigo, foi um dos idealizadores e criadores não só da indústria pròpriamente dita mas também de tôdas as instalações sociais de nossa nova cidade, sendo que êle sempre acompanhou, com vivo interesse pessoal, os desenvolvimentos de nosso novo núcleo industrial. A perda dêste grande homem foi um rude golpe para Monte Alegre, porém o seu espírito continuará e a sua memória ficará sempre no coração de todos os que com êle colaboraram durante os primeiros anos de desenvolvimento de Monte Alegre²⁵⁸.

257 MARENDIA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.

258 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre –

O relacionamento entre patrões e empregados foi posto em versos e publicado em *O Tibagi*:

Sendo o Péricles o chefão, / Mas um chefão camarada. / É cabra bom de coração. / Se do meu voto valesse / Vitório numa eleição, / Esse cabra já seria, / Hoje o chefe da Nação. [...] / E enfim pros amigos todos, / Que moram nesse rincão, / Ia tê vida de conde, / Cada um ia tê bonde / Isso se o Pericles fosse / Mesmo, o chefe da nação. / Mas como ele ainda não o é, / Eu vô andando mesmo a pé / E vô guentando o rojão²⁵⁹.

Nota-se em tais passagens que os chefes da indústria receberam a conotação de amigo de seus funcionários. Tal alcunha foi reiterada diversas vezes nas publicações de *O Tibagi*, o que permite afirmar que tal relacionamento amigável foi também oriundo de tais discursividades. Outro elemento que auxiliou na construção desse imaginário a respeito dos chefes foi a oferta de benefícios aos empregados – que podem não ter percebido que tais ações eram também uma estratégia para o aumento da produção no trabalho.

Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de dezembro de 1957.

259 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de dezembro de 1957.

Progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre



A oferta de moradias fixava a mão de obra, *O Tibagi*, 23 novembro 1950.

Como assunto central da notícia, *o progresso e a prosperidade na Fazenda Monte Alegre* apareceu 20 vezes nas publicações de *O Tibagi*. Por meio do jornal foram divulgados os feitos locais na tentativa de atrair atenções para o desenvolvimento local, mão de obra e investidores.

Em 1950 o jornal publicou: “a Fazenda Monte Alegre possui diversos núcleos de habitação. Os três principais são: Harmonia, Lagoa e Muá [sic]. Dêstes, o mais importante é Harmonia, onde está localizada a Fábrica das I.K.P.C.”²⁶⁰. Por meio deste argumento, seguido de uma lista das atividades

²⁶⁰ Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 09, 23 de novembro de 1950.

oferecidas em Monte Alegre e uma fotografia do Cine Harmonia, entende-se que o objetivo de tais publicações era a divulgação da Fazenda Monte Alegre. Por localizar-se no interior, onde os recursos precisavam ser criados, a indústria precisou atrair a mão de obra, que ao tomar conhecimento da estrutura ali desenvolvida e dos benefícios oferecidos aos operários da fábrica, passavam a alimentar a expectativa de mudar de vida ao trabalhar na Klabin.

As fontes indicam que em 1950, a divulgação do local foi feita de modo mais incisivo, pois foram seis notícias ilustradas que abordaram os “Aspectos de Monte Alegre”, ressaltando o crescimento e a transformação local através da construção de um hotel²⁶¹, das casas residenciais “em vários estilos”²⁶², do posto de serviço Esso²⁶³, da igreja matriz de Harmonia²⁶⁴ e da própria fábrica da Klabin²⁶⁵.

Outra contribuição para a divulgação local datada de 1950 foi o poema escrito por Lauro Nery, que eternizou Monte Alegre:

A Fábrica e a Cidade, em sonho eu as diviso /
Abençoadas por Deus, porque o Destino quis /
Que fôsse Monte Alegre o próprio paraíso / Aqui
é tudo grande: esta imensa Fornalha, / Dá papel,
celulose e riqueza ao País / E o pão de cada dia,
ao homem que trabalha²⁶⁶.

261 Ibid ²⁶⁰.

262 Ibid ²⁶⁰

263 Ibid ²⁶⁰.

264 Ibid ²⁶⁰.

265 Ibid ²⁶⁰.

266 NERY, Lauro. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1950.

A noção de Monte Alegre como um paraíso foi refirmada pelas diretrizes do próprio jornal, que não tinha página policial, logo não eram publicadas notícias sobre crimes e delitos no local. Segundo Fernandes (1974), o diretor-fundador do semanário, Horácio Klabin, foi quem deu tal orientação.

Outro poema que diz do progresso e da prosperidade local foi escrito por Luiz Vieira, uma personalidade ilustre, consagrado artista da TV Record e Rádio Nacional do Rio de Janeiro, quando de sua estadia em Monte Alegre. Em seus versos, Luiz Vieira tratava do “povo todo irmão”, do “chefão camarada” e da “vida de conde” que todos ali teriam, caso Péricles Pacheco fosse o “chefe da nação”. Suas letras também abordam a noção paradisíaca do lugar:

Em Monte Alegre eu senti / O que é se ter amigos,
/ Parece que Jesus aqui / Perdoa qualquer castigo
/ E até transforma em amor, / A ira dos inimigos.
Não poderei me esquecer / Dessa cidade elegante.
/ Pequenininha no tamanho. / Mas que é grande
bastante / Grande no papel do pinho / No seu
povo acolhedor / Grande muito no carinho, / No
trabalho e no amor²⁶⁷.

Outras maneiras de exaltação do local, que também conotaram status de paraíso à Monte Alegre tratavam da oferta de casas aos funcionários da empresa e suas famílias²⁶⁸; de ambientes de recreação, como o Harmonia Clube e o Clube Atlético Monte Alegre, que ofereciam atividades recreativas, esportivas e sociais²⁶⁹ para os momentos de lazer; do Cine

267 VIEIRA Luiz. Poema para M. Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 11, 23 de dezembro de 1957.

268 Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 21, 23 de novembro de 1950.

269 *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1950, MARENFIS. Crônica da Cidade. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi –

Harmonia, “um dos melhores do interior do Estado”²⁷⁰; do “cinturão verde”, da Colônia Agrícola e da fartura de alimentos comercializados nos armazéns de Harmonia e Lagoa²⁷¹; e da oportunidade de estudo nas escolas espalhadas pela Fazenda Monte Alegre²⁷².

De modo semelhante aos momentos em que é tema das notícias, o progresso e a prosperidade na Fazenda Monte Alegre serviu como enredo para a construção de sentidos em categorias como relacionamento e vivência em Monte Alegre, autovalorização, gratidão a Horácio Klabin, feitos da Klabin e desenvolvimento industrial, visando a divulgação do local, em relação à industrialização e à modernização.

Cidade Nova e seu desenvolvimento

O loteamento Cidade Nova foi uma iniciativa de Horácio Klabin, frente ao aumento populacional nos limites da Fazenda²⁷³. Como as casas onde os trabalhadores da Klabin moravam eram cedidas pela indústria, foram criados atrativos para Cidade Nova, para incentivar o deslocamento da população. Entre as medidas adotadas, como a venda de

Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1953, Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954, Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954 e MAGICO. Clube Atlético Monte Alegre – Atividades Sociais – Trabalho de uma diretoria. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 06, 23 de dezembro de 1957.

270 Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 23, 23 de novembro de 1952.

271 Passeio à Colônia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.

272 Ibid ²⁷¹.

273 A título de exemplo, em 1956 haviam 20 mil pessoas morando em Monte Alegre (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956).

lotes em prestações acessíveis aos trabalhadores e a doação das casas em madeira aos que moravam na Fazenda, para serem remontadas no novo loteamento, foi organizada toda uma discursividade em relação ao desenvolvimento de Cidade Nova. Nesse intuito, doze foram as publicações com este assunto como tema central.

A primeira delas, publicada no ano de surgimento de Cidade Nova, em 1952, utilizou a gratidão a Horácio Klabin como argumento na construção de sentidos, fundando ali, no estabelecimento do contrato de leitura com o cidade-novense, o sentimento de reconhecimento que a existência do local se deu a partir da iniciativa de Horácio Klabin.

Diretor-Fundador de O TIBAGI, homem idealista, a quem Monte Alegre deve muitos melhoramentos. Atualmente, continuando o mesmo ritmo de trabalhos, o seu pensamento está voltando para a construção da Cidade Nova, na outra margem do rio Tibagi. E onde, há pouco, mato apenas existia, surgem casas e indústrias uma nova cidade para o Paraná²⁷⁴.

O esvaziamento local, somado ao discurso recorrente de gratidão em relação a Horácio Klabin na organização do loteamento Cidade Nova, acabou ocultando a história dos grupos que ali espontaneamente se fixaram, inaugurando o local a partir da intervenção dos industriais²⁷⁵.

Outro discurso recorrente sobre o desenvolvimento de Cidade Nova tratava dos estabelecimentos comerciais²⁷⁶ e

274 Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1952.

275 Relembrar citação de Coraiola (2003) e do histórico do município que fala do surgimento de moradias clandestinas no outro lado do rio, em relação à fábrica.

276 Em 1953, foi publicada uma relação dos estabelecimentos comerciais e

industriais²⁷⁷ ali em funcionamento e das melhorias feitas para a população. Entre os principais melhoramentos, o jornal destacou o arruamento do local, a instalação de rede elétrica e a iluminação pública, a construção da represa, da caixa e do sistema de distribuição de água, a instalação de um centro telefônico automático e construção de casas, escolas e uma igreja católica²⁷⁸, além de um estádio para a prática de esportes²⁷⁹. Segundo o periódico, duas foram as obras de maior destaque e que conotaram status de modernidade ao local: a construção da ponte sobre o rio Tibagi²⁸⁰, ligando a Fazenda Monte Alegre até Cidade Nova, e instalação dos bondes aéreos²⁸¹.

Acredita-se que estas narrativas contribuíram à

industriais instalados em Cidade Nova. No ano seguinte, escreveram sobre os novos empreendimentos que ali inauguraram. Dois anos mais tarde, tais informações foram reiteradas: “Os dados estatísticos revelam que Cidade Nova possui 52 Bares – 34 armazéns – 6 alfaiatarias – 6 barbearias – 4 oficinas mecânicas – 6 lojas de louças – 2 livrarias – 12 lojas de tecidos – 9 fábricas – 2 fotógrafos – 4 açougues – 4 ferrarias – 3 sapatarias – 10 hotéis (incluindo pensões) – 2 churrascarias – 2 padarias – 2 marcenarias – 1 farmácia – 1 pôsto médico – 1 grupo escolar – 1 tipografia – 2 cinemas – 2 torrefações – 1 banco, etc. além disso, Cidade Nova possui 4 igrejas e mais de mil casas residenciais, das quais grande parte de material” (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956). Em 1957, novamente listaram os negócios ali existentes.

277 Em 1954, abordaram a existência de várias [sic] indústrias em Cidade Nova, tais como a Sociedade Comercial e Industrial Socomin Ltda., a Materiais de Construção Paraná S/A, a Empresa Força e Luz Cidade Nova S/A (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 11, 23 de novembro de 1954). A Serraria Socomin, a Cia. Agro Mercantil Paranaense (Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956) e a Olibrasa S/A (MARENDIA, J. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957).

278 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 11, 23 de novembro de 1954.

279 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

280 Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

281 Ibid ²⁷⁹.

migração da população da Fazenda Monte Alegre para o novo loteamento, já que, segundo *O Tibagi*, “Cidade Nova oferece todo o conforto e possui tudo o que se julga essencial numa cidade”²⁸². Nesse sentido, a estratégia discursiva a respeito de que Cidade Nova não deixaria a desejar em relação a outros centros habitacionais foi presente no jornal:

É verdadeiramente impressionante o crescimento de Cidade Nova. Com apenas quatro anos de existência, já vê ficarem pra trás muitas e muitas cidades. Aliás, êste fenômeno no Paraná não é raro. Pelo contrário, estão aqui e ali exemplos de cidade que nasceram como por encanto da noite para o dia. Cidade Nova é assim. Os que conheceram esta região anteriormente a 1952, custarão a acreditar no que estão vendo agora²⁸³.

Para construir essa noção de Cidade Nova como ambiente de grande progresso, o jornal *O Tibagi* criou um *slogan* para Cidade Nova: a cidade que cresce²⁸⁴, além de ter construído um imaginário a respeito do local:

Cidade Nova é um símbolo edificante de trabalho. A ação dignificante dos que a fundaram e o labor incansável daqueles que, nela se fixaram para viverem suas vidas, construíram um dos mais progressistas núcleos populacionais do Paraná. Cidade nova, por isso mesmo, é um verdadeiro fenômeno da natureza, que se transforma a todos os momentos, ganhando a expressão dos grandes centros, auto-suficientes e independentes²⁸⁵.

282 Ibid ²⁷⁹.

283 Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

284 A utilização do termo “cidade que cresce” em relação à Cidade Nova aparece em 5 notícias, publicadas em 1953, 1957 e 1958.

285 Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.



Publicação de *O Tibagi* sobre Cidade Nova, em 23 de dezembro de 1957.

A intervenção da Prefeitura Municipal de Tibagi em Cidade Nova foi mencionada apenas duas vezes, quando da construção do grupo escolar municipal, do cemitério e do matadouro²⁸⁶ e da celebração de dez anos de existência de Cidade Nova²⁸⁷. Em contrapartida, a menção direta à intervenção das indústrias Klabin no local apareceu em cinco momentos distintos: na construção do Ginásio Estadual “Wolff Klabin”²⁸⁸, realizada pelos industriais; na edificação de casas entregues aos operários da cidade em terreno doado

286 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

287 Cidade Nova começa a resolver seus problemas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. E, 15 de dezembro de 1962.

288 Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.

pela fábrica²⁸⁹; no aumento do Ginásio Estadual de Cidade Nova – como já tinha sido o próprio prédio – foi realizado pelas Indústrias Klabin²⁹⁰; e, “procurando colaborar com o problema de habitação nesta cidade [...] construíram mais um lote de 23 casas, estando já tôdas vendidas, a preços módicos e em suaves prestações”²⁹¹.

A última referência à intervenção da Klabin em Cidade Nova foi publicada em 1962:

Mercê da boa vontade, compreensão e liberalidade dos Snrs. Diretores das I.K.P.C. S/A., acha-se o Colégio [Estadual Wolff Klabin] devidamente equipado segundo as exigências legais para funcionamento, como ainda, diversos aparelhos além das exigências: amplificador, toca-discos, projetor cinematográfico – (recentemente doado pelo Snr. Dr. Israel Klabin) – epidiascópio, polióptico, luneta telescópica de grande amplidão. Aham-se completos os laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais, todos em sala própria, faltando somente mesa própria aos laboratórios. As demais instalações são completas e dignas de admiração e registro para o padrão dos estabelecimentos do interior; conta o Colégio com 9 salas amplas, bem iluminadas e arejadas, instalações sanitárias completas para os dois sexos, salas para professores, secretária, diretoria, área coberta ampla e sempre que necessário, tem-se transformado em auditório, além de recreio comumente. O edifício acha-se bem situado em local sem ruídos, em terreno amplo, bem arborizado [sic], contando com um pequeno horto florestal, em que existe cerca de 180 espécies diferentes da flora brasileira (trabalho dedicado do Departamento Florestal

289 Ibid ²⁸⁸.

290 *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08b e 08c, 22 de dezembro de 1960.

291 Ibid ²⁹⁰.

das IKPC). As instalações esportivas e para a prática da educação física ainda em fase de complementação, conta com uma cancha improvisada de Basquetebol, duas de Voleiból, e adaptação para futebol de salão, esperando-se para o próximo ano, já devidamente autorizada pelas I.K.P.C., os trabalhos de finalização e colocação do material esportivo e dos aparelhos exigidos pela Divisão de Educação Física do Ministério de Educação e Cultura. Agradecemos ao prof. Custódio Netto e ao aluno Lauro do Canto e Souza as informações que nos permitiram este noticiário²⁹².

O excerto oferece pistas sobre a forma como a Klabin continuava exercendo sua influência, colocando-se como intermediadora dos problemas locais, mesmo em Cidade Nova. O vínculo estabelecido nas relações entre patrões e empregados continuou até mesmo fora dos limites do território privado da Fazenda Monte Alegre, apesar do discurso de independência do local. Além disso, é interessante observar as estratégias discursivas adotadas: o assunto principal da matéria foi o desenvolvimento da educação em Cidade Nova; mas estratégias narrativas empregadas na construção deste “noticiário escolar” contribuíram à exaltação aos feitos da Klabin.

A categoria “Cidade Nova e seu desenvolvimento” apareceu acompanhada de outras categorias – já ou a seguir problematizadas – na construção de sentidos, tais como: a autovalorização do local, a partir da instalação dos bondinhos aéreos, “únicos no gênero em todo o Brasil”²⁹³; a contribuição para o desenvolvimento regional e nacional na produção de

292 Noticiário Escolar. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – terceiro caderno, 15 de dezembro de 1962.

293 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

azeitonas em Cidade Nova²⁹⁴; o relacionamento e vivência em Monte Alegre com a construção de casas para a população; os feitos da Klabin, a gratidão a Horácio Klabin e as menções à cidade de Tibagi.

“Cidade Nova e seu desenvolvimento” apareceu dez vezes como estratégia argumentativa na construção de outros sentidos. Seu aparecimento mais recorrente esteve associado ao desenvolvimento industrial, uma vez que este foi o tema central de “História de Monte Alegre”, escrita pelo diretor técnico da Klabin, Karl Zappert, e publicada anualmente nas edições especiais de aniversário de *O Tibagi*. Além do desenvolvimento industrial da fábrica, Zappert perpassou, mesmo que brevemente, pelos acontecimentos sociais de Monte Alegre. A partir do surgimento de Cidade Nova, seus escritos passaram igualmente a abordá-la.

Em 1952, para tratar do progresso e prosperidade local, Zappert escreveu: “uma modificação completa do aspéto e do panorama da região rural de Monte Alegre, se constituiu no início da construção da Nova Cidade, sita ao lado esquerdo do rio Tibagí e, aliás, exatamente oposta á fábrica²⁹⁵” e acrescentou que numerosas casas e estabelecimentos já haviam sido sendo instalados. No ano seguinte, Zappert voltou a reiterar o progresso local, argumentando a partir do desenvolvimento crescente de Cidade Nova, impulsionado pela construção da ponte sobre o Rio Tibagi²⁹⁶. Em 1954, frisou o progresso cidade-novense em ritmo acelerado escrevendo: “onde há 2

294 MARENDIA, J. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.

295 ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1952.

296 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

anos atrás viam se apenas vastos campos vazios encontra-se hoje uma imensidade de casas novas desde as mais humildes até prédios”²⁹⁷. No ano de 1956, Zappert tratou outra vez do desenvolvimento de Cidade Nova. A última de suas menções ao tema foi feita em 1958²⁹⁸ e explicou, em parte, a iniciativa do desenvolvimento do loteamento fora dos limites da Fazenda Monte Alegre:

A questão de acomodações de todos os que trabalham em Monte Alegre continua sempre a ser um problema, uma vez que o número dos operários novos aumenta de ano para ano, e, além disso, muitos jovens, filhos de velhos empregados das I.K.P.C. contratem matrimônio e desejam acomodações próprias para a nova família. Embora que a construção de novas casas nunca pode acompanhar os desejos dos novos casais, o número de novas moradias também aumenta continuamente. [...] Muitas das velhas casas de madeira, especialmente na região chamada Acampamento Harmonia, na descida para o Rio Tibagi, foram derrubadas e reconstruídas na Cidade Nova, onde estas casas reconstruídas passaram a ser propriedade dos ex-inquilinos²⁹⁹.

A análise das publicações sobre o desenvolvimento de Cidade Nova evidenciou que a publicização dos feitos na localidade foi recorrente e visou dois objetivos específicos: esvaziar a Fazenda Monte Alegre e atrair e fixar mão de obra com custo reduzido à empresa.

²⁹⁷ ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1954.

²⁹⁸ Trata-se de sua última coluna escrita como morador da Fazenda Monte Alegre.

²⁹⁹ ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

“Cidade Nova e seu desenvolvimento” também apareceu na construção argumentativa de outras categorias, como gratidão a Horácio Klabin³⁰⁰, desenvolvimento industrial³⁰¹, feitos da Klabin³⁰² e progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre³⁰³.

Desenvolvimento Industrial

O incremento urbano da região do Alegre ocorreu a partir do desenvolvimento industrial quando do início da construção da fábrica de papel e celulose de propriedade da família Klabin. Tal desenvolvimento foi o assunto principal em 12 notícias heterorreferentes.

A primeira edição da coluna “História de Monte Alegre”, organizada por Karl Zappert, foi publicada em 13 edições, entre 25 de janeiro e 25 de abril de 1949. Nela foram abordados diversos assuntos³⁰⁴, como a escolha dos locais para a instalação da fábrica, da usina hidroelétrica e dos núcleos habitacionais, os estrangeiros que vieram para

300 Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1952 e AUSTIN, Padre José. Paróquia NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO – UM POUCO DE HISTÓRIA. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 10 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

301 Cerâmica Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.6, 23 de novembro de 1953.

302 Em agosto estarão funcionando os bondes aéreos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

303 *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

304 “O Tibagi começa publicar a partir de hoje o primeiro d’uma serie de artigos sobre a história de Monte Alegre, compilados e redigidos pelo Dr. Zappert diretor técnico das I. K. P. C.. Um dos pioneiros de M. A. conhecendo todos os detalhes de sua formação, desde o início até a presente data, não ha pessoa melhor informada para o assunto de que trata em seus artigos.” (História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 25 de janeiro de 1949).

trabalhar na Klabin, a abertura de estradas, as festividades em datas comemorativas, as melhorias nas instalações fabris, o início da produção de papel e assim por diante. Seus escritos rememoraram um passado local, inaugurado a partir da chegada dos industriais e que teve como principal assunto – assim como suas publicações nos anos subsequentes – o desenvolvimento industrial local. Foram 07 os escritos de Zappert que apresentam o desenvolvimento industrial como assunto principal, em geral acompanhadas da autovalorização, do progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, dos feitos da Klabin, do relacionamento e vivência em Monte Alegre e Cidade Nova e de seu desenvolvimento. Raras foram as menções à cidade de Tibagi ou ao passado anterior à chegada dos industriais à região, contribuindo na construção de sentidos pela ausência dessas referências. As demais notícias que têm o desenvolvimento industrial local como assunto foram escritas por: Wilém Viller (02), Hellê Vellozo Fernandes e pela direção do Departamento Florestal da Klabin³⁰⁵.

O argumento do desenvolvimento industrial utilizado contribuiu também para a construção de sentidos quando o assunto principal foi Cidade Nova e seu desenvolvimento (02), em relação às fábricas e estabelecimentos comerciais que ali haviam se instalando e os feitos da Klabin (01) na produção de papel nacional.

Entende-se que a utilização do desenvolvimento industrial como assunto principal da notícia e/ou estratégia argumentativa serviu como propagandeadora do crescimento industrial local, capaz de atrair mão de obra, ao mesmo tempo em que revelava o poderio – não só, mas também – econômico da Klabin, assegurando, assim, seu lugar de detentor do poder simbólico.

305 Além destas, existe uma notícia sobre a Cerâmica Cidade Nova que não foi assinada.

Gratidão ao Horácio Klabin

Assim como na autorreferência a figura de Horácio Klabin foi exaltada em relação aos seus feitos à população de Monte Alegre e região, na heterorreferência este recurso também se fez presente. Ao todo, foram 08 as notícias que tiveram como tema de destaque a gratidão a Horácio Klabin. Destas, 03 menções foram publicadas no ano de 1949, quando de uma grande festa local em comemoração à emancipação do Paraná, ao “segundo ano de benfazeja e proveitosa gestão [de Horácio Klabin] na administração das I.K.P.”³⁰⁶ e a inauguração de um posto de gasolina³⁰⁷.

A publicação de um poema escrito por Praxedes Gomes versou sobre a gratidão devida a Horácio Klabin³⁰⁸:

Dr. Horácio Klabin / Muito Respeitosamente
/ Prestou essa homenagem / Esta comissão
presente / Por vós ser merecedô / E ser um
home potente / Doutô Horácio Klabin / Home de
muito Valô / Não é só industriá / Como também
diretô / E também do povo pobre / É um grande
ajudadô / Devemo nós dar um viva / Ao Dia 15 de
Novembro / Viva doutô Horácio! / (...) ³⁰⁹.

Pelo modo de enunciação, é possível pressupor que o autor do referido poema era uma pessoa simples. Isso implica

306 Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento “Esso”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1949.

307 Mesmo não sendo destacado na notícia do jornal, acredita-se que também fora comemorado o aniversário de um ano do jornal *O Tibagi*, já que a churrascada foi realizada às vésperas do periódico completar 01 ano.

308 Não foram encontrados dados biográficos.

309 GOMES, Praxedes. A homenagem do dia 15. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1949.

sentidos em relação à construção de tal gratidão, uma vez que não somente as pessoas importantes do cenário da Fazenda Monte Alegre, próximas a Horácio Klabin, o admiravam, mas as gentes comuns daquelas terras, que o viam como “um grande ajudadô”. Esta ideia de gratidão a Horácio Klabin, associada à sua benevolência, foi também reiterada nos demais textos publicados em 1949: “nesta mesma ocasião, os corpos docente e discente do grupo escolar local ofereceram ao sr. dr. Horácio Klabin, um artístico cinzeiro de alabastro, como prova de reconhecimento”³¹⁰ e Cacildo Batista de Arpelau discursou, “falando em nome de todos [...], ressaltando as qualidades do homenageado como chefe exemplar e como amigo do povo de Monte Alegre”³¹¹.

Para a compreensão da organização discursiva na construção da gratidão a Horácio Klabin, torna-se oportuna a transcrição completa do referido discurso:

A ideia de poucos se transformou, rapidamente, no desejo de todos, como que irmanados os homens de boa vontade por idênticos sentimentos. Assim acontece, quando uma iniciativa assenta-se nos alicerces da sinceridade e da justiça. Seja-me permitido dizer que antes melhor oportunidade não tive, como a de hoje, para, num preito de gratidão e reconhecimento, homenagearmos aquele que tem sabido liderar e orientar a batalha que travamos, pelo bem comum. Dr. Horácio. O verdadeiro triunfo de um chefe de empresa consiste em proporcionar o bem estar aos seus subordinados. Nos conturbados dias que correm, laborará em êrro aquele que, no exercício de funções de mando, desprezar êste

310 Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento “Esso”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1949.

311 Ibid ³¹⁰.

importante fator, que é a razão de ser das boas relações entre o capital e o trabalho. Felizmente, no caso de Monte Alegre, a vossa preocupação constante, que todos reconhecem, tem sido a de conciliar os interesses patronais com os dos empregados, tudo fazendo, sem medir sacrifícios, para dignificar o esforço humano e valorizar o homem pelo trabalho. Graças a essa inteligente diretriz, poudes a vossa administração realizar, em apenas dois anos, o que outras não conseguiram durante um quinquênio. Por isso mesmo, a vida dos montealegrenses está organizada em bases sólidas, que se ajustam aos imperativos sociais de nossos dias e aos anseios latentes da consciência coletiva. Sem favor algum tudo de grandioso e notável que Monte Alegre apresenta, no setor econômico-social, devemos à vossa clarividente administração, que nesta data completa mais um aniversário. Homem democrata e amigo que sois, tornastes digno da gratidão e da estima de todos nós, que aproveitamos esta oportunidade para reiterar os nossos melhores propósitos de cooperação à vossa já vitoriosa administração. Queira aceitar a saudação amiga dos trabalhadores de Monte Alegre. Tenho dito”³¹².

Com a análise do discurso entende-se que a maneira como os trabalhadores foram tratados (oferta de casas, assistência social, médica e hospitalar, escolas, etc.) correspondia à visão da empresa, na pessoa de seu administrador, sobre o relacionamento entre patrões e empregados. Entretanto, houve um esvaziamento narrativo nesse sentido e os ouvintes desta fala, bem como os leitores de sua versão impressa, foram atingidos pelo discurso de gratidão apenas sobre os benefícios concedidos, que não trouxe à reflexão os interesses políticos e econômicos inerentes a tais benesses. Assim como na análise da autorreferência, na heterorreferência a expressão “amigo”

312 Ibid ³¹⁰.

se fez presente tanto na transcrição do discurso de Cacildo Batista de Arpelau, quanto na própria notícia: “Coroadas de mais completo êxito, a homenagem ao dr. Horácio Klabin foi mais uma prova do reconhecimento do povo de Monte Alegre, que reconhece nele um chefe, um idealizador e um amigo”³¹³. Nesse mesmo sentido, em crônica sobre as festividades do dia 15 de novembro de 1949, Lauro Nery afirmou ter sido justa a homenagem da população a Horácio Klabin – uma vez que ele seria o responsável pelo “surto” de realizações em Monte Alegre – dizendo:

é muito comum quando alguém sobe, esquecer os companheiros da véspera e colocar-se num plano superior. O homenageado de Monte Alegre desceu da sua justa e não procurada superioridade para igualar-se a todos, como se todos fôssem e êle também, um único coração³¹⁴.

A “aproximação” ocorrida por intermédio deste tipo de estratégia narrativa contribuiu na manutenção das relações paternalistas no local, de maneira semelhante às práticas do Governo Vargas.

Além da gratidão devotada a Horácio Klabin, em relação ao bem-estar dos empregados da indústria e à fundação do jornal *O Tibagi*, o surgimento de Cidade Nova também foi conotado ao diretor da Klabin. Segundo o semanário, Monte Alegre “deve” a Horácio muitos de seus melhoramentos e o mesmo aplica-se à Cidade Nova, pois “onde, há pouco, mato apenas existia, surgem casas e indústrias, uma nova cidade

313 Monte Alegre e os festejos de 15 de Novembro – Solenidades cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascadas – Inauguração do posto de reabastecimento “Esso”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1949.

314 NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1949.

para o Paraná”³¹⁵. Como observado em outras categorias, mais uma vez aparece no jornal o discurso de esvaziamento local, ocultando outros agentes históricos também presentes³¹⁶.

Outra publicação de *O Tibagi* que auxiliou na construção da gratidão a Horácio Klabin versou sobre seus feitos junto ao esporte em Monte Alegre, especialmente por suas ações em benefício do Clube Atlético Monte Alegre. Entre outras razões, o que o tornou presidente de honra do clube³¹⁷ foi o incentivo dado à profissionalização e o investimento na contratação de profissionais – o que garantiu ao clube a conquista do Campeonato Paranaense de 1955. A esse respeito, o hebdomadário em uma rememoração da história do C.A.M.A. publicou:

Tudo ou quase tudo deve-se ao seu querido patrono Dr. Horácio Klabin, um esportista que nunca mediu esforços no sentido de ver projetado o nome do C.A.M.A. como uma das maiores falanges paranaenses do pebol bretão. O patrono do Clube, o incentivador do alvi-negro em suas jornadas teve em 1955 a alegria de ver culminando seu idealismo com a conquista do cetro máximo paranaense. O esforço e a abnegação do Dr. Horácio Klabin tornaram-se legendários dentro do Clube como uma marca de glórias e conquistas³¹⁸.

315 Dr. Horácio Klabin. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1952.

316 Segundo o histórico do município, publicado no site da Prefeitura Municipal de Telêmaco Borba, “começaram a surgir moradias clandestinas do outro lado do rio. Iniciou-se então, do lado oposto à fábrica com relação ao rio Tibagi o loteamento de 300 alqueires de terra, esse loteamento chamou-se “Mandaçaia” e mais tarde foi batizado de Cidade Nova” (Disponível em: http://www.telemacoborba.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acessado em: 22.12.2014.)

317 Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.

318 Dr. Horácio Klabin e Péricles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra – A “Pantera Negra” Campeã Paranaense. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1956.

Nesta mesma notícia, publicada em 23 de novembro de 1956, os elogios foram estendidos a Péricles Pacheco da Silva, que, conforme as fontes indicam, foi um grande parceiro de Horácio Klabin. Por isso, em igual medida, as congratulações e gratidões estenderam-se a ele também: “não se pode igualmente deixar de destacar o dinamismo e a dedicação do grande Presidente Péricles Pacheco da Silva que sob direção do grêmio de Harmonia traçou diretrizes de engrandecimento, merecendo assim os mesmos louvores”³¹⁹.

A última notícia que traz a gratidão a Horácio Klabin como tema principal foi escrita por Hellê Vellozo Fernandes, que não apresentou com clareza a quem, efetivamente, os montealegrenses deveriam ser gratos³²⁰:

Alguém pensou em fazer tudo isso. Alguém possibilitou a obra gigantesca. Alguém a tornou realidade. Alguém é a palavra que oculta os nomes dos homens titãs dos criadores de tudo o que vemos em torno de nós, tão integrado nos hábitos quotidianos, que nem sequer é notado como uma realização notável³²¹.

A publicação sobre esse “alguém” sem rosto e sem nome, mas sabidamente relacionado à indústria, contribuiu para uma gratidão geral em relação à Klabin. A existência de uma história que contribuiu para a valorização dos feitos da Klabin favoreceu a construção de um sentimento de gratidão, que se estende aos dias atuais.

319 Dr. Horácio Klabin e Péricles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1956.

320 Por meio do fenômeno da conclusão, é possível dizer que entre essas pessoas sem nome, merecedoras de gratidão, encontra-se Horácio Klabin.

321 FERNANDES, Hellê Vellozo. Os Homens Titãs. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1961.

A “Gratidão a Horácio Klabin” contribuiu como argumento para a construção de sentidos sobre o desenvolvimento industrial, o progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre e Cidade Nova e seu desenvolvimento. No total de 05 menções, os discursos de gratidão referiam-se ao jornal *O Tibagi*, “que veio melhorar o nível cultural desta comuna, tal como muitas outras inovações e iniciativas realizadas aqui pelo Dr. Horácio Klabin”³²²; à construção do Estádio para o Clube Atlético Monte Alegre, que recebeu o nome de Estádio Horácio Klabin³²³; e à organização da OLIBRASA S/A, para o plantio e comercialização de azeitonas e óleos de oliva³²⁴.

Passado anterior à chegada dos industriais à região

Apresentada na introdução deste livro, a história oficial de Telêmaco Borba publicada no site da Prefeitura, não dedicou espaço ao passado anterior à chegada da família Klabin à região. Ao analisar as edições comemorativas de *O Tibagi* sobre o passado local e regional, isto não foi diferente! Entre as 77 notícias que compõem o corpus documental, 08 foram as publicações que tiveram esta categoria como assunto principal.

Em relação ao todo documental e ao número de publicações nas demais categorias, o passado anterior à chegada dos industriais à região é, de certa forma, expressivo.

322 WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 23, 23 de novembro de 1951.

323 Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.

324 MARENDIA, João. O que é e o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.03 – terceiro caderno, p. 23 de dezembro de 1957.

Entretanto, esta premissa só se confirma numericamente. Com a análise do conteúdo observou-se que o passado foi narrado de maneira pitoresca, peculiar. Os títulos das notícias, seguidas de breves explanações, exemplificam: “Pedro Pinheiro – Um Herói”, apresentou a história de um garimpeiro destemido que salvou inúmeras vidas e já retirou das águas do Tibagi quase duas dezenas de cadáveres; “História do primeiro diamante encontrado no Tibagi”, que discorreu romanticamente o ocorrido; “O Monge de Tibagi”, que tratou da figura do monge que vivia nu e da religiosidade popular na região do Tibagi; e “Curiosidades da terra do diamante”, que contou de maneira heroica a história do primeiro morador do local, onde hoje se localiza a cidade de Tibagi.



Mineradores no rio Tibagi, s/d.

A respeito da história local anterior à chegada dos industriais, na primeira edição do jornal, em 1948, foi publicada a “Monografia histórica corográfica de Tibagi”. O texto organizado por Otavio Camargo, com base nos escritos de Edmundo Mercer Junior, iniciou com as “entradas de homens brancos pelos interiores tibagianos” (Aleixo Garcia, Jorge Sedenho, Cabeza de Vaca e Ulderico Schemiedel). Então, assinalou a presença do jesuíta nas terras do Tibagi:

“A ação dos padres de Loiola, no Guairá, desenvolveu-se quase toda ela, no antigo território tibagiano”. Assim, das varias “REDUÇÕES” jesuíticas que vêm assinaladas no mapa do antigo município de Tibagi, que o mesmo autor organizára, conclue-se que na atual extensão geográfica desta comunidade os padres chefiados por Montóya estabeleceram os aldeamentos de “ENCARNAÇÃO”, nas terras do cacique “PINDOBÉ”, á margem do Rio Tibagi, nos fundos da fazenda hoje “MONTE ALEGRE”, e “SÃO MIGUEL”, lugar que demora uns 12 quilometros da cidade séde do município³²⁵.

Em seguida, abordou a pequena duração das ações jesuíticas na região, em decorrência do apresamento de índios por Antonio Raposo Tavares, Manoel Preto e Fernão Dias Paes Lemes. Na história de Tibagi perpassou episódios relacionados à Fazenda Fortaleza, a José Felix da Silva, seu capitão do mato, Antônio Machado Ribeiro, e a constante peleia contra os indígenas habitantes daquelas terras. Apresentou, ainda, uma versão lendária da fundação de Tibagi, dando ênfase ao episódio da Mortandade, ocorrido onde hoje encontra-se o hotel e o hospital em Harmonia. Quando de um desentendimento

325 CAMARGO, Otavio. Notícias do município – Monografia histórica corográfica de Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná. p. 02, 23 de novembro de 1948.

entre o coronel José Felix e Machadinho, a respeito da posse das terras requeridas em carta de sesmaria, o capitão do mato mudou-se para as terras que mais tarde viriam compor o município de Tibagi.

Segundo a monografia, não houve, como resultado de tais incursões, a formação de povoados, antes, o esvaziamento da terra a partir da ação dos bandeirantes paulistas. Entretanto, “o mesmo não aconteceu com os “posseiros”. Estes, na ânsia de aumentar seus domínios, edificavam moradias, erigiam capelas, aliciavam muita gente para o custeio de enórmes manadas de gado e, desse modo, irradiaram, aos poucos, o povoamento do sólo.”³²⁶. A respeito do povoamento do território tibagiano, a publicação afirmou não ter havido “qualquer parcela de contribuição do elemento negro”³²⁷.

Esta monografia foi uma das únicas sistematizações da história local e regional publicadas no jornal *O Tibagi*, ao lado da primeira edição de “História de Monte Alegre”, de Karl Zappert, em 1949. Entretanto, por ter sido publicada na primeira edição do jornal, quando a tiragem não passava de 500 exemplares, e pelo fluxo contínuo de trabalhadores sendo contratados e demitidos, conforme as necessidades da empresa, entende-se que o acesso às informações do passado anterior à chegada dos industriais por intermédio desta publicação não foi abrangente. Somente em 1957 outra notícia fez referência ao passado, tratando da riqueza mineral da região do Tibagi, dos cientistas e historiadores que por ali passaram, das figuras míticas como o “Monge de Tibagi”, das ruínas jesuíticas e da Fazenda Fortaleza:

³²⁶ CAMARGO, Otavio. Notícias do município – Monografia histórica corográfica de Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná. p. 02, 23 de novembro de 1948.

³²⁷ Ibid ³²⁶.

Bandeirantes aventureiros, indígenas, jesuítas, historiadores, pioneiros e garimpeiros formam todos, um conjunto grandioso de acontecimentos, registrados uns, memorados outros, tudo merecendo a pena de um romancista ou de um historiador, para que o nome hoje obscuro de Tibagi tenha o relêvo que merece, pelo seu passado lendário e epopeico³²⁸.

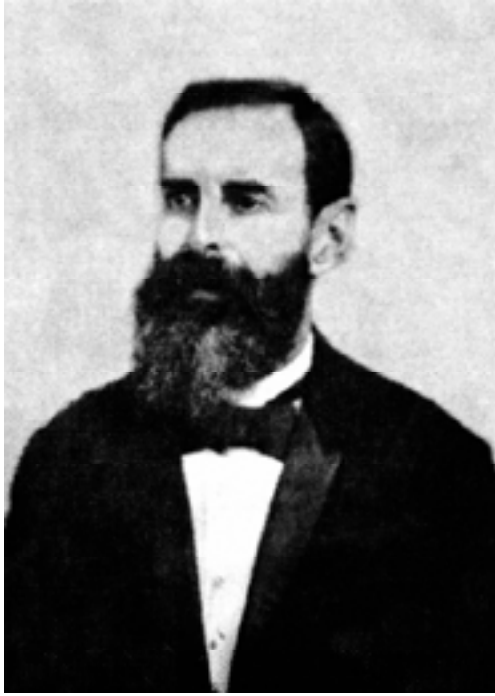
Apesar da importância em se falar do passado – principalmente no que diz respeito à formação identitária –, esta notícia não apresentou clara filiação entre a história de Monte Alegre e Cidade Nova à história de Tibagi. Antes, o autor sugeriu que tais episódios deveriam ser registrados pelo caráter singular e inusitado que têm.

As demais menções ao passado anterior à chegada dos industriais à região dizem respeito ao coronel Telêmaco Morosini Borba³²⁹; a estadia de Auguste Sain-Hilaire na Fazenda Fortaleza e a referência do naturalista francês à Vila de Tibagi, formada a partir da reunião de colonos amedrontados pelos indígenas que ali viviam³³⁰.

328 Nossa homenagem a Tibagi – Tibagi Desconhecido e Olvidado. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

329 Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1948 e Nossa homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

330 Redação e Fragmentos escritos por Saint Hilaire. História do Paraná – Viagem ao interior do Brasil em 1820. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1954.



Telêmaco Augusto Enéas Morosini Borba (1840-1918).

Mesmo não havendo clara filiação à história de Tibagi, a referência a tais acontecimentos anteriores à instalação da Indústria Klabin na região contradiz o próprio discurso do jornal em relação ao esvaziamento local. É possível inferir, a partir destas referências, que já havia sujeitos habitando aquelas paragens, mas marginalizados em relação à história oficial.

Feitos da Klabin

Os feitos da Klabin foram o assunto principal de 06 notícias de heterorreferência sobre o local e o regional. Borell Du Vernay, chefe da 6ª Inspetoria Estadual de Ensino³³¹, foi um dos autores de textos publicados no jornal que versaram sobre os feitos da Klabin:

Si possuísse pendores literários, iria escrever sôbre as belezas da região dêsse miraculoso Tibagi, em que foi se engasgar uma das mais expressivas criações da moderna vida sul-americana – a Fábrica de Monte Alegre. Mas a vida tem para mim um sentido objetivo e eu prefiro, fugindo aos devaneios intelectuais e valendo-me do feliz enséjo do 2º aniversário de O Tibagi, enviar daqui o meu sincero aplauso à iniciativa dos Klabins, qual seja a de criar num pedaço do “hinterland” paranaense, esse maravilhoso núcleo de civilização e progresso, que, aliás, ainda não conheço, mas do qual sinto os reflexos de sua magnificência. Com efeito, instalando em Monte Alegre a grande indústria de papel, resolvendo, com isso, um grave problema nacional, a organização Klabin chantou em seu solo um extraordinário marco civilizador, que, em futuro próximo, há de proporcionar ao Paraná as mais risonhas perspectivas de riqueza. Benditos os homens que criam e produzem! São os modernos bandeirantes que fortalecem a Nação e prodigalizam, com a sua capacidade de agir, a felicidade coletiva. Monte alegre, mercê da energia criadora dos Klabins, surge, para o Paraná como uma nova força propulsora de adiantamento e está destinada a desempenhar, em sua história, um papel dos mais relevantes. Além do que poderá representar, no que tange

331 Informação disponível em: <http://www.pgojoaoduvernay.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=45>. Acessado em 15/12/2014.

propriamente à economia, releva ressaltar o influxo social, que nascerá de sua pujança³³².

Ao apresentar a Indústria Klabin como representante da civilização e do progresso local, Borell Du Vernay expressou uma mentalidade do período a respeito da modernidade: desvalorização do que já havia no local para a exaltação do novo e da chegada do moderno – neste caso, por meio do empreendimento da família Klabin. Ainda em relação à transformação da paisagem no interior, entre os feitos da indústria *O Tibagi* destacou o funcionamento dos bondes aéreos³³³, ligando Harmonia à Cidade Nova. Como visto na análise da autorreferência, a Klabin, por meio do jornal *O Tibagi*, se apresentava enquanto contribuinte no processo de evolução de sua comunidade³³⁴, ao cooperar para um país mais culto³³⁵. Desse modo, “à proporção que as Indústrias Klabin desenvolveram a exploração dos pinheiros e consequente fabricação de celulose, também se foi ampliando o ensino primário na fazenda”³³⁶. O investimento da Klabin na educação, por meio da construção e manutenção de escolas, parece ter sido efetivo, segundo indicam as publicações de *O Tibagi* sobre este aspecto³³⁷.

332 DU VERNAY, Borell. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p.21, 23 de novembro de 1950.

333 Em agosto estarão funcionando os bondes aéreos. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

334 FERNANDES, Hellê Vellozo. 1948 – Sociais Literárias – 1959. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02 – primeiro caderno, 23 de novembro de 1959.

335 WAMBIER, Daily Luiz. A vitória da inteligência. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 10, 23 de novembro de 1950.

336 Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná – p. 16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

337 Acredita-se que a preocupação com o ensino na Fazenda Monte Alegre estivesse relacionado à educação de futura mão de obra.



Inauguração da primeira escola em acampamento.

Como assunto principal da notícia, os *feitos da Klabin* estão relacionados à construção e manutenção das escolinhas de acampamento³³⁸. Em 1956, o jornal *O Tibagi* publicou:

[...] 6 escolinhas são mantidas pela companhia, nos diversos acampamentos do mato, onde a distância impede as crianças de virem frequentar os cursos regulares. (A fiscalização da mesma é feita pela Direção do Grupo de Lagoa). Desse modo, está Monte Alegre perfeitamente aparelhada do

338 FERNANDES, Hellê Vellozo. *Escolas do Mato. O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03, 22 de dezembro de 1960. No interior de Monte Alegre, havia núcleos populacionais fixos, como Lagoa e Harmonia, mas também havia os acampamentos, que eram montados e desmontados pelo interior da Fazenda, conforme a necessidade de extração de matéria-prima do local. Como a exploração de um dado pedaço de terra podia demorar meses, próximo dali eram construídas casas de madeira para que os funcionários e suas famílias pudessem morar. A distância até Harmonia ou Lagoa, onde havia escolas, dificultava a educação das crianças. Assim, a Klabin passou a oferecer a infraestrutura necessária para que fossem educadas nos próprios acampamentos.

ponto de vista da instrução primária, embora sempre cuidando de ampliações, por causa do aumento constante da frequência escolar. Cabe ainda neste relatório, referências aos Jardins de Infância de Harmonia e Lagoa, ambos mantidos pelas Indústrias, sob a direção das sras. Irma Banatkowski e Edith Gordan³³⁹.

Segundo *O Tibagi*, “o maior trabalho realizado” pela Klabin foi, “sem dúvida”, a implementação das Escolas Florestais: “quando o problema era deixar a criança do mato analfabeta ou alfabetizá-la com um mínimo de recursos, houve por bem a diretoria das IKPC decidir que se tentasse esse mínimo”³⁴⁰. O mínimo a que se referiram nesta notícia trata-se do corpo docente de tais escolas. Por serem acampamentos muito distantes dos núcleos populacionais e pela escassez de profissionais da educação dentro da Fazenda Monte Alegre, as mulheres dos trabalhadores que fossem alfabetizadas eram orientadas em Cursinhos de Férias e nas visitas da inspetoria da Klabin³⁴¹ para que pudessem lecionar. As benesses da Klabin em relação às crianças dos acampamentos florestais não se restringiram somente à escolaridade. Ao término do ano letivo, na festa de encerramento eram agraciadas com refrigerantes, balas e sanduíches oferecidos pela indústria.

Outro feito da Klabin em relação à educação noticiado em *O Tibagi* foi a implantação da cantina no Grupo Escolar Manoel Ribas. Segundo o jornal, “as I.K.P.C concordaram não só com a construção da Cantina, como também em dotá-

339 Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953. Em 1961, já eram 18 escolas florestais em funcionamento sob comando da indústria Klabin.

340 Noticiário Escolar. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03, 15 de dezembro de 1962.

341 Ibid ³⁴¹.

la de todos os apetrechos necessários ao funcionamento; de pagar duas funcionárias para nela trabalharem e completar a verba necessária à manutenção”³⁴². Esta notícia, assinada pela direção das I.K.P.C., ressaltou a adesão dos pais – quando reunidos para a decisão de implementação da cantina escolar – como um ato de louvor e gratidão à benevolência da indústria.

Como estratégia linguística na construção de sentidos outros, os feitos da Klabin foram ressaltados em 11 notícias que abordaram: a construção de um campo de aviação³⁴³, a implementação de merenda escolar³⁴⁴, a doação de um terreno “grande e estratégico” para a Congregação dos Redentoristas³⁴⁵, a construção de uma nova sede para o Harmonia Clube³⁴⁶, a edificação do Colégio Estadual “Wolff Klabin”³⁴⁷ e posterior aumento³⁴⁸, oferta de assistência social, médica e hospitalar aos trabalhadores dos acampamentos do mato³⁴⁹ e concessão das casas de madeira aos funcionários

342 IKPC. Grupo Escolar “Manoel Ribas”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 23 de novembro de 1953.

343 ARPELAU, Cacildo Batista. Mais dois anos de honesta e proveitosa administração. *O Tibagi* – Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1949.

344 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

345 AUSTIN, Padre José. Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 10 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

346 Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.

347 Cidade Nova e seu marcante progresso. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 30 de novembro de 1958.

348 *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08b e 08c, 22 de dezembro de 1960.

349 FERNANDES, Hellê Vellozo. Em pleno reflorestamento – um ano de trabalho. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

que adquiriram lotes em Cidade Nova³⁵⁰.

Com a análise das notícias entende-se que os feitos da Klabin publicados no jornal limitavam-se a ações de caridade e de auxílio à população. A partir destas práticas e de sua enunciação, colocavam-se, mais uma vez, como mediadores dos conflitos e, principalmente, das necessidades dos moradores locais.

Personalidades Ilustres



Poema escrito por Lauro Nery, publicado em *O Tibagi*, 23 de novembro de 1950.

350 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – segundo caderno, 30 de novembro de 1958.

O discurso competente está para a autorreferência como a presença de personalidades ilustres está para a heterorreferência. Como supracitado, uma das consequências – para não dizer objetivos – do jornal ao publicar notícias sobre o local e o regional era a divulgação do progresso e da prosperidade. Ao discursar sobre a presença de pessoas ilustres na Fazenda Monte Alegre e/ou Cidade Nova, *O Tibagi* conotava status à localidade, voltando os olhares dos leitores do periódico para o “progressista distrito da Terra de Telêmaco Borba”³⁵¹.

Foram quatro as notícias que tiveram como tema principal personalidades ilustres locais, nas quais foram destacadas as qualidades de: Cacildo Batista de Arpelau, que “além do Alto cargo de Chefe da Seção do Pessoal das I.K.P.C. – S.A, é zeloso Sub-Delegado de Polícia de Monte Alegre, funções que vem desempenhando com geral agrado”³⁵²; Péricles Pacheco da Silva, “superintendente da Rádio Sociedade Monte Alegre Ltda. e membro destacado da Diretoria das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S.A”; Lauro Nery do Canto, “grande amigo nosso, de Monte Alegre, grande amigo de ‘O Tibagi’”³⁵³; e Karl Zappert, quando da publicação de sua biografia.

A categoria “Personalidades ilustres” emprestou sentido ao passado anterior à chegada dos industriais à região, quando da exaltação à figura de Telêmaco Morosini Borba³⁵⁴; à gratidão a Horácio Klabin, legitimando e reforçando seus feitos para

351 VERNAY, Borell Du. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 21, 23 de novembro de 1950.

352 Sr. Cacildo Batista de Arpeulau. *O Tibagi*. Monte Alegre – tibagi – Paraná, p. 16, 23 de novembro de 1956.

353 Dr. Lauro Nery do Canto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16, 23 de dezembro de 1957.

354 Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1948.

a construção de um sentimento de reconhecimento³⁵⁵; ao progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre, destacando os feitos de Samuel Klabin em relação ao apoio prestado ao Harmonia Clube³⁵⁶.

Na categoria “Feitos da Klabin”, havia destaque para a presença do então Presidente do Brasil, Getúlio Vargas, em Monte Alegre³⁵⁷. Quando do desenvolvimento industrial, especialmente nos textos escritos por Karl Zappert, havia referências aos ilustres que por aquelas terras passaram: “recordando as inúmeras visitas que, mais uma vez, honraram Monte Alegre com a sua presença, durante este último ano, não há dúvida em constatar, que a mais empolgante, famosa e inesquecível foi a do Senhor Presidente da República, S. Excia. Dr. Getulio Vargas”³⁵⁸, acompanhado do Governador do Estado na época, Dr. Bento Munhóz da Rocha, e dos Ministros da Fazenda e da Viação e Obras públicas, “além de outras personagens ilustres que compunham a sua comitiva”³⁵⁹. De acordo com Zappert, tanto esta como a visita anterior de Getúlio à Monte Alegre, que data de 25 a 27 de janeiro de 1944, foi uma das mais importantes da história local.

Segundo o autor de *História de Monte Alegre*, “é quase

355 NERY, Lauro. Sem Crônica. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1949, O Estádio Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1952, Dr. Horácio Klabin e Pericles Pacheco da Silva, pedestais da tradição alvi-negra. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1956 e FERNANDES, Hellê Vellozo. Os Homens Titãs. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1961.

356 Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1954.

357 Ensino Primário em Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

358 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

359 Ibid ³⁵⁹.

impossível relatar todas as visitas que aqui estiveram durante o ano que passou”, mas não deixou de fazer sua tentativa. Relatou que por ali passaram “uma grande comissão de afamados economistas, chefiados pelo atual [1953] presidente do Banco do Noroeste”³⁶⁰; membros “ilustres”³⁶¹ da Associação Brasileira de Normas e Técnicas; representantes do 1º Congresso Florestal, que apreciaram e elogiaram o serviço de reflorestamento realizado em Monte Alegre³⁶²; professores e estudantes das escolas superiores da Universidade de Curitiba³⁶³; membros das diversas armas militares e de altas patentes da Aeronáutica Nacional, bem como a Escola Superior de Guerra³⁶⁴; industriais estrangeiros³⁶⁵; e uma comitiva composta de “proprietários de importantes jornais brasileiros e de jornalistas, os mais ilustres”³⁶⁶.

Em 1957, Zappert noticiou o falecimento de Wolff Klabin, aproveitando a oportunidade para ressaltar as qualidades do grande chefe e amigo, que, segundo o autor, foi um dos idealizadores e criadores da indústria, bem como de todas as instalações sociais dali. Zappert finalizou suas considerações dizendo: “a perda dêste grande homem foi um rude golpe para Monte Alegre, porém o seu espírito continuará e a sua memória ficará sempre no coração de todos os que com êle colaboraram durante os primeiros anos de desenvolvimento de Monte Alegre”³⁶⁷.

Ao todo, 16 foram as vezes que *O Tibagi* utilizou como

360 Ibid ³⁵⁹.

361 Ibid ³⁵⁹.

362 Ibid ³⁵⁹.

363 Ibid ³⁵⁹.

364 Ibid ³⁵⁹.

365 Ibid ³⁵⁹.

366 Ibid ³⁵⁹.

367 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de dezembro de 1957.

argumento as personalidades ilustres locais, regionais e nacionais; quatro notícias o tiveram como tema principal. A partir da análise duas interpretações são possíveis: o jornal procurou assegurar as qualidades locais a partir da apreciação de sujeitos conhecidos e conceituados da população, ao mesmo tempo e que criou um lugar de reconhecimento para pessoas da própria sociedade montealegrense e/ou cidade-novense.

Menções à cidade de Tibagi

Entre as notícias heterorreferentes sobre o local e o regional foram encontrados dois textos que têm como assunto principal a cidade de Tibagi. A primeira menção foi publicada em 1949 e tratou do terceiro mandato de Leopoldo Leonel de Sá Mercerna Prefeitura Municipal de Tibagi. Já o segundo, publicado em 1957, sem assinatura, trata dos rumos que a cidade vinha tomando:

Tibagi possui muitos fatores favoráveis que poderiam impulsionar o seu progresso, libertando-a da estagnação e do marasmo: bom clima, boas águas, enorme extensão territorial, terras boas para diversas culturas dependendo apenas de métodos modernos para o melhor aproveitamento de suas características. (...) Possui, pois, a comuna, tudo ou quase tudo quanto é necessário para projetar-se no concêrto dos demais municípios paranaenses como um paradigma de progresso. Falta, porém ao tibagiano, em geral, o espírito de iniciativa, o arejamento das idéias e a fôrça de vontade para combater a inercia e o individualismo. O tibagiano não possui o espirito coletivo: (...) São numerosas as pessoas que aqui vivem e ganham sua vida, aqui nasceram e educaram os filhos, mas que se tornam proprietários fóra daqui, desprezando a cidade que lhes deu tudo. (...)

“Tibagi não vai”. (...) A natureza foi pródiga para com Tibagi: clima, águas, terras, gemas preciosas, topografia linda. (...) Falta-nos, portanto, apenas o elemento humano, o tibagiano, evoluir, (...) E, o que é melhor, terá desaparecido essa triste história de que Tibagi “não vai”³⁶⁸.

A leitura desta notícia permite ricas inferências, principalmente em relação à questão identitária do cidadão montealegrense e cidade-novense. A primeira questão que se coloca pressupõe (porque não está explícito no texto, mas conclui-se a partir da experiência reflexiva humana) uma oposição entre o ideal de modernidade presente nos núcleos habitacionais urbanos relacionados à Klabin e o marasmo da pacata Tibagi. Por meio da observação da construção do texto também é possível observar questões relativas ao pertencimento. O autor (oculto, porque esta notícia não foi assinada) parece não saber direito a respeito de sua formação identitária, pois ora escreve sobre Tibagi de modo impessoal, ora se coloca como participante da história do município. Talvez seja por este motivo que o jornal *O Tibagi*, quando da publicação de notícias referentes à história local e regional, as apresente como uma curiosidade, sem filiação.

Outra questão que merece destaque diz respeito à utilização do termo cidade/município para referir-se à Fazenda Monte Alegre e à Cidade Nova, muito antes da emancipação do local. Apesar do Estado se fazer presente nos núcleos populacionais urbanos ligados à Klabin por meio de Tibagi, quando o assunto era o desenvolvimento urbano, econômico e social, Monte Alegre e Cidade Nova se destacavam em relação ao município pertencente. Acredita-se que o motivador desse discurso foi a noção de progresso e a oposição campo x cidade, também presente no ideal de modernização vigente.

368 Tibagi Não vai. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16, 23 de dezembro de 1957.

Como estratégias para a construção de outros sentidos, as menções à cidade de Tibagi estão presentes quando o assunto principal foi a autovalorização, o passado anterior à chegada dos industriais à região, personalidades ilustres, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre e Cidade Nova e seu desenvolvimento, totalizando 11 ocorrências. Tais alusões foram bastante ligeiras, citando a cidade apenas para situar geograficamente a indústria Klabin³⁶⁹ ou as histórias de vida de Karl Zappert³⁷⁰ e Telêmaco Morocines Borba³⁷¹.

*Autovalorização*³⁷²

Entre as notícias heterorreferentes sobre o local e o regional identificadas nas edições especiais de aniversário foi encontrada apenas uma em que a autovalorização foi o assunto central do texto:

As Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A, com as suas Fabricas e os seus núcleos de população, de escritórios e de operários, situadas em Monte Alegre, município de Tibagi, neste Estado, são no gênero o maior potencial industrial da América do Sul³⁷³.

369 Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1948.

370 MARENDIA, João. Traços Biográficos Dr. Karl Zappert. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1956.

371 Nossa Homenagem a Tibagi – Cel. Telêmaco Borba. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

372 Nesta categoria, foram classificados os trechos das notícias de heterorreferencialidade sobre o local e o regional que exaltam o reconhecimento da Klabin e, por extensão, Monte Alegre e Cidade Nova.

373 Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1948.

Por se tratar de uma notícia presente no primeiro exemplar do jornal *O Tibagi*, momento em que o contrato de leitura começou a ser estabelecido, fez-se necessária a referência à cidade de Tibagi, uma vez que o periódico não era veiculado apenas dentro dos limites da Fazenda Monte Alegre. Era necessário situar o leitor para que o discurso sobre o progresso e a prosperidade local contribuíssem à sua autovalorização.

A autovalorização foi utilizada 18 vezes como estratégia linguística na construção de outros sentidos. A principal recorrência de autoafirmação encontra-se relacionada ao desenvolvimento industrial local. Afirmavam-se como a maior fábrica de papel da América do Sul³⁷⁴, que, por sua vez, possuía a maior máquina de papel da América do Sul³⁷⁵, da qual a imprensa brasileira se abastecia³⁷⁶.

Ainda em relação ao maquinário, a autovalorização exaltava a qualidade de tais equipamentos fazendo referência à sua qualidade, capacidade³⁷⁷, modernidade³⁷⁸ e exclusividade³⁷⁹. Este reconhecimento se estendia aos produtos fabrica-

374 Em alguns momentos referem-se à Klabin como a maior fábrica de papel da América Latina. CAMARGO, Otavio. Notícias do Município – Monografia histórica corográfica de Tibagi. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 02, 23 de novembro de 1948; Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1950; Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 23, 23 de novembro de 1952; e Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1956.

375 ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1952.

376 Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1950.

378 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1954 WILLER, Vilém. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16, 23 de novembro de 1959.

379 ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre –

dos por meio de tais máquinas e comercializados pela Klabin:

[...] o mercado nacional aceitou, em ritmo crescente, os nossos produtos, reconhecendo, assim que estes produtos atingiram nível igual aos produtos estrangeiros, muito especialmente, no que diz respeito à celulose. As fábricas de papel de todos os estados do país, não faltaram com elogios á bôa melhora alcançada aqui. Desta maneira, a indústria de Monte Alegre se colocou na vanguarda, junto ás indústrias idênticas de outros países³⁸⁰.

Outra estratégia para a autovalorização versou sobre as construções locais: o Hotel Ikapê só poderia ser comparado aos das capitais³⁸¹; o Estádio Monte Alegre “continua sendo” o mais completo e moderno do interior do Estado do Paraná³⁸²; o grupo escolar e o jardim de infância eram modelares, como poucos estabelecimentos escolares no país³⁸³; o hospital de modernas instalações, oferecia serviços cirúrgicos e de raios-X como poucos no Paraná³⁸⁴; a impressionante arquitetura suíça da sede do Harmonia Clube³⁸⁵; e a instalação dos

Tibagi – Paraná, p. 11, 23 de novembro de 1956 e ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12, 23 de novembro de 1958.

380 ZAPPERT, Karl. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1952.

381 Aspectos de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 23, 23 de novembro de 1952.

382 O Estádio Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1952.

383 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12, 23 de novembro de 1953.

384 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1954.

385 Harmonia Clube. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 14, 23 de novembro de 1956.

bondes aéreos sobre o rio Tibagi, “os únicos no gênero em todo o Brasil”³⁸⁶.

A última estratégia linguística de autovalorização tratou dos feitos locais, como a produção de fubá da Secção de Agronomia, “tão bom quanto qualquer outro”³⁸⁷, e a vitória do Clube Atlético Monte Alegre no campeonato paranaense de 1955, “a mais bela conquista jamais conseguida por clubes interioranos”³⁸⁸.



Time campeão paranaense, 1955.

386 Cidade Nova. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de novembro de 1956.

387 Passeio à Colônia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de dezembro de 1957.

388 Clube Atlético Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03, 23 de novembro de 1959.

O que chamou a atenção na utilização da autovalorização como argumento para a construção dos textos jornalísticos heterorreferentes foi a ênfase dada, especialmente, em relação à indústria e, por extensão, ao progresso e à prosperidade na Fazenda Monte Alegre.

Como é sabido, o jornal era distribuído não somente nos limites da Fazenda e em Cidade Nova, mas os extrapolava, chegando ao conhecimento da população em geral, fossem eles investidores ou trabalhadores. Assim, tais estratégias discursivas contribuíram na construção da imagem da Fazenda Monte Alegre, atraindo o olhar para o local. Tal postura parece ter obtido êxito. Segundo Dona V., seus pais vieram de Paranaguá, pois a notícia de trabalho na Klabin, que “já era conhecida no mundo inteiro”, havia se espalhado³⁸⁹.

Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional

O discurso a respeito da contribuição da Klabin – e, por extensão, de Monte Alegre e Cidade Nova – para o desenvolvimento regional e nacional não aparece em nenhuma das 77 notícias de heterorreferencialidade como assunto principal. Entretanto, onze foram as vezes em que este argumento foi utilizado como estratégia discursiva na construção de outros sentidos, tais como: Cidade Nova e seu desenvolvimento, desenvolvimento industrial, feitos da Klabin, personalidades ilustres, progresso e prosperidade na Fazenda Monte Alegre e relacionamento e vivência em Monte Alegre.

As referências à contribuição para o desenvolvimento

389 VIEIRA, A.F.B. Entrevista concedida por Dona V. em 17.04.2014.

regional e nacional são recorrentes nos textos escritos e/ou relacionados a Karl Zappert, especialmente em “História de Monte Alegre”. Como mencionado, esta coluna, publicada anualmente, descreveu os principais acontecimentos relacionados à Klabin, com ênfase no desenvolvimento industrial. Para tanto, versou sobre a contribuição da indústria para a imprensa, por meio da fabricação de papel jornal³⁹⁰ e de “vários tipos de papel que vinham escasseando ultimamente”³⁹¹. Além disso, contribuiu para a construção de um imaginário acerca da função do trabalhador local: “acho que todos os que aqui trabalham devem orgulhar-se deste fato, pois que demonstra entre outras coisas, uma boa vontade e um senso de responsabilidade extraordinários de todos os operários daqui em bem servir à Pátria”³⁹².

Karl Zappert também escreveu uma “Carta a um bom amigo”, discorrendo a respeito de sua opinião diante dos conflitos vivenciados pelos empregados da fábrica. Nela, fez referência à contribuição local para o desenvolvimento regional e nacional, dizendo: “continue trabalhando com afinco e interesse, como sempre o fez assim procedendo. Você é a nossa indústria e com ela, toda a nação progredirá, dando margem a que cada filho da nossa terra melhore suas condições de vida”³⁹³.

390 KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1951 e KARL, Zappert. A História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1952.

391 KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 07, 23 de novembro de 1954.

392 KARL, Zappert. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 12 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

393 KARL, Zappert. Um pouco de filosofia do trabalho (Carta a um bom Amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

Como as fontes demonstram, o discurso a respeito da contribuição da Klabin – incluindo a Fazenda Monte Alegre e Cidade Nova – foram frequentes nos escritos de Karl Zappert. Este tipo de referência não foi deixada de lado quando Vilém Willer assumiu a função de descrever o desenvolvimento industrial local, em decorrência do regresso de Zappert para a Europa:

A construção e a montagem da Máquina 5 ocuparam o primeiro semestre do ano. Com os esforços concentrados do pessoal técnico, foi terminada a contagem dentro do prazo programado e a máquina iniciou seu funcionamento regular no dia 17 de julho. A capacidade de aproximadamente 3500 kg por hora de celulose, seco ao ar, ultrapassa o programa prévio e permite uma produção bruta de 3.000 toneladas por mês, vendidas às outras fábricas de papel, economizando ao país cambiais, pela redução da importação de celulose estrangeira.³⁹⁴

A “Contribuição para o desenvolvimento regional e nacional” como estratégia discursiva na construção argumentativa sobre o desenvolvimento industrial local contribuiu na instituição do imaginário acerca do papel do trabalhador da indústria Klabin, ao mesmo tempo em que modulou seu comportamento - uma vez que o operário deveria esforçar-se ao máximo para contribuir com a riqueza coletiva³⁹⁵.

A contribuição local para a industrialização não esteve atrelada somente à indústria de papel, mas também a outra realização Klabin: o plantio de oliveiras, que, segundo o jornal *O Tibagi*, resolveria um dos problemas nacionais (importação). A Olibrasa S/A é “um projeto que honra o Brasil [...] e temos a

394 WILLER, Engº Vilém. Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 16, 23 de novembro de 1959.

395 NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

certeza de que esta realização será um orgulho não só para nós, mas também para o Paraná porque assim, de fato, se trabalha pelo Brasil”³⁹⁶.

A respeito de Cidade Nova, se trata de:

Uma modificação completa do aspéto e do panorama da região rural de Monte Alegre, se constituiu no início da construção da Nova Cidade, sita ao lado esquerdo do rio Tibagi e, aliás, exatamente oposta á fábrica. [...] A área de Nova Cidade foi loteada no princípio deste ano e, já estão sendo erguidas numerosas novas casas, destinadas aos futuros lares e estabelecimentos modernos. Espera se, que no próximo ano, este novo empreendimento se desenvolverá grandemente, contribuindo, assim, para o maior progresso do Estado do Paraná³⁹⁷.

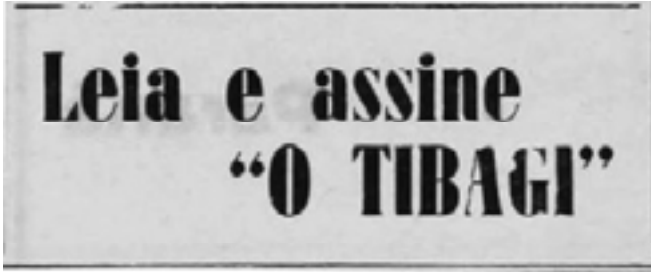
As modificações no aspecto da paisagem local, dentro da perspectiva da modernização e industrialização, também contribuíram ao desenvolvimento regional e nacional quando da construção da “maior usina hidro-elétrica do Paraná, ainda com a vantagem de haver agora excesso de enêrgia elétrica, coisa, hoje, tão rara no país”³⁹⁸ e da ponte sobre o rio Tibagi, ligando a Fazenda Monte Alegre à Cidade Nova.

396 MARENDIA. O que é o que pretende fazer em Cidade Nova a OLIBRASA S/A. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 03 – terceiro caderno, 23 de dezembro de 1957.

397 ZAPPERT, Karl. História de Monte Alegre. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05, 23 de novembro de 1952.

398 WILLER, Vilém. Retrospecto. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 25, 23 de novembro de 1951.

Inferências gerais sobre a heterorreferência no jornal O Tibagi



Publicação recorrente nas edições.

Ao analisar o conteúdo dos textos do jornal *O Tibagi* sobre o local e o regional foi possível perceber que os discursos autorreferentes e heterorreferentes são complementares, uma vez que o detentor do poder simbólico precisa, primeiramente, assegurar seu lugar de construtor de realidade à população. Em outras palavras, o jornal necessitava assegurar sua posição de enunciador, firmar seu contrato de leitura com o público, para então (in)formar as pessoas sobre a história local, preenchê-los de sentidos.

Em *O Tibagi*, a heterorreferência contribuiu à formação de sentidos no que diz respeito ao imaginário sobre a “maior fábrica de papel e celulose da América do Sul”³⁹⁹ e à valorização local e das pessoas ilustres que por ali passaram, pois “Cidade Nova é a cidade que cresce”⁴⁰⁰ e a Fazenda Monte Alegre é um progressista distrito⁴⁰¹, em decorrência do desenvolvimento

399 Notas Paranistas. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 04, 23 de novembro de 1948.

400 Cidade Nova – A Cidade que Cresce. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01 – segundo caderno, 23 de dezembro de 1957.

401 VERNAY, Borell Du. Monte Alegre – um luminoso marco na estrada. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 21, 23 de novembro de 1950.

industrial e da benevolência da Klabin. Soma-se a isso a modulação de comportamentos no que diz respeito ao relacionamento e à vivência em Monte Alegre por meio de narrativas que incentivavam o trabalhador a contribuir para o progresso da nação⁴⁰², a ter relações harmoniosas⁴⁰³ e ser agradecido ao seu chefe e amigo Horácio Klabin⁴⁰⁴.

Ao observar as categorias emergentes na análise de conteúdo heterorreferente, é possível questionar a participação do jornal na construção do discurso fundador de Telêmaco Borba, já que poucas foram as menções ao passado anterior à chegada dos industriais e à cidade de Tibagi. Todavia, foi justamente a ausência de filiação ao passado e o fato da população ser atingida por inúmeros outros discursos que confirmaram o discurso fundador local.

402 ZAPPERT, Karl. Um pouco de filosofia do Trabalho (Carta a um bom Amigo). *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 05 – terceiro caderno, 23 de novembro de 1953.

403 NERY, Lauro. Harmonia. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 01, 23 de novembro de 1948.

404 Monte Alegre e os festejos de 15 de novembro – Solenidades Cívicas – Consagradora Homenagem ao dr. Horácio Klabin – Churrascada – Inauguração do pôsto de reabastecimento “Esso”. *O Tibagi*. Monte Alegre – Tibagi – Paraná, p. 08, 23 de novembro de 1949.

Considerações finais



Fotografia antiga do bonde aéreo.

A compreensão da noção de região empregada neste livro permite extrapolar os limites e fronteiras de um município, pensando sua história local a partir de todos os sujeitos que por ali já passaram. Dessa forma, a história de Telêmaco Borba, em relação ao histórico publicado no site da Prefeitura Municipal, não teve início em 1941, com a compra das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre pela família Klabin, mas é anterior, pois por ali passaram indígenas, bandeirantes, tropeiros, sesmeiros, trabalhadores. Entretanto, como visto na primeira parte do trabalho, as relações políticas e de poder estabelecidas pelo grupo Klabin contribuíram à “inauguração” do local com a chegada do empreendimento.

Para manter-se no poder, o grupo Klabin precisava afirmar sua posição de construtor da “realidade”. Nesse sentido, o jornal de propriedade de Horácio Klabin desempenhou papel fundamental nesta legitimação. Em igual medida, para *O Tibagi*, também foi necessário garantir seu lugar de enunciador, firmando um contrato de leitura com o público, para, então, produzir efeitos de sentido. Assim, as estratégias utilizadas na construção de sua imagem para a população montealegrense foram a autorreferência e a heterorreferência.

Os discursos de autorreferência e heterorreferência publicados no jornal tratavam de temas locais e regionais e permitiram inferir a respeito da visão do grupo e das estratégias argumentativas por ele utilizadas. Esses discursos visavam preencher a população de sentidos, buscando formar uma visão homogênea sobre a história local. Assim, as narrativas disseminadas tratavam: de enaltecer o lugar e a empresa; do desenvolvimento de Cidade Nova, conotando seu surgimento a Horácio Klabin, que por este e outros motivos seria digno da gratidão da população; da contribuição da Klabin no incremento do estado e da nação; do desenvolvimento industrial local, visando atrair trabalhadores e investidores; da benevolência da Klabin com seus feitos assistencialistas em relação aos seus empregados; da constante presença de personalidades ilustres no local, conotando prestígio à Monte Alegre; da modulação de comportamentos, bem como do relacionamento entre patrões e empregados. Tais discursos, em maior ou menor medida, foram apropriados pelos leitores de *O Tibagi*, contribuindo para formação de sentidos sobre o local e o regional, e, sobretudo, sobre sua própria identidade.

Ao mesmo tempo, a história anterior à indústria foi “esquecida” para dar lugar a uma outra, construída, sistematizada discursivamente conforme interesses particulares. Há aí, no lugar do resgate do passado, a instauração de uma história inaugurada com a chegada da indústria, do novo, do moderno ao lugar – em conformidade com os ideais da época. O que fez o discurso disseminado pela Klabin, por meio do jornal *O Tibagi*, foi a criação de uma nova tradição, “ele re-significa o que veio antes e institui aí uma memória outra” (ORLANDI, 2003, p. 13), desautorizando o sentido anterior. Nesta prática, “instala-se uma outra ‘tradição’ de sentidos que produz outros

sentidos neste lugar” (ORLANDI, 2003, p. 13), que ao tornar-se familiar, a história passa a ser percebida como evidente, que foi assim e que só poderia ser daquele jeito.

Se, por ventura, as menções feitas à cidade de Tibagi e ao passado anterior à chegada dos industriais tivessem um sentido de filiação⁴⁰⁵, e não fossem considerados principalmente acontecimentos curiosos dignos de nota pela peculiaridade que têm⁴⁰⁶, certamente a identidade do cidadão telemacoborbense seria outra.

Acredita-se, dessa maneira, que a influência do jornal *O Tibagi* na construção do discurso fundador de Telêmaco Borba não esteve no fato deste ter publicado uma história sistemática sobre o local, porque não o fez. Antes, trata-se do não contar, do não-dizer, que também é necessário para que o sentido que se pretende dar fizesse sentido. Foi justamente esta ausência de filiação ao passado que contribuiu para a familiarização dos leitores com outros discursos. A disseminação de narrativas sobre a chegada do progresso àqueles “sertões”, entre outras estratégias argumentativas já exploradas, emprestou sentido à criação de uma nova história para o lugar, com data de inauguração: 1941, com a aquisição das terras correspondentes à Fazenda Monte Alegre pelas Indústrias Klabin. A partir de tais discursos, a identidade dos trabalhadores da indústria e suas famílias, oriundas de diversas partes do país e do exterior, foi formada tributando a existência do lugar à indústria.

405 Na história oficial de Telêmaco Borba não existe filiação aos acontecimentos anteriores à chegada da Klabin à localidade. Esta filiação foi construída e reforçada em relação às ações da indústria.

406 Para Orlandi (2008), existem momentos em que um discurso se faz passar por outro, ou seja, “apaga-se o discurso histórico e produz-se um discurso sobre a cultura. Com efeito deste apagamento, a cultura resulta num ‘exotismo’” (ORLANDI, 2008, p. 21).

Admite-se a existência de outras possíveis influências ao discurso fundador de Telêmaco Borba. Entretanto, neste trabalho optou-se por analisar um fragmento desse universo de sentidos produzidos que contribuiu para a construção da história oficial do município. Por mais que o jornal *O Tibagi* tenha sido publicado há aproximadamente 70 anos, até os dias atuais é utilizado como referência para os escritos a respeito da cidade. Por essa razão, segue emprestando sentido ao que Pollak (1992) chamou de memória herdada. Essa herança contribui para a associação de elementos distantes espaço-temporalmente àquele que rememora e para a cristalização de uma história e de uma memória parcial, mas que passam, sem questionamentos, de geração em geração com elevados graus de identificação. Nesse sentido, espera-se que este livro tenha contribuído para a desconstrução dessa história única, que silenciou outras possibilidades históricas para tornar Telêmaco Borba a “cidade da Klabin”.

Referências

BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa:** Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BREFE, A. C. F. Pierre Nora, ou o historiador da memória (entrevista). **História Social**, Campinas – SP, n.06, 1999, p. 30.

CARVALHO, D. R. **Telêmaco Borba – o município:** História política da capital do papel e da madeira. Curitiba: O autor, 2006.

CENTRO DE MEMÓRIA DA KLABIN. **Histórico do Sr. Horácio Klabin.** s/d.

CERRI, L. F. **Ensino de História e consciência histórica:** Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

CHAUÍ, M. O Discurso competente. In: CHAUÍ, M. **Cultura e Democracia.** São Paulo: Cortez, 1989.

COELHO, N. N. **Dicionário Crítica de Escritoras Brasileiras:** 1711-2001. São Paulo: Escrituras Editora, 2002. Disponível em: http://books.google.com.br/books?id=hn8f_Vs-mZAC&pg=PA251&lpg=PA251&dq=Hell%C3%AA+Vellozo+Fernandes+faleceu+em&source=bl&ots=tQpqQnkWZ7&sig=OgoRmAMXkXjyiWYgRyvcJIU8oNE&hl=pt-BR&ei=-DloTvOkEYWtgQfQw4wC&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=8&ved=oCEkQ6AEwBw#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 02 maio 2013.

CORAIOLA, A. M. S. **Capital do Papel:** a história do município de Telêmaco Borba. Curitiba: A. M. S. Coraiola, 2003.

CUNHA, A. C. **Homem de Papel:** Análise Histórica do Trabalhador das Indústrias Klabin do Paraná de Celulose S/A (1942-1980). Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1982.

DAMASCENA JR., G. **O discurso de modernidade na Era Vargas como instrumento de poder e na afirmação de uma classe de gestores no estado brasileiro.** Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20\(21\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2007/doc%20(21).pdf). Acesso em 23 dez. 2014.

ENNE, A. L. S. Memória, identidade e imprensa em uma

perspectiva relacional. **Revista Fronteiras** – estudos midiáticos. VI(02): 101-116, jul./dez., 2004.

FAUSTO NETO, A. Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos. In: Diálogos Possíveis - **Revista da Faculdade Social da Bahia**. Ano 6, n. 2, jul./dez Salvador: FSBA, 2007.

FAUSTO NETO, A. **Mutações nos Discursos Jornalísticos**: Da ‘construção da realidade’ a ‘realidade da construção’. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf>. Acesso em: 28 out. 2014.

FERNANDES, H. V. **Monte Alegre - Capital do Papel**. Curitiba, 1974.

FONSECA JR., W. C. Análise de Conteúdo. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FOSSÁ, M. I. T.; RIBEIRO, D. B. A produção de sentidos em discursos jornalísticos por meio de estratégias de imagem. **Revista Comunicação Midiática**, v.5, n.1, p. 61-75, set./dez., 2010.

FRANCISCATO, C. E. A construção do campo do jornalismo em uma perspectiva histórica. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-18, jan./jun., 2008.

GALVÃO, O. C.; SANTOS, M. J. C. **Nas ondas do rádio**: nascimento e evolução da radiofonia em Telêmaco Borba. Telêmaco Borba, 2011.

GINZBURG, C. **Relações de força**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GOMES, A. C. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. *In: **História da vida Privada no Brasil***. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In: PINSKY, C. B. (org.). **Fontes Históricas***. São Paulo: Contexto, 2005.

LUHMANN, N. **A realidade dos meios de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MARGALHO, M. G. **Klabín**: os empresários, a empresa e as estratégias de construção da hegemonia (1930-1951). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

MELO, I. A. A defesa de uma nova objetividade jornalística: a intersubjetividade. BOCC. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 01, p. 07, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-intersubjectividade.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

MOURELLE, T. C. Apontamentos sobre a modernidade e seus reflexos sobre o Brasil do século XX. *In: **Revista Contemporânea – Dossiê Nuestra America***. Ano 2, nº2, 2012.

NORA, P. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: dez. de 1993.

OLIVEIRA, R. R. R. **A “Marcha para o Oeste” no Brasil:** entre a civilização e o sertão. Tese. (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso** – Princípios & Procedimentos. 10. ed. Campinas, SP – Pontes Editores, 2012.

ORLANDI, E. P. **Terra à vista.** Discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo. Editora Cortez, 2008.

ORLANDI, E. P (org.). **Discurso Fundador** – A formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas, SP: Pontes, 3. ed., 2003.

PASSOS, J. **O Brasil em movimento.** São Paulo: Saraiva, 2013.

POLLAK, M. “Memória e identidade social”. *In: Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio.” *In: Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: vol. 2, n. 3, 1989.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. **Histórico.** Disponível em: http://www.pmtb.pr.gov.br/a_cidade/historico/historico.php. Acesso em: 15 fev. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TELÊMACO BORBA. **Plano Diretor de Desenvolvimento de Telêmaco Borba.**

Disponível em: [http://www.telemacoborba.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20\(completo\).pdf](http://www.telemacoborba.pr.gov.br/plano_diretor/Analise%20Tematica/perfil%20(completo).pdf). Acesso em: 26 fev. 2015.

RIBEIRO, A. P. G. Jornalismo, literatura e política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n. 31, 2003, p.147-160.

SGORLA, F.; FOSSÁ, M. I. T. Estratégias e operações de autoreferencialidade no Telejornalismo. In: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. **Anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. São Paulo, 2008.

SOUSA, J. P. Por que as notícias são como são? Construindo uma teoria da notícia. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 2002. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2014.

WILLER, M. **Harmonia**: uma utopia urbana para o trabalho. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997.

FONTE:

O Tibagi - Monte Alegre – Paraná - Edições nº 01, nº 52, nº 103, nº 154, nº 203, nº 250, nº 298, nº 396, nº 445, nº 491, nº 540, nº 583, nº 636, nº 682, nº 720 e nº 780.

